NA PÁG. 3: A ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA, PELO PROF. VITORINO DE MAGALHÃES GODINHO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1970 N.º 17 063 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

ALÉM DE 13 VIAGENS E TRÊS AUTOMÓVEIS

OFERECE AOS LEITORES DO «DIÁRIO DE LISBOA»

VALIOSOS PRÉMIOS EM ELECTRODOMÉSTICOS

VIAJAR: sonho de tantos, ao alcance de tão poucos! Vamos procurar que alguns o realizem, através do nosso sensacional concurso «Férias no Mundo», que dentro de dias se iniciará e que — a avaliar pelo número de perguntas telefónicas e escritas que temos recebido — está a despertar o maior interesse entre os leitores do «Diário de Lisboa».

(LER NA PAGINA 3)

«Déficit» preocupante da balança comercial

— SEGUNDO UM RELATÓRIO DO B. N. F.

O «DEFICIT» da balança comercial da metrópole (11 734 milhares de contos em 1969) começa a tornar-se preocupante, sobretudo se for interpretado em termos da sua contribuição para o saldo da balança de pagamentos. É certo que o «deficit» em 1969 acusou ligeiro decréscimo em relação ao de 1968, ano em que atingiu 11941 milhares de contos. Mas é preciso não esquecer que este foi o mais elevado de sempre.

A balança comercial da Metrópole fechou o ano de 1969 com um saldo negativo de 11 734 milhares de contos — segundo se lê na «Análise da Conjun-

(Continua na 16.ª página)

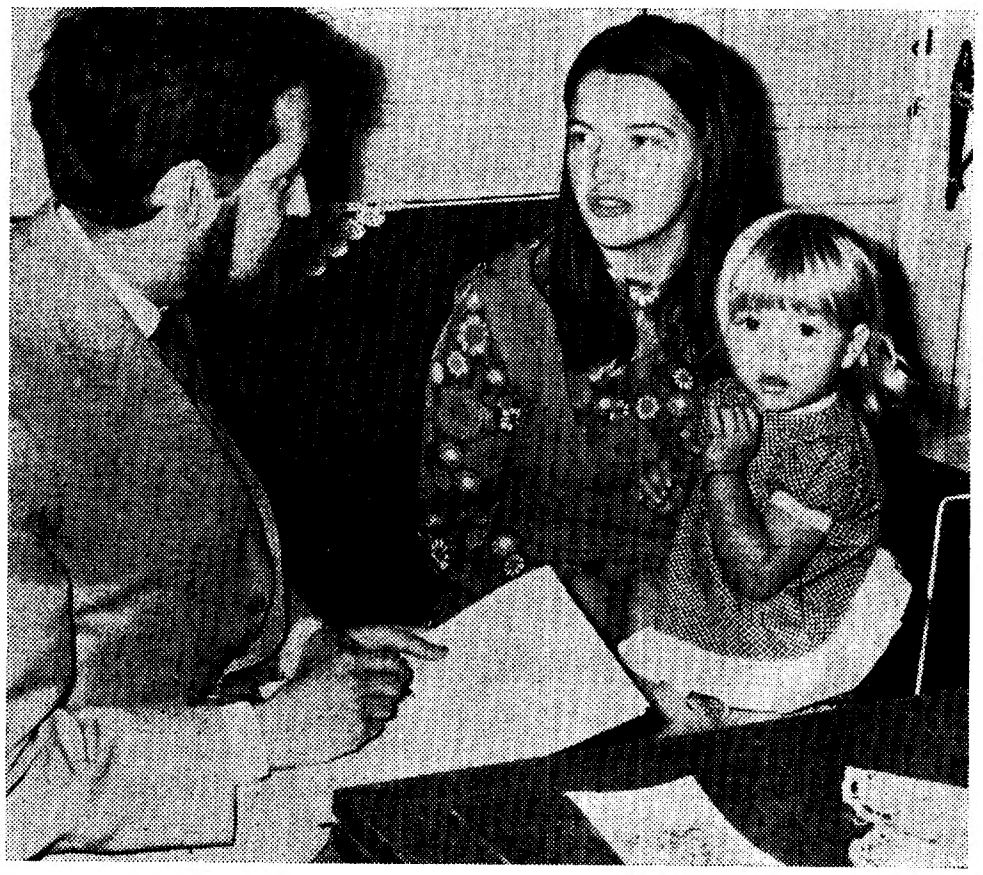
EDWARD HEATH, sorridente, prepara-se para a árdua tarefa de governar a Inglaterra. Entretanto, tudo leva a crer que o novo Governo inglês encetará uma política de boas relações com os regimes brancos do Sul da África

Nenhuma reacção no Equador ao novo regime

QUITO, 23 — (F. P. e R.) — Nenhuma reacção ao novo regime de ditadura civil a que passou o Equador foi ainda assinalada em Quito por parte dos partidos políticos. As casas comerciais, os bancos, os cinemas e as administrações publicas suspenderam as suas actividades, o mesmo se verificando em relação aos estabelecimentos de ensino. Guarnições militares mantêm-se no interior da Universidade central, do Palácio da Justiça e do Palácio do Congresso. Patrulhas da Polícia percorrem as ruas da capital.

Segundo uma fonte oficiosa, mais de cem pessoas foram presas ontem de manhã em Quito, Guayaquil e Loja, todas por razões políticas. Na capital foram detidos políticos da extrema esquerda.

Uma ditadura virtual governava hoje este país sul-americano, após o presidente eleito, José Maria Velasco Ibarra, deposto durante três dos seus anteriores quatro mandatos como chefe de Estado, agir para evitar o que classificou como caos e anarquia, inspirados por extremistas.



Afinal, o jogador Pena, do Varzim, que se dizia ter fugido ou sido vítima de um rapto, estava, simplesmente, na sua casa de Lisboa, onde foi visitar a mulher e a filhinha, de 10 meses, que está doente. O jogador teria pedido autorização para esta visita e ela foi-lhe negada terminantemente, embora houvesse tempo. Por isso, resolveu dar um salto a casa, mas caiu e feriu-se, pelo que não pôde voltar a tempo ao aeroporto da Portela. Esta a versão do caso que esta manhã nos foi fornecida pela mulher do futebolista, que vemos na gravura com a filha

Heath procurará chegar a acordo com a Rodésia

LONDRES, 23 — (R.) — O novo Governo conservador da Grã-Bretanha actuará cautelosamente para cumprir uma promessa eleitoral: fazer novas diligências para chegar a acordo com a Rodésia. Fontes bem informadas afirmaram a noite passada que a actuação no sentido de resolver o problema rodesiano será lenta e calculada porque o caso é delicado.

No seu manifesto eleitoral, os conservadores prometeram fazer uma nova diligência para encontrar uma solução justa e sensata para o problema da colónia dissidente, que se declarou a si própria uma Republica, com um Governo de minoria branca.

As mesmas fontes declararam que as sanções continuariam, pelo menos até se conhecerem os resultados de qualsquer negociações.

Aparentemente, o Governo não considera necessário ter uma representação em Salisbury para estabelecer contactos com o regime de Ian Smith.

As mesmas fontes disseram que qualquer discussão sobre a possível venda de armas á África do Sul para defesa externa se efectuaria através de canais diplomáticos.

(Continua na 10.ª página)

DE ONTEM PARA HOJE

O MUSEU DE ARTE SACRA

O Norte conta com monumentos religiosos dos primeiros do País e os esplendores do culto têm tido, através dos séculos, repercussão grande em todas as terras nortenhas. Repercussão religiosa e repercussão social. E naturalmente que ao culto se entrelaça importante actividade artística desde a escultura á pintura, á ourivesaria, aos tecidos e bordados. Estranho era, por isso, que no Porto não houvesse um Museu de Arte Sacra, embora artigos do culto se achassem dispersos por todos os museus. Espírito de artista e arqueólogo distinto aquele antigo reitor do Seminário Maior do Porto, D. Domingos de Pinho Brandão, ora bispo auxiliar de Leiria, tomara a peito a organização do nucleo museológico sacro. E realizou-o em salas anexas ao próprio seminário. Profundamente remodelado agora, o Museu reabriu ontem junto á Sé portucalense. Museu verdadeiro é todo aquele conjunto do morro granítico onde se contam a catedral, o paço, a igreja do Colégio, o pobre bairro do Barredo, aquele rosário de casas brasonadas da Rua de D. Hugo, com o recheio de Guerra Junqueiro; museu verdadeiro é tudo aquilo. Mas isso é outra história. Ontem reabriu o Museu de Arte Sacra do Porto. E, é claro, meteu cerimónia grande, assim como se fosse de pontifical. E lá estava a figura apostólica e vertical de D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, D. Domingos Pinho Brandão a rever-se encantado na sua obra, o bispo de Ciudad Rodrigo, D. Demétrio Mansilha, que teve como seu diocesano, não há muito tempo, o próprio D. António Ferreira Gomes. E além dos eclesiásticos: o presidente da Camara Municipal, eng.º Nuno de Vasconcelos Porto, o comandante da 1.ª Região Militar, general Julio Pereira, o deputado dr. José da Silva, e quantos no Porto têm nome intelectual ou oficial. O Porto conta com o seu Museu de Arte Sacra, não tendo ainda os esplendores daquele de São Roque, em Lisboa, mas é o nucleo primeiro, e as grandes coisas também já foram pequenas.

NA CASA DE MOÇAMBIQUE

São nucleo importante populacional de Moçambique os muçulmanos. E a prova de boa convivência e civismo foi a recepção que ontem deram na Casa de Moçambique em honra do bispo de Vila Cabral, D. Eurico Dias Nogueira. Presentes, personalidades como o antigo governador-geral de Moçambique, almirante Sarmento Rodrigues e o actual ministro da Educação, prof. Veiga Simão, a Moçambique tão estreitamente ligado. Saudou o prelado o dr. Suleiman Valy Mamede, presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa, e entre as saudações feitas note-se também a do dr. Semtob Sequerra, pela Comunidade Judaica de Lisboa. Quer dizer que temos a paz religiosa na comunidade portuguesa.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. dr. Gonçalves Rapazote, ministro do Interior; comandante Sacramento Monteiro, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; engs. Horácio de Moura e Araujo Vieira, respectivamente governador civil e presidente da Camara Municipal de Coimbra; dr. Freitas Pimentel, governador do distrito autónomo da Horta; prof. dr. Gonçalves de Proença, deputado por Viana do Castelo; brigadeiro dr. Ricardo Horta, presidente nacional da Cruz Vermelha Portuguesa; comendador Adriano de Seabra, com o sr. dr. Adriano Seabra da Veiga; António José Lousa e José Azevedo e Silva.

NO QUARTEL DO CARMO

O ministro do Interior presidiu ontem ao jantar de homenagem que, no Quartel do Carmo, os oficiais do comando-geral e os comandantes das unidades ofereceram ao general Pereira de Castro, que atinge o limite de idade e passa á reserva. Deixa portanto o comando da G. N. R.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Operários da construção civil trabalhavam num bloco da Estrada de Circunvalação, junto a Matosinhos. Ao nível do terceiro andar estavam António Pinto Paulino, de 48 anos, pedreiro, casado, e Armando Marinho, de 54, também pedreiro e também casado. Em dada altura, o balde da grua apanhou os dois e atirou-os a terra. Morreram ambos a caminho do Hospital de S. João.

SOB O TRACTOR

Era o seu ganha-pão, e foi o seu instrumento de suplício e morte. Num terreno montanhoso, no lugar dos Moinhos do Meio, Santa Eulária, perto de Arouca, trabalhava com o tractor Fernando da Silva Feiteira, de 19 anos. Ia fazer inversão de marcha, mas o atrelado voltou-se, e arrastou a máquina e sob ela ficou o pobre tractorista, morto.

6.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 23 de Junho de 1970

O pessoal da Sacor beneficia dê um regime especial de pensões na reforma e de sobrevivência

A Sacor, que em 1964 instituira um plano complementar de reformas para o pessoal ao seu serviço, plano esse que mereceu significativa actualização logo dois anos depois, comportando benefícios de marcado alcance social que ficaram a abranger a totalidade dos empregados e operários da empresa (em numero aproximado a 3500), decidiu, recentemente, e com vigência a partir de 1 do próximo mês de Julho, adoptar, também, um esquema complementar relativamente às pensões de sobrevivência, e correspondente àquele.

Tal iniciativa, inserindo-se num conjunto de medidas que tem procurado acautelar, com a possível eficiência, e nos mais variados aspectos, a segurança dos colaboradores da importante empresa e dos respectivos agregados familiares, veio compdetar o esquema a que obedeceu a criação, decidida há seis anos pelo Conselho de Administração da Sacor, do Fundo de Previdência privativo, o qual implicou, naturalmente, a contracção de vultoso encargo financeiro, inteiramente a seu cargo.

O plano complementar para as pensões de sobrevivência, relativamente ao regime oficial em vigor, a que a empresa aderiu voluntàriamente a partir de 1 de Agosto do ano passado, estabelece agora, para o pessoal da Sacor as mesmas vantagens daquele outro, de que é homólogo, já que o valor que virá a servir de base ao cálculo da pensão de sobrevivência será determinado nos termos nele estabelecidos para os casos de reforma.

Comunicada a todo o pessoal em serviço nas diversa dependências da Sacor existente em todo o País, a resolução tomada pela Administração da empresa teve o melhor acolhimento, já que correspondia à satisfação de uma aspiração legítima.

E, ontem numerosa delegação de empregados e operários, muitos deles vindos de vários pontos do Continente, em representação de todo o pessoal, compareceu na sede da Sacor, a fim de significar o seu reconhecimento pela importante ampliação dos benefícios de ordem social de que já aproveitava, tendo sido recebidos pelos presidente e vice-presidente do Conelho de Administração, srs. prof. Costa Leite Lumbrales e eng.º Duarte do Amaral; e administradores srs. Aristide Saim, drs. Armando Stichini Vilela e Jorge Botelho Moniz. Presentes, também, além do delegado do Governo junto da Sacor, eng.º António da Costa Macedo, muitos funcionários superiores da empresa.

Em nome do pessoal, e em termos muito expressivos de gratidão que a todos dominava, usou da palavra o sr. Humberto Marques, empregado técnico, que evidenciou o facto de a cada etapa de engrandecimento da empresa — que ele serve há 16 anos — corresponder, sempre, uma patente valorização do pessoal. Assim, e apesar dos seus poucos anos de vigência, o plano de Previdência interno complementar do regime oficial, podia já hoje ser apontado como dos mais valiosos e progressivos sistemas de protecção social praticados por qualquer das mais importantes empresas nacionais.

Depois de outras considerações, em que aludiu, nomeadamente, á recente inauguração da nova Refinaria do Porto e á visita proporcionada ás suas instalações, o sr. Humberto Marques formulou os votos de ainda maior progresso para a empresa, na certeza de que ao engrandecimento da Sacor equivalerá, sempre, o acréscimo do bem estar e da prosperidade daqueles que nela trabalham.

Em representação do Conselho de Administração e na qualidade de administrador do pelouro do pessoal, o sr. dr. Jorge Botelho Moniz, falando de improviso, recordou, enunciando-os, os aspectos principais do plano estabelecido com vista a assegurar uma melhor e mais justa segurança social, para os trabalhadores da empresa.

Manifestando a convicção de que o pessoas não deixará de apreciar quanto tem vindo a ser feito com a única preocupação de o beneficiar, o Sr. Dr. Botelho Moniz aludiu aos vultosos encargos contraídos com a criação e constante actualização e aperfeiçoamento do plano complementar das pensões de reforma e de sobrevivência, assim como com outras iniciativas que visam proporcionar vantagens a empregados e operários, reafirmando, ao mesmo tempo, o propósito da empresa de continuar atenta às possibilidades que venham a oferecer-se-lhe no sentido de ampliar esses benefícios.

Demorada e calorosa salva de palmas coroou as palavras do representante da administração, após o que o Sr. Prof. Costa Leite Lumbrales agradeceu, por seu turno, a presença de todos.

DE COIMBRA

Confraternização de um curso médico

Reuniram-se aqui os componentes do curso médico de 1945-1950, do qual fizeram parte os srs. prof. dr. Robalo Cordeiro, drs. José Lopes Cavaleiro, Francisco Soares, Veiga Vieira, Maria Vitória Trincão, Sousa e Silva, Jorge Gomes, etc.

Depois do almoço, que decorreu em grande alegria e fraterna confraternização, na Lapa das Esteios, houve uma visita às caves, na Mealhada, seguindo-se o jantar de despedida.

O «Dia do Electricista»

No Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Coimbra, está aberta, a partir de sexta-feira, a inscrição para os sócios que queiram tomar parte nas comemorações do «V Dia do Electricista», no Porto e Barragem do Carrapelo em Agosto. O número de sócios a inscrever é limitado a 63.

Farmácias de serviço

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605).

FIGUEIREDO — Rua da Sofia (Tel. 22837).

ESTÁDIO — Rua do Brasil (Tel. 24410).

MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Raparigas modernas» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Estranho contrato» (17 a.).

TIVOLI — Às 21.30: «Adeus Gringo!» (12 anos).

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «A Raposa» (17 anos).

Cofres de aluguer
Av Republica 3
BANCO DO ALENTEJO

VULCAIN
RELÓGIO SUIÇO

PIANOLA
AUTO-RADIO DE TECNICA AVANÇADA
REPRESENTANTE EXCLUSIVO
STAND ASLA — PORTO

XI FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
Até 23 de Junho
SOB O SIGNO DA EVOLUÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA
HOJE: ENCERRAMENTO
Horário: das 17 às 24 horas
Entrada 5$00

A ESTRUTURA DA ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA (1)

por VITORINO MAGALHÃES GODINHO

A sociedade de antigo regime, que na esfera política corresponde à monarquia absoluta, nasce com as viagens de descobrimento e fixação além-mar e entra em convulsão, para em boa parte morrer, no final do século XVIII e nas revoluções liberais do primeiro terço do XIX. Ao abrir, os povos peninsulares são os pioneiros da grande aventura da descoberta do globo e da criação do mercado à escala mundial; em razão dos seus empreendimentos de navegação e oceânicos é que se forja pouco a pouco a economia do capitalismo moderno. Ora, quando chegamos ao ocaso do século XVIII e a Inglaterra inicia, com o tear mecânico, com a fiação mecânica, com o emprego da energia do vapor, a grande transformação que levará à produção em massa e a novas condições de vida social, os povos peninsulares vão permanecer enredados nas estruturas, agora arcaizantes, que tinham feito a sua glória mas estavam inteiramente desajustadas. Em contraste com as civilizações altamente industrializadas, não apenas os povos subdesenvolvidos mas ainda os povos com estruturas persistentes de antigo regime; alguns, em vias de desenvolvimento, outros, recusando a modernidade para cuja eclosão até tinham contribuído.

Para responder a este problema fundamental, há, portanto, que remontar aos séculos XV a XVIII; impõe-se, além disso, vê-lo, não ùnicamente no quadro português, mas amplamente no contexto peninsular; não podemos, na verdade, isolar nunca o recanto ocidental, quer das terras altas da Meseta, quer, até, das outras fachadas marítimas, umas atlânticas, outras mediterrâneas, de toda a península Ibérica.

Na sociedade de antigo regime, o mais aparente é a divisão em estados ou ordens — clero, nobreza, braço popular. É uma divisão jurídica, por um lado, é, por outro, uma divisão de valores e de comportamentos que estão estereotipados, fixados de uma vez para sempre, salvo raras excepções. Cada qual ocupa uma posição numa hierarquia rígida, segundo tem, ou não, títulos e tem, ou não direito a certas formas de tratamento.

Formas de tratamento

As maneiras nominais como há que dirigir-se a outrem, e que esse outrem pode exigir foram reguladas por lei em 1597 e 1739; proibia-se não só dar o tratamento, como mesmo aceitá-lo, às pessoas a que não era devido. Assim, o alvará de 29 de Janeiro de 1739 reserva a Excelência aos Grandes, tanto eclesiásticos como seculares,, ao Senado de Lisboa e às damas do Paço; a Senhoria pertence aos bispos e cónegos, aos viscondes e barões, aos gentis-homens de Câmara e moços fidalgos do Paço; abaixo, há só direito a Vossa Mercê. Ora esta última forma fora exclusiva do rei até 1490, mas em Gil Vicente aparece já dada a burgueses; Vossa Senhoria, de origem estrangeira, de começo aplicava-se apenas ao rei e círculo real, depois alargou-se à nobreza, estando consagrada a seguir a Alfarrobeira; entretanto, o tratamento pronominal *Vós*, indicativo de cortesia e distância (que, com o *tu* familiar ou de superioridade, constituíra a única maneira de se dirigir a outrem nos séculos XIII e XIV, pois as formas nominais surgem no final de Trezentos e no século XV), desaparece a meio do século XVIII (Lindley Cintra).

Na realidade, as formas superiores vão-se depreciando à medida que os escalões inferiores procuram obter esse tratamento para ascenderem socialmente. Bem significativo, o que se passou com o *Dom*, que as Ordenações regulam estritamente (liv. V, tit. 92, § 7), cominando severíssimas penas aos contraventores: nada menos que a perda de toda a fazenda e a perda do privilégio de fidalgo, aos que o tiverem, ficando plebeus. Nem os condes nem os bispos o podiam tomar por razão de seus títulos (menos ainda os bastardos). Mas a severidade das penas levava a não as aplicar, e daí instalar-se a «devassidão» do uso, de modo que uma lei de 1611 (*Provas Hist. Genealógica*, II, n.º 7) autoriza o *dom* a todos os bispos, condes, mulheres e filhas de fidalgos assentes nos livros reais, desembargadores, e até aos bastardos dos titulares nascidos depois da promulgação; e reduz a pena para 100 cruzados de multa e degredo de 2 anos para Africa, reservando a aplicação da *Ordenação* à reincidência.

Ora, que vemos nós em *O Hissope* de António Dinis da Cruz e Silva (entre 1768 1777)? Ao bispo já se dá a «Reverendissima Excelência» ao deão (portanto, ás dignidades eclesiásticas), «Vossa Senhoria», «Meu Senhor», ou só «Senhor», ao advogado dirigem-se por «Vossa Mercê» — e abaixo da Senhoria o poeta aponta «o Dom surrado» Sob a hierarquia, legalmente fixada, há, uma constante tensão com as realidades sociais em mudança; mas a ordem tradicional defende-se com a promulgação de medidas constrangentes, e apega-se ás distinções. Como se lê em *O Hissope*: «De mil cerimónias vãs rodeada / Os assentos reparte a Precedência.» — é a altura em que desaparece o tratamento pronominal, substituído pelas enfáticas «Vossa Excelência» e «Vossa Senhoria» — e também a altura em que na Grã-Bretanha se está a processar a Revolução Industrial: vincado contraste de rumos.

Deste modo as pessoas inscrevem-se imediatamente em categorias que se distinguem pelo nome, pela forma de tratamento, pelo traje e pelas penas a que estão sujeitas. Na *Crónica de D. João I* enumeram-se quatro estados do Reino, prelados, fidalgos, letrados, cidadãos (petição dos povos ás cortes de 1385, na Parte II, cap. 1) — abaixo dos cidadãos, ou povo no sentido político (homens bons), há a grande massa, sem representação em cortes. O rei, quando se dirige ás categorias sociais-jurídicas, escreve por ordem: juizes e oficiais (é a categoria dos «letrados»), fidalgos, cavaleiros escudeiros, homens bons, e por derradeiro, povo (por ex. carta de 1453, á vila de Elvas, em *Documentos das Chancelarias relativos a Marrocos*, t. II, n. 141; carta de 1494 á ilha da Madeira, em Silva Marques, *Descobrimentos portugueses*, vol. II, p. 429 — e igualmente a carta do duque de Beja á mesma ilha, idem, p. 457). Em cortes e nas cerimónias principais, figuram em primeiro lugar os grandes prelados — arcebispos e bispos — em segundo os grandes senhores de título — duques, mestres de Ordens, marqueses, conselheiros, senhores de terras, alcaides-mores —, seguidos de outros fidalgos, depois os cavaleiros, em terceira categoria os cidadãos, por último o povo (pelo menos, os seus procuradores — claro que o povo, abaixo dos cidadãos, não aparece nas cortes) (*Relações de Pero de Alcáçova Carneiro*, p. 206, 207-212, 258 e 337-9, relativas a 1521, 1244 e 1562; Freire de Oliveira, *Elementos para a hist. do município de Lisboa*, t. pp. 11 e 50).

Peão e pessoa de mor qualidade

A distinção fundamental é, porém, a que opõe o *peão á pessoa de mor qualidade*, ou seja, aos clérigos e aos nobres. O clero tem foro privativo; o fi-

(Continua na 14.ª página)

Nota do dia

A VIDA IMPOSSÍVEL

O FIM DO MUNDO para o ano dois mil anuncia-se agora como possibilidade que temos aí à mão dentro de trinta anos, possibilidade ou risco, como quiserem, mas lá que está perfeitamente ao nosso alcance, daí parece não ser legítimo duvidar por mais tempo. Esta espécie de linguagem da ameaça deve ter sido, ao estilo medieval, a que se usou nos tempos que precederam, faz agora mil anos, a entrada no ano mil, que devia parecer o absurdo. Mais perto dos nossos dias, a passagem do século anterior para este onde estamos pôs em movimento a força das superstições para fazer crer a proximidade do fim do mundo.

Para completar o quadro do pânico até houve o aviso da passagem do cometa, que trazia as populações incandescentes de terror. Efectivamente, já em tempos da vida de muitos que poderão neste momento estar a ler-nos, em meados de 1910, iam já passados dez anos deste século mas os ânimos permaneciam receptivos ao anúncio das catástrofes, sempre tivemos no horizonte o cometa de Halley. Aproximou-se da Terra com o rigor já então ao alcance dos astrónomos e lá seguiu o seu caminho, na imensidade dos espaços, sem nos deixar cartão-de-visita.

A nova ameaça de fim do mundo, esta agora para o ano dois mil, não é feita de superstições, mas lançada conscientemente pelos sábios, que se mostram profundamente alarmados e transmitem os seus alarmes ao conhecimento geral para ver se é possível ainda adoptar algumas precauções que evitem a catástrofe, a catástrofe final, a tal que temos aí à mão e que, como diria o Amigo Banana, será irremediável se não lhe acudimos a tempo com o remédio. A ameaça consiste em não termos talvez de comer, não termos água para beber, não termos ar para respirar. A ameaça chama-se a poluição.

A poluição está hoje em toda a parte. Quantas toneladas de fumos são diàriamente lançadas na atmosfera? São as fábricas das grandes áreas industriais, são as nuvens de automóveis a abarrotar as ruas das cidades, tudo a fumegar com a tranquilidade fatalista do que não tem remédio, como quem diz que a morte está certa. São os desperdícios lançados nos cursos de água onde morrem os peixes, são as águas envenenadas com que vamos regando as culturas hortícolas e pomícolas. É, a pouco e pouco, um apertar sistemático dos nossos meios de vida.

Tivemos há dias o alarme do que se passa num poético riozinho que atravessa ridente paisagem aqui dos arredores de Lisboa, onde apareceram com dermoses pelo corpo crianças que se deixaram vencer pela tentação do banho. Por várias zonas do País têm-se verificado situações idênticas, que levantam alarido local sem que daí se tirem consequências ou lições. Mas, à escala mundial, isto que representa? Que dimensão de ameaças? Para resposta se dirá que a poluição é hoje inscrita, à escala mundial, como um dos três ou quatro maiores problemas dos próximos dez anos.

A ONU, a UNESCO, a OMS e outras organizações conhecidas pelas iniciais dos seus nomes têm lançado o alarme, convocando reuniões de peritos que sejam capazes de dizer o que é que se pode recomendar por esse mundo fora, aos governos e às populações, para defender o meio ambiente. O risco, efectivamente, é agora sério. Não é a superstição medieval dos cometas que chegou aos nossos dias. É a ameaça que paira, que cresce, que se adensa, que anda por cima das nossas cabeças e por baixo dos nossos pés. É a ameaça que faz perguntar aos responsáveis se a vida continuará a ser coisa possível daqui até ao ano dois mil. Quem acode?

NÃO. À JARDINEIRA, NÃO

As escadinhas da Bica são muito pitorescas. Esta Lisboa encantada, etc. As crianças brincam nos degraus, um operário passa pelo meio delas, afasta-as com uma exclamação entre risonha e severa: «Eh, maltosa!»

Muito pitoresco. Outro mundo. Na Lisboa burguesa, as escadinhas da Bica sobem e descem. Os degraus puídos, vê lá onde pões os pés. O comércio pobre — uma manchinha de laranjas, tremoços, pevides, e lá ao fundo, quando é tempo disso, a chaminé fumegante das castanhas assadas. No rádio da bodega, o Benfica ganha neste momento por 1-0. Joga-se no Beco dos Arciprestes uma partida decisiva para as aspirações dos miúdos lá de cima. A bola é de borracha.

Outro menino que idade tens tenho 12 anos, pousa já no território da Travessa do Cabral o carrego de papelada fina impressa sou empregado numa tipografia. Na mão roxa, os vincos amarelácios do cordel.

— É preciso trabalhar...

— Mas não gostavas mais, sei lá, não gostavas mais de estar em casa?

Uma cuspidela flácida nas mãos.

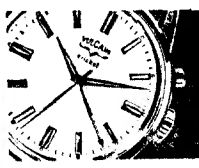
— Em casa? Em casa? Livra!

Jogo-me no acto de escrever. Cada qual com os seus problemas. O miúdo dos impressos com a sua casa, eu com a prosa. Eu não escrevi «uma cuspidela flácida nas mãos». Escrevi «uma cuspidela flácida nas mãozinhas a transpirar demagogia, direccionismo, protecionismo. Quando escrevi mãos foi como se me libertasse. Mãos: quando o Homem se torna adulto. Mãozinhas têm a vitela. À jardineira.

Pois, como eu lhes estava a contar, as escadinhas da Bica são muito pitorescas...

MÁRIO CASTRIM

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO


VULCAIN
DE PRESTIGIO MUNDIAL

«A RELÍQUIA» EM QUINTO MÊS

«A Relíquia» entrou em quinto mês de representações continuando a ser o grande cartaz de Lisboa em teatro declamado e confirmando a sua posição como grande êxito da temporada e um dos maiores dos ultimos tempos.

A divertidíssima sátira de Eça de Queiroz, que Sttau Monteiro e Artur Ramos teatralizaram, foi já apreciada por milhares de espectadores, quer de Lisboa, quer vindos propositadamente de outros pontos do País, em muitos casos organizando excursões cujo êxito foi largamente confirmado através de sucessivas experiências.

Conforme já foi divulgado, o Teatro Maria Matos oferece, aos sábados, tardes populares com os convidativos preços de 10$00, 15$00 e 30$00 o balcão; e 30$00 e 50$00 a plateia. Esta iniciativa destina-se a todos os espectadores que, não tendo a possibilidade de assistir aos espectáculos normais, nem estejam abrangidos pelas facilidades concedidas aos jovens, vêem agora facilitada a sua ida ao Teatro Maria Matos onde podem apreciar a inesquecível representação da obra de Eça de Queiroz.

FILMES FANTÁSTICOS
PARA MAIORES DE 12 ANOS

Lorre em acção

A Casa da Imprensa pensou nos jovens espectadores ao organizar uma sessão, nos cinemas São Luís e Alvalade, hoje, á tarde e á noite, com os filmes «Charly» (de Ralph Nelson) e «O Gato Miou Três Vezes» de Jacques Tourneur) classificados para maiores de doze anos.

«Charly» conta-nos a história de um homem que tem o espírito de uma criança. A sua professora manifesta por ele um interesse particular, procurando que ele vença a adversidade e incitando-o nos seus esforços para aprender. Este filme é produto típico de uma corrente importante do cinema de ficção científica que se baseia em dados reais para equacionar hipóteses para as quais ainda não há resposta. O tema fantástico que Ralph Nelson expõe neste filme conduz o espectador a tomar contacto com os aprendizes de feiticeiros que desencadeiam forças incontroláveis. Nelson acentua, neste filme, que a Ciência pode abrir a via para a destruição do Mundo.

Juntamente com «Charly», os jovens espectadores desta sessão poderão divertir-se com um filme de terror, que faz rir: «O Gato Miou Três Vezes», realização de Jacques Tourneur, que conta com um excelente grupo de actores especializados neste género (Peter Lorre, Boris Karloff, Vincent Price, Basil Rathbone e Joe E. Brown).

No programa de amanhã exibem-se os filmes: «Todas as Noites ás Nove» e «Os Inocentes», ambos de Jack Clayton.

«DESPERTA E CANTA» (DE CLIFFORD ODETS) PELO GRUPO CÉNICO DA C. N. N.

Com «Desperta e Canta», do norte-americano Clifford Odets, encenada por Ruy de Matos, reaparece no seu óptimo teatro de bolso o Grupo Cénico da Companhia Nacional de Navegação.

Com «Desperta e Canta» entramos, duplamente, na História. Naquela, com minuscula, que diz respeito ao evolluir do teatro dos Estados Unidos que passa por Odets (com um antepassado no russo Anton Tchekhov) e vem até Arthur Miller: este teatro é um processo, ao mesmo tempo lucido e romantico, desesperadamente lucido e romantico, de uma certa maneira de ser família, de uma certa maneira de ser jovem, de uma certa maneira de ser honesto (e o contrário).

Através dos quotidianos e banais melodramas de uma família humilde e mediocre (trata-se também de uma violenta denuncia do matriarcado escrita já em 1935), o que aqui temos é a própria história do mundo num momento em que parece caminhar para o fim de tudo.

Peça realista? E porque não peça épica?

★

Ruy de Matos entendeu, com a sua encenação, contrariar o tom de surdina já assinalado e que, aliás, a tradução portuguesa forçosamente acentuou. Para isso, marcou vários tempos fortes que pontuam a peça de explosões de raiva e destroem o tom tchekhoviano que aquela reflecte (e que Ernesto de Sousa explorou na sua encenação para o Teatro Experimental do Porto). Contando com um excelente arranjo de cena (de Jorge Rocha, de quem são também os figurinos) e com boa sonoplastia (de Jorge Santos), cuidando até aos mínimos pormenores de todos os aspectos que definem o ambiente (desde os penteados á própria composição das figuras, dos adereços aos objectos, tudo reflecte um extraordinário cuidado de reprodução do real), sem se deixar, no entanto, manietar por um figurino naturalista (a cena desce, inteligentemente, á sala, há projectores á vista no próprio palco), Ruy de Matos conseguiu uma encenação criadora, embora me parecessem convencionais e rebuscados certos efeitos expressionistas (sonho de Jacob; final).

Onde o trabalho de Ruy de Matos falhou, em parte, foi no aspecto, sempre extraordinàriamente delicado, da direcção de actores. Não quero dizer com isto que fosse mau o nível dos amadores da C. N. N. Simplesmente, além de a peça ser difícil, com uma mais atenta e exigente direcção teria sido possível, creio, tirar um melhor rendimento de alguns intérpretes. Um maior equilíbrio por parte de Zita Esteves (muito expressiva); a expressividade que não houve em Ferdinando Olim (que, aliás, compõe muito bem a figura); uma modulação mais rica por parte de Fernando Duarte (que, no entanto, me convence quase sempre na personagem central da peça); de Raul Cardona (o qual não atinge o nível dos restantes), de Alves Coelho, de Carlos Santos; um maior cuidado na maneira de dizer por parte de Maria do Céu (que me parece ter qualidades) — teriam, indiscutivelmente, feito subir o nível geral do espectáculo. Eduardo Peres (sobretudo) e Vítor Sérgio ajudam o conjunto sem motivos para reparos.

Nível geral de um espectáculo de amadores que não deixou, apesar de tudo, de nos surpreender e, por isso, merece ser especialmente sublinhado.

CARLOS PORTO

Tardes clássicas do Império

Numa história em que o amor se transforma em desejo, oferecendo-nos momentos de *suspense* raramente vistos em cinema, Terence Stamp e Samantha Eggar conseguiram, com o seu trabalho em «*O obcecado*», arrancar os prémios de interpretação do Festival Internacional de Cannes.

William Wiler dirige esta película cheia de subtilezas e de um clima psicológico pleno de crescente interesse, onde uma alma perturbada se disseca deixando entrever angustiosos complexos.

«*O obcecado*», cuja realização e interpretação atingem um virtuosismo fora do comum, é o filme da tarde clássica de hoje no Império, ás 18 e 30, seguida do rápido ciclo em que se exibem obras-primas que vão ser destruídas dentro de dias.

Amanhã o mesmo ciclo apresentará «*A nave dos loucos*»

Antecipado o Festival da Figueira

Previsto inicialmente para 25 e 26 de Julho, foi antecipado de uma semana (para os dias 18 e 19) o décimo Festival da Canção Portuguesa que a Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz (a que preside o sr. Severo Biscaia) organiza no Grande Casino Peninsular daquela cidade.

• ÚLTIMOS DIAS!
• ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS!

TEATRO MARIA VITÓRIA
O PRATO DO DIA!...

HOJE, ÀS 20,45 e 23 HORAS
A REVISTA DA GARGALHADA!
O TRIUNFO DE UM COLOSSAL ELENCO, COM:
JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL e ANITA GUERREIRO, com OCTÁVIO DE MATOS no «compère» e a grande atracção francesa SABRINA
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!
★
O ADEUS A LISBOA DE UM ÊXITO!!!

ESTA É A MATRIZ DO NOSSO SISTEMA
A RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
Rua Castilho, 185, 1.º
LISBOA-1
AUMENTE AS SUAS VENDAS COM O AUXÍLIO DA PUBLICIDADE DIRECTA
UTILIZE O SISTEMA DE ENDEREÇAR «SCRIPTOMATIC»
— O MAIS ECONÓMICO
— O MAIS PRÁTICO, RÁPIDO E LIMPO
— ACTUALIZAÇÃO INSTANTÂNEA DO FICHEIRO
— UTILIZAÇÃO DA MATRIZ COMO FICHA DO CLIENTE
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO À
LEVERCA, LDA.
CALÇADA DA ESTRELA, 76 — LISBOA — TELEFONES 67 68 12 - 67 45 29

VASCO MORGADO APRESENTA
TEATRO VILLARET (ADULTOS)
HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
7.º MÊS DE GARGALHADAS

YOLA
é a escultural secretária do sr. Baguinha na comédia
O VISON VOADOR
COM
RAUL SOLNADO
LO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA
«O VISON VOADOR»
É O FIM DA GARGALHADA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SE TEM AUTOMÓVEL
realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar e seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 61, 3.º Dt. — Telef. 40049 - 563751
Aguardo sua visita e telefonema.

PAVILHÃO DOS DESPORTOS
MARCHAS POPULARES
HOJE, às 21.30 h.
ALTO DO PINA-GRAÇA-MARVILA
BICA-ALCÂNTARA
Balcões ..... 20$00 e 30$00
Cadeiras ..... 30$00
Bancada ..... 10$00, 15$00 e 20$00
Geral ..... 7$50
BILHETEIRA:
Restauradores (das 18 às 20 horas)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «Mundo Secreto» («Secret World»).
REALIZAÇÃO — Robert Freeman e Paul Feyder, 1969 (França).
ARGUMENTO — Gerard Brach e Jackie Glass.
FOTOGRAFIA — Peter Bizion (tastnancolor).
MUSICA — Antoine Duhamel.
MONTAGEM — Richard Bryan.
INTÉRPRETES — Jacqueline Binet, Jean-François Maurin, Giselle Pascal, Pierre Zimmer, Marc Porel, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Fox Filmes.

O que mais nos seduz neste filme de Robert Freeman e Paul Feyder é certamente a austeridade de processos narrativos utilizados pelos seus autores. Na verdade, as imagens possuem quase sempre uma inequívoca densidade e um rigor de composição assinaláveis. A fotografia de Peter Bizion serve, aliás, excelentemente os propósitos dos dois cineastas, criando um mundo de aparente equilíbrio e de uma serenidade ferozmente entediante, fendido aqui e ali pela introdução de uma nota dissonante que dá os indícios da sua própria desintegração. O início de «Mundo Secreto» fazia prever mesmo uma obra de muito interesse, oferecendo-nos o retrato de um miúdo no seio de uma família profundamente burguesa, retrato esse que lentamente se define nas suas alienações e fantasmas. Mas depois tudo isto cai pela casa, com umas quantas «explicações» simplistas que desviam os problemas e fazem depender todas as causas daquele *mundo secreto*, povoado de monstros, de um desastre de automóvel, no qual faleceram os pais da criança. Daí em diante tudo se convencionaliza, as figuras perdem significado e alcance sociológico e «Mundo Secreto» transforma-se numa película algo monótona, incaracterística, pretenciosa e fútil.

LAURO ANTÓNIO

VIDA MUSICAL

Karajan encerrou o Festival de Estrasburgo

ESTRASBURGO, 23 — (F. P.) — O ultimo concerto do Festival Internacional de Estrasbugo foi dirigido no Palácio das Festas por Herber von Karajan á frente da Orquestra de Paris.

Figuravam no programa do concerto, que foi o primeiro da Orquestra de Paris desde o encerramento da época parisiense, um «concerto grosso» de Haendel em que o chefe de orquestra austríaco tocou a parte de cravo enquanto dirigia a orquestra, um Concerto para trompete e orquestra de Haydn, com o solista Maurice André, e a Sinfonia em ré menor de César Frank.

Melómanos de Estrasburgo, entre os quais haviam numerosos amadores vindos do outro lado do Reno, aplaudiram demoradamente o chefe de orquestra austríaco, o trompetista e a prestigiosa formação orquestral, de que Herbert von Karajan é o conselheiro musical.

VON KARAJAN

TEATRO (ADULTOS)
VARIEDADES *
Tel. 326037
● SÓ MAIS ALGUNS DIAS ●
A RISOTÍSSIMA COMÉDIA
«TCHAU»
Um elenco de «estrelas»
JOSÉ AMARO * MARIA DULCE * GLÓRIA DE MATTOS * RUI PEDRO * HENRIQUETA MAIA * VARELA SILVA
(por ordem de entrada em cena)
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO
(Descanso da Companhia)
DESCONTO DE 50% AOS ESTUDANTES

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

TEATRO (ADULTOS)
CAPITÓLIO
Tel. 327493
SEXTA-FEIRA DIA 26 ★ ESTREIA
DA REVISTA ESPANHOLA
Sara Montiel
EM PESSOA
com a grande «vedeta»
Sara Montiel
à frente de um elenco de 50 figuras
10 ÚNICOS DIAS 10
DE 26/6 A 5/7
● 2 SESSÕES 2 ● ÀS 20.45 e 23 HORAS

A BILHETEIRA ABRIU JÁ PARA VENDA DE BILHETES PARA A ESTREIA E DIAS SEGUINTES

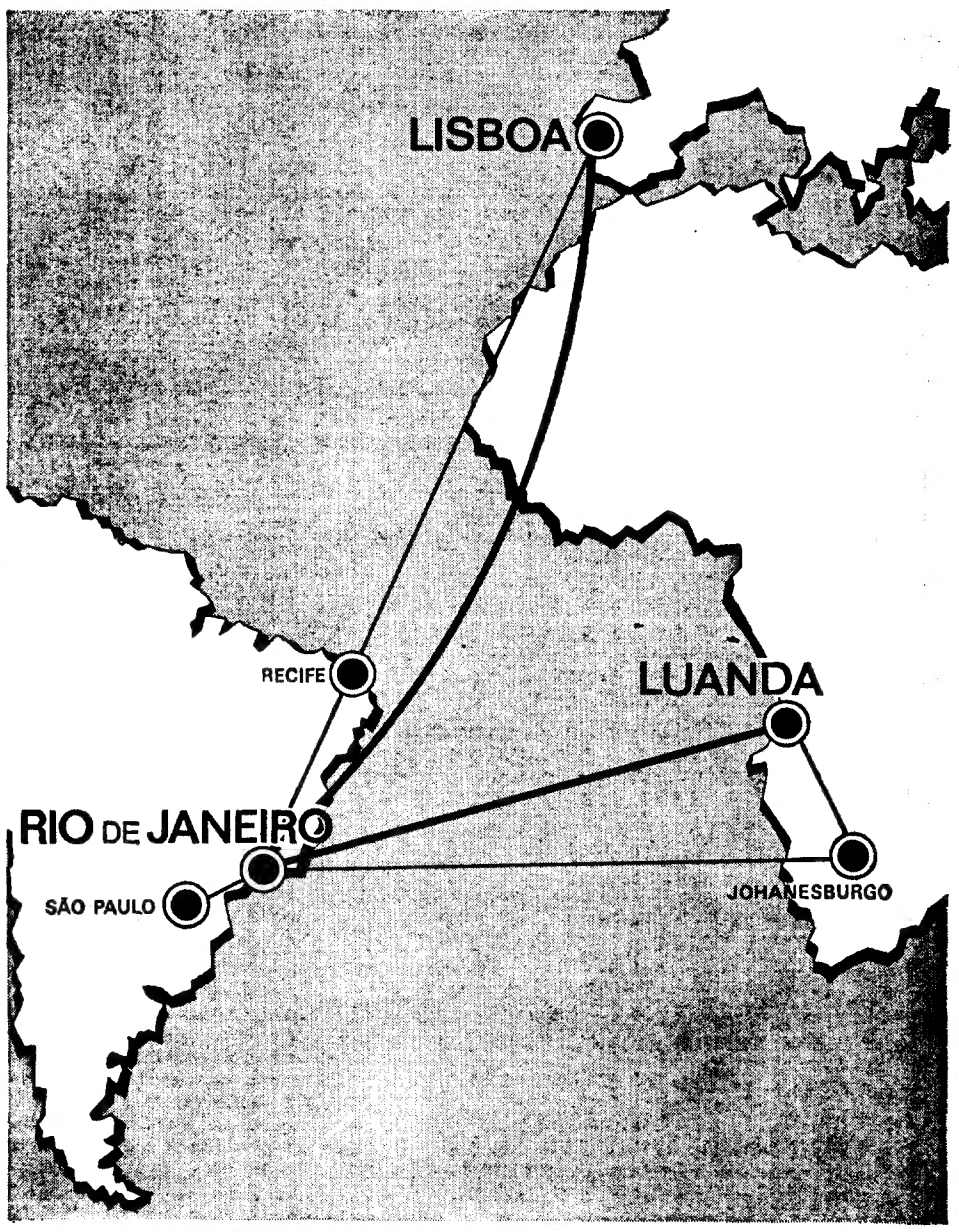
Teatro Maria Matos TELEF. 717017
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H.
Sábados e domingos também às 16 horas
Últimas semanas!
DA DIVERTIDÍSSIMA SÁTIRA
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
(Maiores de 17 anos)
Produção de Igrejas Caeiro
(AR REFRIGERADO)

dixan
O Detergente de qualidade para todas as máquinas de lavar roupa.

Em CORUCHE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA
RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila)
Telefs.: 44730 e 553575
CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA
PREPARAÇÃO PARA
SECRETÁRIAS
E
CORRESPONDENTES
ESTENODACTILÓGRAFAS
EM
PORTUGUÊS, FRANCÊS E INGLÊS
A duração depende das habilitações das alunas, sendo mínima para as que têm a frequência do 5.º ano
Essas frequentam turmas especiais
A Escola prepara as que disso necessitam para, ao mesmo tempo, cumprirem a escolaridade obrigatória
ENVIAM-SE BROCHURAS COM A ORGANIZAÇÃO DO CURSO E REFERÊNCIAS DAS EMPRESAS ONDE SE TÊM EMPREGADO AS EX-ALUNAS, EM GERAL POR INTERMÉDIO DA ESCOLA

A VARIG APROXIMA AINDA MAIS O BRASIL DE PORTUGAL



LUANDA - RIO DE JANEIRO

A partir de agora, nas suas viagens para Angola, Moçambique e África do Sul você pode ir ou voltar via Rio de Janeiro. Aproveitando para visitar parentes e amigos ou desenvolver negócios no Brasil.

UMA NOVA LINHA NA ROSA DOS VENTOS

BRASIL • VARIG • ÁFRICA

O 4.º SORTEIO DO CONCURSO «LISBOA, DIA E NOITE»

Registou-se a participação de milhares de concorrentes

Iniciativa franoamente popular esta que empreendemos. De facto, no concurso «Lisboa, Dia e Noite» (cujo quarto sorteio ontem se realizou), estão a participar milhares de leitores do «Diário de Lisboa» de todas as regiões do País.

Dois artistas, do elenco do «Folclore» colaboraram ontem nas operações do sorteio, dirigidas pela sr.ª D. Maria dos Santos Mesquita, oficial do Governo Civil de Lisboa. Efectivamente, Julieta Brigue e Américo Lima, prestaram-se, assim muito amàvelmente, a colaborar na nossa iniciativa. Presente ainda, como representante do nosso jornal, o sr. Afonso Valente, chefe dos serviços de promoção e venda do «Diário de Lisboa».

Foram os seguintes os 30 leitores premiados no 4.º sorteio do nosso concurso «Lisboa, Dia e Noite»:

1.º, Nelson Franco Outeiro, Rua D. Dinis, lote 6, 2.º C Reboleira (Amadora); 2.º, José Maria Domingos, Rua David Peres, 4, 2.º, esq.º Queluz; 3.º, José Augusto Ramos Ribeiro Coelho, Rua Fialho de Almeida, 7, 1.º, esq.º, Lisboa; 4.º José Hermínio Gonçalves de Sousa, Rua da Firmeza, 513, 2.º, Porto; 5.º, Florival Santos Moura Carmona, Praceta á Rua José Branco Rodrigues, lote 23, Murtal (São Pedro do Estoril); 6.º, Vasco Henrique da Silva Fazenda, Rua Afonso Domingues, 19, 1.º, esq.º, Lisboa; 7.º, António Fernando Matias da Conceição Rua dos Lusíadas, 53, 1.º, dt.º, Lisboa; 8.º, Maria Manuela Marques da Costa, Rua do Cabo, 58, 1.º, esq.º, Lisboa; 9.º Leopolde Maos Borges, Avenida da Republica, 20, 3.º, dt.º, Amadora; 10.º Gerrudes Rocha,

Julieta Brigue e Américo Lima entregam á sr.ª D. Maria dos Santos Mesquita, oficial do Governo Civil de Lisboa, colecções de cupões premiados no sorteio

Rua Actor Taborda 55, 4.º, dt.º, Lisboa; 11.º, Maria Juliana Almeida Mergulhão, Rua Tomás da Anunciação, 73, r/c., dt.º, Lisboa; 12.º, Maria Francisca Borges, Travessa do Salva Vidas 15, 1.º, dt.º, Paço de Arcos; 13.º, Octávio Pérola Cardoso, Rua Rosália de Castro, 5, 1.º, dt.º, Lisboa; 14.º, Arlindo Pato dos Santos Rua do Alecrim, 12, Lisboa; 15.º, Oscar Augusto Barbosa Vicente Ortet, Rua Pascoal de Melo, 8, 3.º, Lisboa; 16.º, Margarida Monteiro Gonçalves Teixeira Beltrão, Rua Actor Taborda, 97, 2.º, esq.º, Lisboa; 17.º António Luís da Silva Santos, Avenida Almirante Reis, 197, 1.º, esq.º, Lisboa; 18.º, Veber Fernando Ávila Alves Pereira, Rua Carlos Mardel, 95, r/c., esq.º, Lisboa; 19.º, José Luís Lagôas Monteiro Pais, Avenida Marginal, bloco A, 2.º, dt.º, São Pedro do Estoril; 20.º, Carlos Alberto de Oliveira Coelho, Rua Ponta Degada, 67, 3.º, dt.º, Lisboa; 21.º, Laurentino da Silva Araujo, Rua Fernandes Tomás, 54, 2.º, Coimbra; 22.º, Maria Adelina Barros Rua Ribeiro de Carvalho, 33, Cacém; 23.º, Teresa Tomás Ribeiro, Avenida dos Estados Unidos da América, 120, 3.º, esq.º, Lisboa; 24.º, José António Agostinho Pinto de Figueiredo, Rua da Imprensa Nacional, 116, 3.º, esq.º, Lisboa; 25.º Alberto de Oliveira da Silva, Rua Sociedade Farmacêutica, 37, 4.º, esq.º, Lisboa; 26.º, João dos Santos Donato, Rua Comandante Augusto Cardoso, 48, Lisboa; 27.º, José Alexandre Pires, Rua Marechal Carmona, 8, 1.º, Vila Real de Santo António; 28.º, Maria Custódia Ferreira, Rua Alegre, 4, r/c., dt.º, Algés; 29.º, José António Suarez da Costa Basto, Rua da Alameda, 8, 1.º, esq.º Lisboa; 30.º, Oscar Correia Botelho, Rua Marquesa do Faial, 2, 1.º, esq.º, Setubal; 31.º, Maria do Carmo Massano Gravato Vivenda Sousa Rosa, Rua do Cacto, Parede.

Estes leitores, a quem o «Diário de Lisboa» escreverá directamente, enviando-lhes as respectivas credenciais que os habilitam á utilização dos seus prémios, vão passar algumas horas agradáveis nos melhores restaurantes típicos e «boîtes» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol, respectivamente, pela ordem que os referimos, nos seguintes estabelecimentos: Adaggio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiuca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopóamo, Kaverna, Lar Português, Lord, Marcia Condessa, Maxime, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho e Sanzala.

TURISTAS NO MUNDIAL

O filme que o Mundial agora exibe é, acima de tudo, um agradabilíssimo pretexto de diversão durante mais de noventa minutos.

Não há que apelidá-lo de «obra-prima», porque não o é, nem o pretendeu ser. Há sómente, e já é muito, que o classificar de original e bem humorado...

De facto, a história deste filme, quase não tem história. É uma crítica mordaz ás excursões colectivas, pré-preparadas com todo o rigorismo, onde o «guia» funciona como um autómato, e o turista não tem um minuto a perder...

Da América sabu mais uma excursão de turistas que, no limitado tempo de 18 dias, têm de vir e «ficar a conhecer», a Inglaterra, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo, a Alemanha, a Suíça e a Itália! O autocarro é o seu «lar» permanente. Tudo estudado com inerível precisão. Tudo pago «advance», sem descontos. Tudo calculado por forma a que as visitas a museus ou as refeições não deixem a ninguém má impressão...

É HOJE ALEGREMENTE FESTEJADA NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

A VÉSPERA DE SÃO JOÃO

O SANTO TANTO DA ESTIMA DO POVO

CRAVOS — FOGUETEIRAS — MANJERICOS — DIVERTIMENTOS E ATRACÇÕES DE TODOS OS GÉNEROS — BONS VINHOS E PETISCOS — ARROZ DOCE — FARTURAS E SONHOS

Abertura às 19 horas — Entrada 2 escudos

Evite

Dentes postiços com folga

Quando anda, come, ri ou espirra, cai-lhe a dentadura, solta-se ou move-se? Não se apoquente ou aborreça com tais incidentes. DENTOFIX, um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as suas placas, mantém a dentadura postiça ajustada com firmeza. Dá confiança e segurança, causando maior conforto. Evite aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. Peça hoje Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Limpeza e Restauro de Carpetes

Consulte os serviços especializados da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO.** Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.

Orçamentos grátis

CALDAS DA RAINHA

FEIRA DE S. JOÃO

AMANHÃ, ÀS 21.45 HORAS

GRANDE ACONTECIMENTO TAURINO EM HONRA DA AFICION DA ESTREMADURA

UM CARTEL DE EXCEPÇÃO

CAVALEIROS

J. MESTRE BATISTA
LUÍS M. DA VEIGA

ESPADAS

ANTÓNIO C. «ANTOÑETE»
RICARDO CHIBANGA

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

CHEFIADOS POR JOSÉ M. SOUTO BARREIROS

8 toiros bravos e gordos da ganadería ribatejana da Sociedade Agrícola de Santo Estêvão

HAVERÁ UM TOIRO DE RESERVA

Joalheiros Rua Áurea, 253 LISBOA

FÉRIAS NO ALGARVE

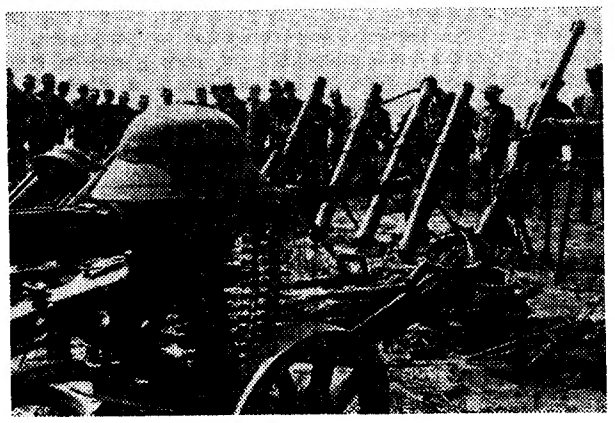
PRAIA VERDE

Bungallows — **Restaurante** — **Boite** — integrados num lindo pinhal frente à praia

Diárias económicas. Reserva: Rua S. Nicolau, 59-2.º Tel. 32 63 35 — LISBOA

VIETNAME - CAMBOJA

Reportagem de Guerra de PAULO CARDOSO



EM

PBX

produção e realização dos

PARODIANTES DE LISBOA

EM RÁDIO CLUB PORTUGUÊS

LOGO A PARTIR DA MEIA NOITE

PATROCÍNIO EXCLUSIVO

J. PIMENTA, S.A.R.L.

CONSTRUINDO AS CASAS DO FUTURO

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão Extraordinária)

Ao abrigo do n.º 1.º do artigo 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, no dia 26 do corrente, às 21 horas, no Salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, 9-15, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. **Informações;**
2. **Alteração do artigo 18.º dos Estatutos**

Nos termos do § único do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja até ao n.º 14 721, inclusive.

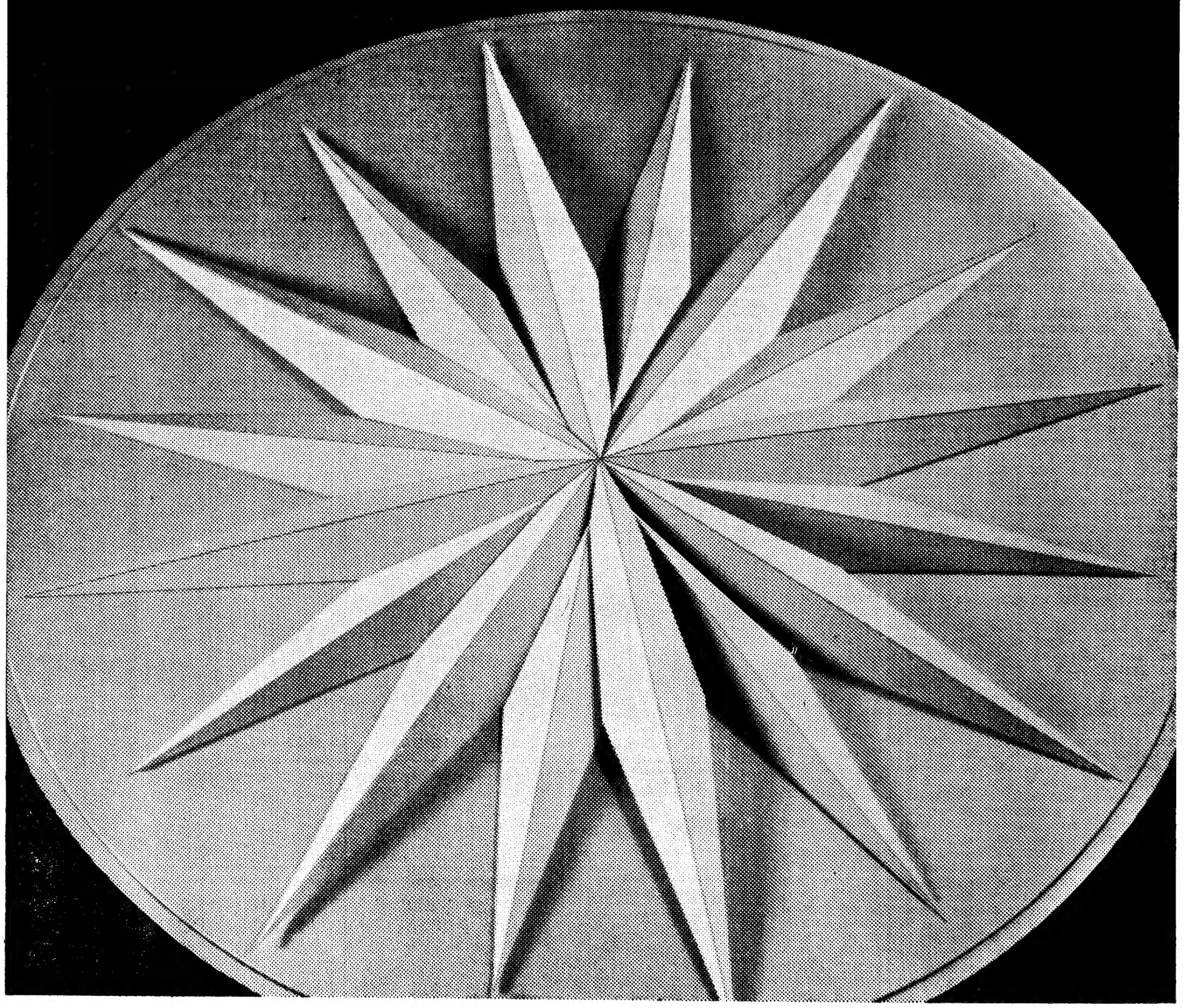
Lisboa, 11 de Junho de 1970

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) **José de Andrade Soares**

Novos Rumos Melhor Serviço Maior Mercado

SOCIEDADE GERAL



Qualificar operários é o objectivo do Centro de Formação Manuel de Mello hoje inaugurado pelo Chefe do Estado

— O aumento do nível de vida implica o aumento de produtividade e é-nos evidente que não é através do aumento do esforço físico que se poderá ir longe neste caminho. Efectivamente, como poderemos reduzir os tempos? É pedindo a todos que trabalhem com mais esforço ainda e mais depressa? Mas quantas vezes pode cada um de nós trabalhar mais depressa do que já hoje o faz? E mesmo que alguma coisa conseguíssemos através de um maior esforço físico, isso seria realmente progredir? A solução está na mecanização, na automatização, na organização, na competência, tudo exigindo mais conhecimento, mais imaginação, maior capacidade de adaptação ao progresso. Portanto, também aqui, é na inteligência que podemos pôr a nossa esperança.

Estas afirmações foram hoje proferidas, ao princípio da tarde, pelo eng.º Jorge da Costa André, director-técnico da Lisnave, no decurso da cerimónia da inauguração do Centro de Formação Manuel de Mello, acto com aniversário da abertura do Estaleiro da Margueira.

Além do Chefe do Estado, encontravam-se presentes os ministros da Marinha, da Educação Nacional, das Finanças e Economia e das Corporações e Previdência; os secretários de Estado do Tesouro, da Industria e dos Transportes e Comunicações; e os subsecretários de Estado da Administração Escolar e do Fomento Ultramarino.

Presentes, ainda, o embaixador da Holanda, os dirigentes e directores-gerais da Lisnave — e os srs. embaixador Pereira, eng.º José Frederico Ulrich, prof. Leite Pinto, eng.º Santos e Castro (presidente da Camara Municipal de Lisboa), vice-almirante Ornelas e Vasconcellos (Chefe do Estado Maior da Armada), almirante Henrique Tenreiro, etc.

DUAS MIL PESSOAS POR SEMANA

No uso da palavra, o eng. Costa André afirmou ainda que o custo do edifício, sem o recheio, orçou por cerca de 10 mil contos.

— *Para o utilizarmos em 1970 como escola que é* — disse — *previmos um orçamento de 12 mil contos. Todas as semanas temos tido, envolvidas em actos de formação, cerca de duas mil pessoas (...). A nossa actividade de formação não se restringe, porém, a esta escola. Utilizamos cursos como os do I. N. I. I., da Coprai, e outros, em Portugal e no estrangeiro. Centenas de homens que aqui trabalham têm ido, só com esta finalidade de frequentar cursos e de praticar para aprender, á Espanha, á França, á Suiça, á Itália, á Bélgica, á Holanda, á Alemanha, á Inglaterra, á Dinamarca, á Suécia, á Noruega, aos Estados Unidos e ao Japão.*

Depois de se ter referido aos homens que «*á Lisnave dão vida com a sua presença física e o seu trabalho*», o eng.º Costa André mencionou o interesse que a empresa «*despertou entre os clientes e entre os fornecedores*», bem como o apoio das autoridades publicas, que vêem na empresa um veículo para «*o recrutamento dos novos trabalhadores que de todo o País aqui afluem para se integrar no empreendimento comum que é a Lisnave*».

Finalmente, o eng.º Costa André, defendendo «o ensino e a formação», lamentou «*ter ouvido a um dirigente responsável de uma das nossas associações manifestar receio dos «contras» da educação, advogando que os operários só deviam ter a 4.ª classe, não fosse a «muita» instrução acirrar questões sociais. Pouco tempo antes tinhamos ouvido a um dirigente estrangeiro bem conhecedor destas questões, pôr em relevo o interesse que na sua empresa dão á educação, em particular á dos dirigentes sindicais, por ser a maneira mais simples de resolver os problemas.*»

Seguidamente, o rev. Francisco António Ferreira, prior de Almada, procedeu á bênção do «Centro de Formação Manuel de Mello», após o que se efectuou uma visita aos sectores de serralharia, civil, oxicorte, soldadura, serralharia mecanica e máquinas-ferramenta.

Descerrada uma lápida pelo Chefe do Estado no átrio do Centro, foi servido um almoço volante a todos os presentes.

Convenção Ariston 70, em Portugal

Ariston 70 — aspecto da Primeira Convenção

A grande Fábrica Italiana de electro-domésticos ARISTON e os seus representantes em Portugal — FRIGEL — Sociedade de Representações, Ld.ª — organizaram em 20 do corrente mês a sua 1.ª Convenção em Portugal. Realizada no Hotel Estoril-Sol e com a presença de cerca de 150 Agentes ARISTON no País, o acontecimento foi coroado do maior êxito, podendo dizer-se que a sua organização esteve à altura do prestígio de que os produtos ARISTON gozam em todo o mundo, pela sua alta qualidade, invulgar técnica e requinte de apresentação.

Os cumprimentos de boas-vindas e apresentação das individualidades que assistiram à cerimónia, foi feita pelo Sócio-Gerente da FRIGEL, Ex.mo Senhor Henrique de Lima, que desta forma contribuiu para que os trabalhos decorressem num ambiente de intimidade, embora não isento do protocolo a que estas reuniões obrigam.

A Convenção proporcionou assim a todos os assistentes um contacto mais directo com a Organização, esclarecendo dúvidas e aprofundando conhecimentos técnicos que permitem aos Agentes desenvolver a sua actividade e, implicitamente, servir melhor o Cliente, principal finalidade destas reuniões.

Os convidados — recebidos por gentis hospedeiras ARISTON — reuniram-se na sala de sessões daquele Hotel, especialmente decorada para o efeito, sobressaindo o painel com o símbolo da Convenção ARISTON/70.

Constituida a mesa da presidência pelos senhores Dr. Vittorio Merloni, Administrador e Director Geral da Organização MERLONI, Dr. Giancarlo Gambini, Director-Geral do Departamento de Exportação, Francesco Fiori, Adjunto do Sr. Dr. Gambini e Dr. Domenico Giraldi, Encarregado-Geral da Promoção de Propaganda, em representação da Fábrica MERLONI e Ex.mo Senhor Henrique de Lima, por parte da FRIGEL, entrou-se imediatamente no programa de trabalhos, tendo falado em primeiro lugar o senhor Henrique de Lima — Sócio-Gerente da FRIGEL — que fez uma exposição detalhada sobre os fins visados pela reunião, dando depois a palavra ao Sr. Dr. Vittorio Merloni. Este senhor falou pormenorizadamente sobre a Organização ARISTON e da preferência obtida em inúmeros países pelos seus produtos, abordando a seguir todos os assuntos que faziam parte da Agenda para esta Convenção, estabelecendo diálogo e esclarecendo todas as dúvidas. Seguiu-se um «cocktail» durante o qual se trocaram amistosas saudações, todas tendentes a sublinhar a amizade e confiança na Organização e manifestando todos os presentes o desejo dum progresso firme na divulgação dos produtos ARISTON em Portugal.

A cantina do Centro de Formação Manoel de Mello funciona em regime de «self-service»

JÓIAS
LINDAS CRIAÇÕES!
MODELOS EXCLUSIVOS
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 255
TELEF. 32 45 64

mini lanche
CHOCOLATES TAGIDES

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COMPRE **FOB** E VENDA **CIF**, PARA NÃO PERDER O CONTROLE DO TRANSPORTE DAS SUAS MERCADORIAS. O SEU AGENTE TRANSITÁRIO LHE EXPLICARÁ COMO E PORQUÊ...

Aspecto parcial da mesa de honra do jantar de homenagem Rogério Pérez, que se vê, à esquerda, a conversar com o dr.

As qualidades de enaltecidas num jan centenas de admira

Ao completar 80 anos de idade e cerca de meio século de jornalismo, o nosso camarada de Redacção Rogério Pérez, «El Terrible», tem sido alvo de manifestações carinhosas e homenagens significativas por parte dos seus colegas, amigos e admiradores. O jornalista, o crítico tauromáquico, o homem de carácter, o cidadão íntegro que é Rogério Pérez, foi ontem de novo homenageado com um jantar realizado na Casa do Alentejo, a que presidiu o sr. dr. Caetano de Carvalho, director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, em representação do secretário de Estado da Informação, ladeado pelo homenageado e esposa, D. Soledade Pérez.

Na mesa de honra sentavam-se numerosas personalidadese, entre as quais os srs. dr. João Ruella Ramos, pelo conselho de administração da Renascença Gráfica e em representação de seu filho, dr. António Pedro Ruella Ramos, director do «Diário de Lisboa»; jornalista Leopoldo Nunes, pela comissão organizadora da homenagem e em representação da Corporação da Imprensa; dr. Vítor Direito, chefe da Redacção do «Diário de Lisboa»; jornalistas Silva Costa e João Gomes, presidentes respectivamente, do Sindicato Nacional dos Jornalistas e Casa da Imprensa; Manuel dos Santos, antigo espada e director da praça de touros do Campo Pequeno; Nuno Salvação Barreto, pelo Grupo de Forcados de Portugal, etc. Estavam presentes cerca de duzentos convivas, vendo-se muitas senhoras. À homenagem associaram-se, por telegrama, muitas dezenas de personalidades: jornalistas, escritores, toureiros, aficionados, amigos e admiradores de Rogério Pérez.

ACIMA DE TUDO O HOMEM

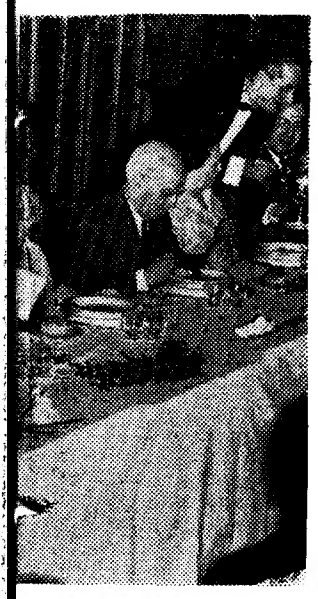
O coro de manifestações de apreço, admiração e estima que no vasto salão se ouviu em louvor do jornalista e do crítico tauromáquico, redundou no fim de contas na consagração de Rogério Pérez como homem: pela sua eterna juventude, pela sua simplicidade e compreensão, pela sua bondade, pelo seu comportamento digno, íntegro e justo.

Pode dizer-se que não houve discursos, num sentido formal. Em breves, expressivas e sinceras palavras, acentuaram a grandeza da figura de Rogério Pérez os jornalistas Leopoldo Nunes, Silva Costa e João Gomes; dr. Sales Gomes, pelo Grupo Tauromáquico Sector 1; dr. Fernando Salgueiro, pelos cavaleiros portugueses; Manuel Casqueiro, presidente da Tertulia Festa Brava; António Correia, em nome do Sindicato Nacional dos Toureiros; Nuno Salvação Barreto, pelos forcados portugueses; Nísa da Silva, em nome dos críticos tauromáquicos; Inácio Saraiva, pelos apoderados, e Amadeu dos Anjos, pelos matadores de touros.

UNANIMIDADE NOS LOUVORES

Como lembraria Leopoldo Nunes, o carácter de Rogério Pérez ficava definido pelo facto de, embora sendo um aficionado dos touros de morte, nunca deixar de defender e acarinhar os cavaleiros e forcados portugueses.

Falando pelo Sindicato dos



agem ao nosso camarada dr. Caetano de Carvalho

Rogério Pérez ntar que reuniu adores e amigos

ornalistas, de que é presiden-e, o nosso camarada Silva Costa lembrou que os redac-ores do «Diário de Lisboa» ostumam saudar Rogério Pé-ez á maneira árabe-reminis-ente de César dos Santos: Grande Pérez!», para acres-entar: «Grande Rogério Pé-ez: grande cronista da festa, maior crítico tauromáquico ue já houve em Portugal, na pinião de tantos aficionados ompetentes» Eu saudo em si rincipalmente o jornalista ue sabe dar vida e colorido e raça a qualquer prosa; sau-o-o como componente da pri-eira Redacção do «Diário de isboa», que marcou uma poca e criou um estilo novo e jornalismo no nosso País; audo em si o jornalista im-oluto, que nunca alienou a ua pena, ao serviço de inte-esses alheios, em terreno tão ropício como o é da crítica auromáquica».

Depois de lamentar que ão estivessem ali presentes odos os que, no mundo tau-omáquico, devem a Rogério érez o êxito profissional, e esmo material, Silva Costa isse do homenageado que e é um «grande jornalista, omo crítico tauromáquico ue tem sabido cultivar a rte de ser justo e tolerante o terreno da verdade», resentando que tinha mui-a honra em saudar Rogério érez em nome dos jornalis-as portugueses.

O nosso camarada João Go-es, presidente da Casa da mprensa, afirmou a sua ad-iração pelo espírito aberto, compreensivo e jovem de Rogério Pérez, homem simples e transigente, «transigência que é condição para o diálogo. E enalteceu o seu espírito de solidariedade, comprovado no muito que tem feito pela Casa da Imprensa, auxiliando, com as «Corridas da Imprensa», a obra de assistência ás viúvas dos jornalistas. Aproveitou a oportunidade para agradecer a valiosa ajuda que a colectividade tem recebido do sector tauromáquico.

O sr. dr. Caetano de Carvalho, depois de lembrar que Rogério Pérez fora, há dias, condecorado pelo Chefe do Estado, acentuou, a certa altura:

— Jornalista do «Diário de Lisboa» desde 1921, soube afirmar-se num jornal em cujo arranque pontificou uma formidável e ínclita geração de jornalistas, como Joaquim Manso, Artur Portela, Aprígio Mafra e Norberto de Araujo, que, sem ostentarem elevados diplomas escolares, mas dotados com o curso providencial do talento, construiram e ràpidamente impuseram, um jornal sempre renovado e sempre do seu tempo. Autor de novelas e livros de crónicas, tradutor de alguns dos mais festejados escritores da língua espanhola, foi, todavia, como crítico tauromáquico, que Rogério Pérez granjeou a sua invejável aura de prestígio. Na verdade, Rogério Pérez, «el terrible», conquistou, desde á meio século, no seu jornal e em vários jornais espanhóis, o prestígio de um dos mais reputados críticos peninsulares.»

DEU VOLTA Á PRAÇA...

Para agradecer tantos louvores, Rogério Pérez foi ele mesmo: simples, natural, quase humilde. Dir-se-ia que ia pedir desculpa de ter incomodado... «Não mereço estas homenagens...»

Era assim, «por vontade de Deus, um jornalista como tantos, que a família cuida e os amigos aturam, amando os touros e os charutos...»

Leopoldo Nunes propôs que Rogério Perez, como última homenagem da noite, «desse volta á praça», que é como quem diz, á sala. E assim se fez, tendo «El Terrible» sido saudado pelos presentes com palmas, acenos festivos de guardanapos, abraços e «olés».

JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Continuou ontem á tarde, no 1.º Juízo Criminal da Boa-Hora, o julgamento do caso da herança Sommer. Parte importante da sessão foi dedicada ao esclarecimento de como fora possível que determinadas cartas (trocadas entre o sr. Carlos Champalimaud e o sr. prof. Galvão Teles) tivessem ido parar ás mãos do sr. António Champalimaud.

O presidente disse ao declarante (sr. Henrique Champalimaud) que as fotocópias dessas cartas estavam apensas ao processo.

O sr. Henrique Champalimaud acabou por afirmar:

«Ainda nessa altura, mantinha-me ao lado de meu irmão António, como desde o princípio da sua vida; quanto ao momento e ao facto referido, oferece-se-me esclarecer que a confiança, a amizade e a admiração que sempre emprestei ao António, ainda não tem sido desmentida.»

E, mais adiante, acrescentou:

«Na ocasião em que os presentes factos se verificaram, ainda eu estava convencido de que haveria uma explicação plausível para as questões em causa; por esse motivo, continuei procurando uma explicação adentro do ambiente familiar mantendo-me ao lado de meu irmão António.»

A nova pergunta do sr. corregedor Bernardino de Sousa, o declarante respondeu com este desabafo: *«Posso dizer, sem restrições e sem análise prévia e seguindo as instruções do meu irmão António, a ele sempre subordinado, que não podia reter em meu poder fosse o que fosse; entregava-lhe tudo a ele.»*

Nova instancia do magistrado sobre as cartas, tendo o sr. Henrique Champalimaud esclarecido que não teve conhecimento nem se recorda de ter assistido ou intervindo na entrega das cartas a seu irmão António. Admite, porém, sem poder asseverar, como é evidente, que estas teriam sido facultadas pelo sr. prof. Galvão Teles a seu irmão António Champalimaud.

Neste passo, o declarante disse que depois da reunião familiar de 10 de Maio, em casa de sua tia, sr.ª D. Maria Luísa, nunca mais teve contactos com o sr. prof. Galvão Teles, pois todos os assuntos passaram depois a ser tratados por aquele seu irmão. E afirmou, categòricamente: *«Nem sequer fui agradecer àquele jurisconsulto a sua ida á reunião. Passado pouco tempo, o mesmo foi convidado, e aceitou, para exercer o lugar de administrador da Siderurgia Nacional.»*

O sr. corregedor Bernardi-

(Continua na 13.ª página)

TVE É TV
—EM MATÉRIA DE INFORMAÇÃO

por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Haverá muitos aspectos em que a televisão espanhola não seja muito melhor que a portuguesa — mas decerto outros há em que incomparàvelmente dela se distancia: e neste caso está a informação, que, como oficial do ofício, especialmente me interessa.

Quando acontece estar no estrangeiro, não costumo, como é evidente, ver televisão. Porém, há dias, em Espanha, quando, á meia-noite e tal, passava em frente a um *video* (é assim que se diz, não?) ia começar um serviço informativo, chamado «Vinte e quatro horas» — e resolvi ficar a assistir ao mesmo.

Então, para meu espanto, começou por aparecer um locutor com um ar informal falando informalmente, inclusive sem papel e que em tom coloquial nos disse mais ou menos: entre os acontecimentos de hoje avulta a queda do Governo argentino do general Ongania, derrubado por um golpe dos militares; sobre ele vamos ouvir o nosso correspondente em Buenos Aires, sr. Fulano, chefe de redacção do jornal «La Nación».

Uma ligação telefónica, e o nosso camarada argentino informou, em cima da hora e da notícia, o que se passava no grande país sul-americano, enquanto nos eram transmitidas imagens da situação no próprio dia — ou na véspera, só porque já passava da meia-noite. Depois, e já terminada a ligação com Buenos Aires, o locutor (comentador) espanhol deu um breve (e muito bem feito) resumo do que era a Argentina (população, área, principais riquezas, etc), e da sua evolução política nos últimos anos, e da carreira dos três generais da Junta Militar.

Que houve mais nas últimas 24 horas, pergunta o locutor — que responde: Luxemburgo reuniu-se o Conselho de Ministros dos Assuntos Exteriores do Mercado Comum, tendo na agenda a celebração de um pacto preferencial com a Espanha e ligou ao enviado especial da TVE, que fez o ponto da reunião e, além do mais, entrevistou o sr. Harmel: tudo, claro, com as imagenzinhas (não fotografias...) correspondentes.

E o sistema repetiu-se com serviços especiais (com ligações telefónicas sempre em cima da hora aos correspondentes da TVE dos seguintes países e tratando os seguintes temas: Itália — a Itália de hoje o do futuro —, análise feita a partir dos resultados que acabavam de ser conhecidos das eleições regionais; Alemanha: a reunião dos quatro grandes; Inglaterra: um serviço sobre a possível retirada de Kossyguine, anunciada por certa imprensa britânica e outro sobre um acidente num festival aéreo com as imagens do mesmo.

Além disto, um resumo das principais notícias do dia, com imagens, as ultimas notícias (as unicas sem imagens), e uma reportagem a propósito do aparecimento do primeiro jornal feito em plástico, o vespertino «Informaciones», acompanhada de uma entrevista com o seu director, Jesus de la Serna. (1)

E, a terminar, mais notícias (telefónicas) e apontamentos de reportagem do enviado especial da TVE ao Peru: tudo em cerca de 25 minutos de emissão, durante os quais o telespectador espanhol pode efectivamente ficar com uma ideia das ultimas 24 horas do mundo, que lhe são fornecidas de forma viva, directa e jornalisticamente conseguida, utilizando enviados especiais e serviços também especiais dos seus correspondentes nas principais cidades do mundo.

Não há duvida que em matéria de informação TVE é TV.

Por ser em Espanha o que importa salientar — dado que, seguindo a mesmo orientação, muito mais e melhor se faz ainda (e naturalmente) em outras latitudes.

---

(1) Embora a publicidade afirmasse que se tratava do primeiro jornal espanhol feito em plástico, o facto é que só a capa e contracapa eram de plástico, com uma grande gravura a cores de um touro, abrangendo as duas, e um artigo sobre o futuro dos plásticos. No verso de cada uma delas, anúncios de página.

A vantagem da capa de plástico seria a de não se rasgar e, sobretudo, não sujar. Porém, parece-nos que o sistema (no qual, aliás, já se têm feito experiências mais perfeitas noutros países) não resultou: pelo menos depois de andarmos algum tempo com o «Informaciones» na mão, com o calor e o suor, a cor principiou a sujar-nos muito mais do que o que normalmente acontece com o papel impresso a preto e branco.

REUNIÃO BANCÁRIA EM VIENA DE ÁUSTRIA

Efectuou-se a 38.ª sessão do Institut Internacional d'Études Bancaires, em Viena, sob a presidência do sr. Jacques Berthoud, director-geral do Credit Commercial de France.

O Institut International d'Études Bancaires analisou, entre outros, uns estudos sobre: «A imagem da Banca Europeia perante o publico», e «Taxas de juros na Europa, incluindo a taxa do Euro-Dollar e os seus efeitos na Banca», apresentados, respectivamente, pelo sr. dr. A. Münchmeyer, sócio na Schroeder, Münchmeyer, Hengst & Co. e sr. T. H. Bevan, Vice-Presidente do Barclays Bank Limited.

Como a influência dos Bancos privados e comerciais sobre as condições económico-financeiras é bastante limitada, é necessário fazer os maiores esforços no sentido de informar convenientemente o publico das verdadeiras causas das actuais tensões e anomalias nos mercados financeiros e capitais no Mundo.

Em particular, foram consideradas as perspectivas de evolução das taxas de juro e pensa-se que é provável se mantenha a níveis historicamente altos. Manifestou-se apreensão em face desta perspectiva que trará certamente a longo prazo uma desvantagem para o Público e para a Banca.

Foi sugerida, além disso, a necessidade de combater as pressões inflacionistas que resultam da longa manutenção de «deficits» na balança de pagamentos.

Nesta reunião esteve presente o membro português do Institut International d'Études Bancaires, sr. dr. Manuel César da Fonseca, administrador do Banco Totta & Açores.

CHAPÉU
PALMARES

SPORTEX»
O ÚLTIMO GRITO DA MODA!
LEVE E INDEFORMÁVEL
PHOEBUS
R. DO OURO, 287

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

RÚSSIA PAÍSES DE LESTE e ESCANDINÁVIA
EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO. HOTÉIS DE 1.ª CLASSE
Paris - Bélgica - Alemanha Ocidental - Berlim - Alemanha Oriental
Polónia - Rússia - Finlândia - Suécia - Dinamarca e Holanda
Partidas: 19 de Julho - 9 de Agosto - 23 dias
abreu desde 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. Sotã, 2
abreu É QUALIDADE abreu É MELHOR

A
OURIVESARIA DA GUIA
FUNDADA EM 1875
RUA DE D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)
comunica aos seus Ex.mos Clientes que, durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, o seu estabelecimento encerra aos sábados ás 13 horas

Actualidade internacional

EGIPTO: ATACADA PELOS ISRAELITAS UMA ZONA SOB PROTECÇÃO RUSSA

ENOCH POWELL e a esposa mostram a sua satisfação após aquele parlamentar conservador inglês ter sido reeleito. Powell, que obteve mais votos do que anteriormente, opõe-se á imigração de pessoas de cor, pelo que o acusam de racismo

TEL-AVIV, 23 — (R.) — «Comandos» israelitas, aparentemente transportados em helicópteros, penetraram a noite passada profundamente em território egípcio, bombardeando um centro militar numa região onde fontes estrangeiras afirmaram que se encontram pilotos soviéticos com a missão de «controlar» o espaço aéreo.

Segundo um informador militar em Tel-Aviv, o centro situa-se a 75 quilómetros a ocidente de Ras Zaafrana, no golfo do Suez.

O grupo de ataque israelita montou uma emboscada a dois transportes de tropas que se deslocavam para o local de acção, incendiando-os. Julga-se que morreram vários soldados egípcios.

A zona atacada pelos israelitas tem sido considerada sob a protecção soviética, que abrange grande parte do interior do Egipto.

É o primeiro ataque israelita em profundidade nesta região desde que Israel anunciou que os pilotos saviéticos realizavam missões aéreas na referida área.

Os observadores presumem que o ataque se destinava a mostrar aos egípcios que as regiões do interior continuavam vulneráveis aos ataques israelitas, a despeito da protecção soviética e assim continuariam enquanto o presidente Nasser não tomasse em consideração o cessar-fogo ao longo do Canal de Suez.

CONVITE DO KREMLIN À RAINHA ISABEL?

MOSCOVO, 23. — (A. N. I.) — O Governo soviético tenciona convidar a rainha Isabel de Inglaterra e o príncipe Filipe a visitarem a U. R. S. S. — anuncia-se em círculos diplomáticos de Moscovo.

O Kremlin pediu a algumas personalidades inglesas que estiveram recentemente na União Soviética para informarem o palácio de Buckingham do seu interesse na visita da soberana — acrescenta-se.

Em círculos soviéticos sublinha-se que o convite havia já sido sugerido informalmente, em 1957, pelo então chefe do Governo, marechal Bulganine, que se deslocou a Londres, fazendo-se acompanhar do secretário do Partido Comunista, Nikita Kruchtchev.

Com a recente insistência no convite, os russos — sublinha-se nos mesmos círculos diplomáticos — veriam na visita da rainha uma prova de que a Inglaterra, apesar de «cliente» dos Estados Unidos, não aceita restrições ao papel que desempenha no Mundo.

EDWARD HEATH E A RODÉSIA

Continuação da página)

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, dr. Hilgard Muller, encontra-se actualmente em Londres numa visita particular. Espera-se que solicite uma audiência com o seu novo colega britânico, «sir» Alec Douglas-Home.

Em 1968, durante uma visita á África do Sul, «sir» Alec declarou que quando os conservadores voltassem ao Poder o antigo sistema de venda de armas á África do Sul entraria novamente em vigor. Em Março passado, o presidente do Partido Conservador, Anthony Barber, afirmou, após uma conferência com o primeiro-ministro sul-africano: «Um Governo conservador reverteria á política anterior de venda de armas á África do Sul».

O Governo trabalhista, que perdeu o Poder após as eleições gerais de quinta-feira passada, impôs um embargo de armas á África do Sul em Outubro de 1964.

PETRÓLEO: «ALIMENTO» DO FUTURO

PARIS, 23. — (F. P.) — A solução do problema da fome no Mundo está talvez ao nosso alcance, declarou ontem o dr. Jean Chenevier, director-geral da companhia de petróleos franceses BP, tratando na Academia de Ciências Morais e Políticas das proteínas de biossintese do petróleo.

Existem técnicas, efectivamente, que permitem a utilização do petróleo como «alimento» na cultura de certas leveduras ricas de proteínas. De todas as carências alimentares, a da proteína é a mais grave e mais dramática. É essencialmente no Terceiro Mundo que essa carência se manifesta.

A BP francesa está a construir, disse Chenevier, uma fábrica para a produção industrial de um pó de levedura, sem cheiro nem gosto, contendo 70 por cento de proteínas. A cultura dessas leveduras, far-se-á sobre gasóleo, produto petrolífero normal que contém as parafinas que as leveduras seleccionarão. Ensaios aprofundados de toxidade e nutrição foram levados já a cabo, tanto em França como no estrangeiro, nos precedentes seis anos. Se os resultados na fábrica confirmarem as investigações dos laboratórios, fica-se com um meio seguro e eficaz, salientou Chenevier, de produzir em grandes quantidades e rápidamente; um alimento de alto conteudo proteínico e vitamínico, que pode dar uma contribuição eficaz para a alimentação no «Terceiro Mundo». Mesmo assim, ter-se-á de contar com os preconceitos, e fazer aceitar este produto insólito pelos seus futuros consumidores.

No ESTORIL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria Paris, Av. Fausto de Figueiredo.

NOTA INTERNACIONAL

SPIRO T. AGNEW

Spiro T. Agnew, o palavroso vice-presidente dos Estados Unidos, voltou à carga contra os inimigos da política do seu presidente. Desta vez os visados não foram os «subversivos jornais da costa Ocidental» nem as «desnacionalizadas cadeias da televisão». Spiro denunciou os senadores «aderentes à tese de uma derrota americana no Vietnam».

A verborreia patriótica do vice-presidente não poupou sequer um homem que até apoiou a sua candidatura na convenção republicana de Miami: o «mayor» de Nova York, John Lindsay. Mas os mais visados foram, como não podia deixar de ser, os democratas que podem vir a fazer alguma sombra no futuro. São eles Edward Kennedy, Georges McGovern, William Fullbright.

Para Agnew, ser contra a política seguida pelos Estados Unidos no Vietnam continua a constituir um acto de traição e de identificação com as teorias do inimigo. Quem não é por mim é contra mim. E eu sou a Pátria. Esta a teoria de Agnew, e não só.

Agnew, como já se disse, tem o hábito de atacar as cadeias de televisão. E tem razão. Elas não lhe perdoam. Desta vez foi a ABC (American Broadcasting Company), que resolveu possibilitar a um dos visados, McGovern, responder através dos seus canais. O senador do Dakota do Sul não se fez rogado. Classificou as atitudes do vice-presidente de «vergonhosas» e disse que o eram desde que ele tinha assumido as suas altas funções.

Nada disto teria muita importância se Agnew falasse apenas por si. Contudo, segundo muitos observadores pensam, ele reflecte as opiniões que o presidente Nixon se não atreve a fazer pela própria boca. Agnew limita-se a deitar apenas um pouco de sal para alegrar a retórica.

Quanto a nós, no entanto, o mais importante disto tudo é que, por qualquer acidente (da natureza ou não), Spiro T. Agnew pode transformar-se, de um momento para o outro, no próximo presidente dos Estados Unidos. Sabemos que não são os homens (leia-se personalidades) que fazem a história ou mesmo a política. Mas este homem só sabe, e quer, fazer uma política. Foi escolhido por isso mesmo. Quem o escolheu foi o «sistema». Não é sem alguma razão e apreensão que se conta nos Estados Unidos aquele chiste que diz:

— Nixon foi muito esperto ao escolher Agnew para vice-presidente.

— Porquê?

— Porque ele assim sabe que não será assassinado.

A. V. C.

MICHÈLE RAY ENCONTRAVA-SE NO «BOEING» DESVIADO

PARIS, 23 — (R.) — Um Boeing-707 da Pan American, assaltado e obrigado a seguir ontem para o Cairo por um albanês armado com uma pistola, chegou a noite passada a esta capital, vindo de Roma.

Entre os 30 passageiros que desembarcaram em Paris encontravam-se o general Abasse Gharabaghi, chefe do estado-maior do Exército persa, e a jornalista francesa Michèle Ray, que passou 20 dias prisioneira do Vietcong no Vietnam do Sul em 1967.

Michèle Ray recusou-se a fazer quaisquer declarações aos jornalistas, mas o general Gharabaghi comentou, sorrindo: «Assim, a viagem foi um bocado demorada».

Um informador da PAA disse que o avião regressaria hoje a Roma, mas sem o seu piloto norte-americano, o comandante John Burns, que seguiria para Nova York.

OPEL
KADETT
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE
KAPITAN
ADMIRAL
OPEL É SEMPRE MAIS CARRO
peça uma demonstração a
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A
LISBOA
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS
GM

ESQUENTADORES
DESDE 70$00 MENSAIS
SEM ENTRADA
FIADOR
JOVICA
Av. 5 de Outubro n.º 53 - C — Telefs. 535010 - 47769
FILIAIS: — CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA E
AGORA TAMBÉM NO LARGO DE D. ESTEFÂNIA N.º 12-D

AGENTE DO PAPEL
DE DECORAÇÃO SUPERLAVÁVEL
GERIL
REVESTIMENTOS
colowall
INSTALAÇÕES REMODELADAS
RUA LUCIANO CORDEIRO, 2-C
LISBOA-1 — TELS. 49845/58423
NOVA SÉRIE JUVENTUDE
DESDE 90$00 O ROLO
PAPEL DE DECORAÇÃO — ALCATIFAS — MOSAICOS PLÁSTICOS
REVESTIMENTOS APLICADOS PELO NOSSO PESSOAL ESPECIALIZADO

CAMBOJA: Decisão difícil para o presidente Nixon

WASHINGTON, 23 — (R.) — O presidente Nixon enfrenta uma decisão difícil quanto á forma de ajudar o regime de Lon Nol do Camboja sem com isso prejudicar a retirada das tropas norte-americanas do Vietnam.

Os recentes triunfos militares dos comunistas no Camboja estão apreocupar considerávelmente o Governo dos E.U.A. e o problema assume vastas proporções, uma vez que as tropas norte-americanas já concluíram práticamente a sua operação de limpeza contra os «santuários» comunistas na região da fronteira, antes mesmo de expirar o prazo que o presidente Nixon a si mesmo impôs para a retirada das tropas do Camboja até ao fim deste mês. Cerca de dez mil soldados norte-americanos continuam, no entanto, em território khmer.

Quando o ultimo soldado e tanque norte-americano tiver saído, o presidente terá ainda que se preocupar com o agravamento da situação no Camboja, onde as forças comunistas aumentam de dia para dia a sua pressão.

O Governo de Washington, pela boca do secretário de Estado William Rogers já declarou que não serão utilizadas tropas norte-americanas para manter o regime de Lon Nol no Poder.

Rogers disse que seria lamentável se o Camboja caísse em poder dos comunistas, mas aquele país da Indochina terá provávelmente que se defender a si próprio apenas com um modesto auxílio norte-americano em armas e todo o auxílio que puder obter dos países vizinhos.

Até mesmo a questão de auxílio do estrangeiro poderá criar no Vietnam mais problemas do que aquele que resolve. Existe a possibilidade das tropas sul-vietnamitas permanecerem depois da saída dos norte-americanos e os tailandeses poderão enviar voluntários para ajudar o regime cambojano.

Os observadores receiam, por outro lado, que a presença das tropas sul-vietnamitas no Camboja obrigue os norte-americanos a manterem as suas no Vietnam do Sul por mais tempo, para não deixarem a retaguarda desguarnecida.

O presidente Nixon retirou 115 mil soldados do Vietnam, desde que começou o programa de «vietnamização» da guerra em Agosto do ano passado, e anunciou a retirada de mais 150 mil homens até Maio do próximo ano. Até agora, o presidente autorizou o fornecimento de armas ligeiras e outro equipamento ao Camboja, no valor de quase oito milhões de dólares, e poderá fornecer mais auxílio militar áquele país no próximo ano fiscal que começa em 1 de Julho.

Em PONTE DE SOR o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM - Avenida General Carmona

Karl Schiller em Varsóvia

VARSÓVIA, 23. — (A. N. I.) — Karl Schiller ministro da Economia da Republica Federal Alemã vai procurar dilatar as relações comerciais com a Polónia nas reuniões de trabalho marcadas para hoje com os dirigentes polacos.

O enviado de Bonn, Egon Ammel, que participa na primeira visita á Polónia de um ministro do Governo Federal Alemão, disse aos jornalistas que um novo acordo comercial a longo prazo deverá ser elaborado hoje, pelas duas partes.

AVISO

O IMPOSTO PROFISSIONAL estará a pagamento no próximo mês de Julho
Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves.
Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

os exames do ensino liceal

3.º Ciclo 1.ª Chamada

Prova escrita de Português

I

Leia cuidadosamente o texto seguinte:

Estava do lado de além a barca Bernardo Pires chamou algumas vezes o barqueiro; ninguém o ouvia mas dera por ele uma rapariga, irmã do dono da barca e da azenha A corrente do Tâmega ia grossa de mais para pulso de mulher; mas Teresa era atrevida, e o irmão só a desoras virta acudir a ansiedade do passageiro. Desatracou o barco, arremangou a camisa, cuspiu nas mãos áridas do trabalho, travou da vara, sondou com ela o vau, deu o primeiro impulso à barca, e daí até à margem oposta mais de três vezes se afigurou a Bernardo Pires que a torrente a ia arrastando à açude que se despenhava, cem passos abaixo, com fragor medonho. De cada vez que Teresa fincava o peito à ponta da vara, a barca resistia à torrente que marulhava e rebentava para dentro dela em tufos de espuma; depois, apertada entre a onda e a vara, gemia pelas junturas; e a possante barqueira, brincando com a morte ou ignorante do perigo, a cada guinada que a barca dava galgando a torrente, exclamava com alegria: «Salta, minha andorinha!»

Abicando à margem fronteira, viu que o passageiro com o chapéu na mão se aproximava dela. Não afeita a cerimónias, quase que não deu fé do cortejo. Estava Bernardo Pires dizendo palavras de sincera gratidão ao denodo e humanidade com que ela se arriscara aos perigos, quando Teresa, passando-lhe para a mão uma celha de pau, lhe disse:

— Ajude-me a despejar o barco, que, se mete mais água, na ida para lá podemos ambos ir ao fundo.

Camilo Castelo Branco.
«Doze Casamentos Felizes».

Comente o texto transcrito, segundo o plano a seguir indicado:

a) Assunto fundamental;

b) personagens apresentadas;

c) marca do autor;

d) linguagem;

e) características do estilo.

II

a) Em *Os Lusíadas*, às estrofes vibrantes da epopeia associam-se passos de notável beleza lírica. Exponha o que tal assunto lhe sugere.

b) Os *Apólogos Dialogais* são, justamente, uma das obras mais célebres de D. Francisco Manuel de Melo. Baseando-se na leitura dessas páginas, indique-lhes as feições dominantes.

III

Integre os trechos que se seguem na *época* e *período* a que pertencem e justifique as razões da sua classificação:

Texto A

Senhor, em tam grave dia
vos vi que nom poderia
mais; e por Santa Maria
que vos fex tam mesurada,
doede-vos algum dia
de mi, senhor bem talhada.

Texto B

Devo dizer também a V. P. alguma coisa sobre a Ortografia Portuguesa, notícia que me parece mui necessária e que com todo o cuidado se deve comunicar aos principiants; pois da falta desta doutrina nasce que, em toda a sua vida, escrevam mal, e, ainda depois de estarem em lugar de letras, é de lástima ver como muitos escrevem. E estas reflexões servirão para emendar o que diz o P. Argote nas suas *Regras Portuguesas*, e algum outro

IV

Aquilano Ribeiro na sua obra: *Camões, Camilo, Eça e outros mais*, sintetiza o poder artístico de Camilo Castelo Branco, ao assinalar neste escritor marcada «natureza estética, rica de seiva e de fantástico poder técnico»

Recorde a leitura de vários passos da Obra camiliana numa sua composição que subordinará ao título:

Umas belas páginas de Camilo.

SOLUÇÃO

I

a) O motivo central do texto é o heroísmo duma mulher que enfrenta, serena e simples, o perigo.

Nela o sentido de humanidade, a noção do dever e da responsabilidade fazem-na esquecer-se do risco, e assim vemos Teresa decidida a acudir ao chamamento ansioso de Bernardo Pires. Sem hesitação, sem reparar que era uma luta desigual a que se travava entre a sua condição de mulher e a força bruta da corrente, lança-se á tarefa de conduzir a barca até á outra margem.

b) São duas as figuras apresentadas, mas devemo-las colocar em planos diferentes: Bernardo Pires e Teresa, cabendo a esta última o maior quinhão, pela sua riqueza humana.

Bernardo Pires é um espectador que assiste com emoção ao feito arriscado de Teresa. Pode-se dizer que é passivo o seu papel; se outro mérito lhe quisermos conceder será o de fazer avultar a figura da rapariga.

De facto, foi acto heróico o que ela praticou, mas a seus olhos não passou dum feito natural. E assim é que, quando o passageiro muito cortêsmente a quis felicitar, ela ficou indiferente a tais cortesias e com ar natural e simples pediu-lhe apenas que a ajudasse «a despejar o barco».

c) d) e) Ressentem-se de falta de visão objectiva estas alíneas. Por isso se responderá em conjunto — elas interpenetram-se e confundem-se, sendo impossível perspectivá-las isoladamente.

O texto documenta bem a «garra» de Camilo. Nele se encontra frase nervosa que procura ajustar-se á precipitação e quase simultaneidade dos sucessos: «Desatracou o barco, arremangou a camisa, cuspiu nas mãos áridas do trabalho, travou da vara, sondou com ela o vau, deu o primeiro impulso á barca».

Camilo soube captar em observação real todo o drama humano da luta e desejo de vencer: Teresa, chamando a si todas as energias, toda a sua força interior, luta denodadamente contra a furia da corrente e vence-a,

Não faltam no texto aqueles salpicos de ironia camiliana, postos, por exemplo, na boca de Teresa: «Salta, minha andorinha!»

Será de referir ainda a curta mas expressiva pincelada de certos passos: «apertada entre a onda e a vara»; «brincando com a morte ou ignorante do perigo».

O pitoresco da linguagem de Camilo está presente em frases e expressões deste teor: «arremangou a camisa»; «tufos de espuma»; «a barca... gemia pelas junturas»; «abicando á margem fronteira»...

E tudo isto numa linguagem transparente, despretensiosa e de sabor quotidiano

II

a) A feição lírica do poema é um dos traços da sua originalidade.

Desde a chorosa Vénus que, com suas sentidas lágrimas e dolorosos queixumes, consegue fazer pulsar de comoção o rei dos deuses, outro tanto sucedendo com a «fermosíssima Maria» junto de seu pai, D. Afonso IV de Portugal, passando pelo «caso triste e dino da memória» de que foi protagonista a desditosa e «linda Inês», até ao trágico fim, profèticamente anunciado, dos amores de Manuel de Sousa Sepúlveda, vítima da vingança do Gigante Adamastor, e ainda os amores infelizes do próprio Gigante que, joguete dos caprichos dos deuses, desperta a nossa piedade e simpatia, tudo são peças líricas dispersas pelos «Lusíadas», e que vêm a culminar no famoso episódio do «Velho do Restelo», de funda ressonância emotiva. Só ele bastaria para dar validade ao poema. Aí se encerra toda a filosofia da história da Humanidade, não uma filosofia de frieza científica, mas abrasada de calor humano: o «velho» sente donidamente no âmago da sua alma todo o drama da Humanidade — o Homem, limitado nas suas capacidades, é desmedidamente ambicioso, julga-se senhor de tudo, tudo quer dominar. A sua ambição, porém, é castigada sempre que ele se quer superar:

«Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!»

b) São quatro os «Apólogos Dialogais»: «Relógios Falantes», «Visita das Fontes», «Escritório Avarento» e «Hospital das Letras».

Todos possuem sentido de didáctica social, revelando simplicidade de estilo, argúcia de observação, ironia, vivacidade em certos passos, imaginação fértil, graça maliciosa e um rico conhecimento da alma humana e das suas fraquezas.

O «Hospital das Letras», se bem que monótono na sua estrutura, tem o mérito de ser a primeira revisão geral da crítica literária a autores antigos e modernos (relativamente a D. Francisco Manuel de Melo) que se escreveu em português.

O mais vivo, e talvez o mais belo, é o «Escritório Avarento»; é também o que tem mais explícita a moralidade — o papel social do dinheiro.

III

Texto A — Época Medieval, período da poesia trovadoresca.

Como razões da classificação podem citar-se: uma de natureza literária — o texto é uma cantiga de amor; outra de aspecto filológico — a linguagem arcaica exemplificada no substantivo uniforme «Senhor», na forma pronominal «mi»; o emprego das expressões tão do gosto trovadoresco: «tam mesurada», «bem talhada».

Texto B — Época Clássica, período setecentista ou iluminista.

Trata-se dum excerto do «Verdadeiro Método de Estudar» de António Verney, obra de recheio enciclopédico, em que o Autor empreende uma reforma cultural completa da mentalidade portuguesa do seu tempo; entre variadíssimos assuntos, propõe-se também o problema de Ortografia Portuguesa.

IV

É pluriforme a obra de Camilo, e é para nós motivo de espanto e variedade e riqueza dos aspectos dessa obra, a maleabilidade com que os toca e a qualidade de alguns dos seus escritos, tudo revelador, sem dúvida, dum artista pujantemente talentoso.

No romance negro do «Anátema» esmaga-nos com a perversidade e ódio que uma criatura humana pode albergar — neste caso Carlos da Silva; no romance satírico «A Queda dum Anjo» assistimos à queda de Calisto Elói, fidalgo anacrónicamente puritano que se corrompe, mas também se realiza como homem, ao vir para a cidade; ao materialismo deste romance — recorde-se a figura boçal da mulher de Calisto — opõe-se o idealismo do «Amor de Perdição»; e, se este romance hoje se nos afigura de pieguismo ridículo, não se lhe pode negar valor de autêntica beleza encontrada em certas páginas, como, por exemplo, as consagradas á pessoa do mestre João da Cruz.

Nas caricaturas com que pretendeu deformar o Realismo, surgem-nos igualmente páginas magistrais, no «Eusébio Macário», a descrição da chegada do «brasileiro» e a da morte do lobo, de tão autêntico realismo.

Quem pode esquecer o sabor da prosa camiliana a descrever a prisão do falso D. Miguel ou a contar a cena do «Melro», na «Brasileira de Prazins»?

E sempre numa linguagem castiça, rica também de aspectos e recursos, em que o erudito se mistura com o popular, o pitoresco com o sugestivo, o sarcástico com o sério, o cómico com o trágico.

3.º Ciclo 1.ª Chamada

Prova Escrita de Desenho

Antes de iniciar o seu trabalho leia, atentamente, todo o enunciado e procure distribuir os desenhos de modo equilibrado.

I

Desenhe as projecções de dois cilindros iguais, de revolução, de 1 cm de altura e bases de frente, sabendo que:

— os centros das bases existem numa recta de topo *t* de 4 cm de cota, cujos afastamentos são, respectivamente, iguais a 7, 8, 9 e 10 cm;

— uma geratriz de cada um dos cilindros tem cota nula.

Desenhe, também, um cone de revolução, de eixo de topo, com a base igual à dos cilindros. O centro desta base é o ponto C (1;4) — 1 cm de afastamento e 4 cm de cota — situado a 7 cm, para a direita, da linha de referência da recta de topo *t*. A altura do cone é de 8 cm.

Desenhe, ainda, um plano vertical que faz um ângulo diedro de 45º com o plano vertical de projecção — abertura para a esquerda do desenhador — e que passa pelo ponto do eixo do cone de 2 cm de afastamento.

Determine as projecções das figuras de secção produzidas por este plano nos três sólidos representados.

Passe o desenho a tinta-da-china, com as linhas auxiliares a tracejado ou a cheio muito fino (preto, vermelho ou sépia).

II

a) Desenhe as projecções de um triângulo equilátero ABC, existente num plano de perfil, sabendo que tem os vértices A e B, respectivamente nos planos vertical e horizontal de projecção. O primeiro tem 4 cm de cota e o segundo 4 cm de afastamento.

Não passe o desenho a tinta e deixe ficar todas as construções auxiliares.

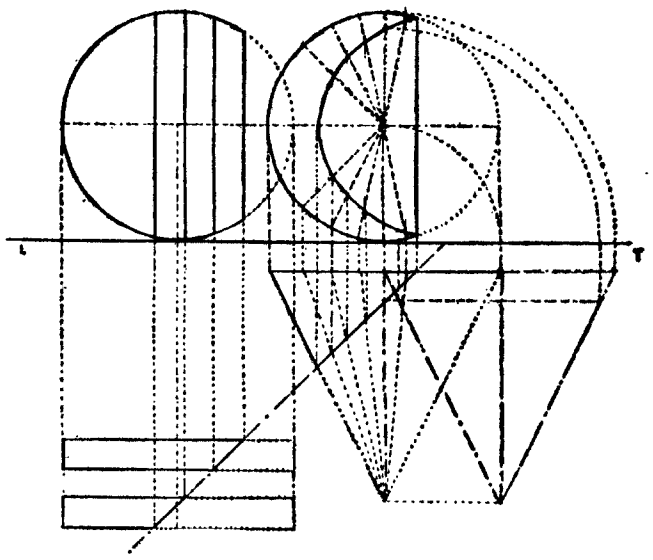
b) Responda, sucintamente, às seguintes questões:

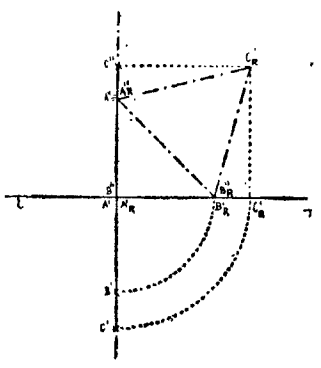
1. O terceiro vértice ocupa uma posição especial no espaço. Porquê?

2. Considerando a luz convencional, onde fica situada a sombra desse vértice?

3. Como determinaria a sombra do segmento $\overline{AB}$?

SOLUÇÃO





QUESTIONÁRIO

1 — Fica situado no β 1/3. Tem cota e afastamento iguais.

2 — Sobre a L. T.

3 — Como as sombras são coincidentes com o próprio ponto é necessário determinar a virtual de um deles. Une-se $A''_s \equiv A''$ com B''. (Por exemplo). A sombra quebra na L. T.

3.º Ciclo 1.ª chamada

Prova escrita de História

I — Responda *sucintamente* às seguintes questões:

1) Mostre como o Cristianismo contribuiu para a transformação da cultura clássica.

2) Saliente a importância das instituições municipais na administração pública portuguesa do período de formação.

3) Explique as razões que determinaram o absolutismo real como regime característico da Civilização Moderna.

4) Indique as características fundamentais da arquitectura e escultura portuguesas nos séculos XVII e XVIII.

5) Interprete historicamente a chamada «questão social» (século XIX).

II — Desenvolva o seguinte tema, procurando redigir cuidadosamente e respeitando as alíneas propostas.

O Renascimento

a) A génese do Renascimento: aspectos sociais, económicos e artísticos;

b) Aspectos fundamentais do Renascimento;

c) O Renascimento na Itália;

d) O Renascimento em Portugal.

CONTABILIDADE

Executamos numa SEMANA, a vossa Escrita dum mês.

Assistência por Técnicos especialistas e qualificados.

Todo o País.

CONTOR — Telef. 535493 — Apartado 5057 Lx

os exames do ciclo preparatório

1.ª chamada

(Fim do ciclo actual)

Prova escrita de Francês

HISTOIRE DE MOUSTIQUE, LE PETIT CHIEN

Voilà Moustique

Jean entre en classe, le matin, et il voit que son ami Philippe est triste.

— Qu'est-ce que tu as, Philippe?

— Maman dit que nous ne pouvons pas garder Moustique, mon petit chien.

— Oh! Écoute. Donne-moi Moustique. Ma mère l'aimera beaucoup.

Mais, quand Jean arrive chez lui, sa maman ne veut pas, elle non plus, garder Moustique.

Alors, Jean installe le petit chien dans le garage et lui dit:

— Sois gentil, Moustique s'il te plaît. Je t'aime et Maman t'aimera aussi.

Et il retourne en classe.

Le soir, quand Jean rentre à la maison, il va au garage pour revoir son petit ami, mais ..... Moustique n'st plus là.

Jean entre dans la cuisine, Maman prépare le dîner et, à côté d'elle, voilà Moustique!

— Oh! Maman!

— Tu avais raison, Jean. Moustique est très gentil. Il est un bon ami et je l'aime déjà. Nous le garderons.

MAMAN PRÉPARE LE DINER ET, A CÔTÉ D'ELLE, ...

I

Questionaire

a) Philippe est triste. Pourquoi?

b) Que pense Jean quand Philippe lui donne son petit chien?

c) Jean installe Moustique dans le garage. Pourquoi?

d) Où est-ce que Jean retourne?

e) Le soir, quand Jean entre dans la cuisine, qu'est-ce qu'il voit?

f) Maintenant la maman de Jean aime Moustique. Porquoi?

II

Jeux d'expression et de vocabulaire

A — Copie et complète les phrases 1 et 2 avec l'une des expressions *a*), *b*) ou *c*):

1. Philippe n'est pas content...

a) ...parce qu'il est malade.

b) ...parce que Jean n'est pas encore arrivé.

c) ...parce que Moustique vai partir.

2. Jean est content...

a) ...parce que Moustique est dans le garage.

b) ...parce que sa maman gardera Moustique.

c) ...parce qu'il entre dans la cuisine.

B — «C'est le soir. Maman prépare le dîner.»

Copie et complète la phrase suivante:

À sept heures du matin, Maman a préparé le ——; et, à midi, le ——.

C — Je te donne les réponses et tu me poses les questions:

Question 1 — .....?

Réponse — Elle prépare le dîner.

Question 2 — .....?

Réponse — Il est à côté de Maman.

III

Jeux de Grammaire

1. Attention à l'exemple:

«Jean *aime son* petit chien.»

Maintenant copie et complète cette phrase:

Jean et sa maman —— —— petit chien.

2. «Maman prèpare le dîner dans la cuisine.»

Trouve les formes des verbes *faire* et *jouer* et les *expressions nécessaires* pour compléter les phrases *a*) et *b*), que tu écriras sur ta feuille:

a) Jean —— sa toilette dans ——.

b) Demain, Jean et Philippe —— au ballon dans ——.

3. Voilà l'exemple:

«Est-ce que Jean va au garage? Oui, il y va.»

Fais attention à l'exemple et copie et complète les phrases *a*) et *b*):

a) Est-ce que Jean et Philippe——au garage? Oui,——.

b) Est-ce que nous —— au garage? Non, nous ——.

IV

Regarde bien les images et raconte l'histoire de Minou.

Tu peux commencer: «Après les classes, Alice et son amie Nicole ...»

HISTOIRE DE MINOU, LE PETIT CHAT

VOILA ALICE. VOILA NICOLE, L'AMIE D'ALICE. VOILA MINOU. VOILA LA MAMAN D'ALICE

SOLUÇÃO

I

a) Parce qu'il ne peut pas garder Moustique.

b) Il pense que sa mère l'aimera beaucoup.

c) Parce que sa maman ne veut pas garder Moustique.

d) Il retourne en classe.

e) Il voit Moustique à côté de sa maman.

f) Parce qu'il est gentil et un bon ami.

II

A — 1. Philippe n'est pas content *parce que Moustique va partir.*

2. Jean est content *parce que sa maman gardera Moustique.*

B — À sept heures du matin, Maman a préparé le *petit déjeuner;* et, à midi, le *déjeuner.*

C — Question 1 — Que fait maman?

Question 2 — Où est Moustique?

III

1. Jean et sa maman *aiment leur* petit chien.

2. a) Jean a *fait* sa toilette dans *la salle de baine.*

b) Demain, Jean et Philippe *joueront* au ballon dans *la cour de récréation.*

3. a) Est-ce que Jean et Philippe *vont* au garage? Oui, *ils y vont.*

b) Est-ce que nous *allons* au garage? Non, nous *n'y allons pas.*

IV

Composition

«L'histoire de Minou»

Après les classes, Alice et son amie Nicole sont sorties de l'école. Dans la rue, elles ont trouvé un petit chat.

— Oh! Qu'il est gentil! — dit Alice.

— Tu vas le garder?

— Oui. Et je l'appellerai Minou — dit Alice.

Chez elle, Alice a demandé à sa mère:

— Je peux le garder, maman?

— Mais oui! Il sera ton petit ami.

Et voilà comment Minou est entré chez Alice.

COMENTARIO — *Ponto acessível, quer a crianças quer a adultos. Dois pequenos reparos: nos exercícios em que é preciso preencher os espaços em branco, os alunos estão geralmente habituados a que a cada traço corresponda uma palavra. A pergunta da alínea a) da pergunta 2 do grupo III tem um só traço a seguir a Jean e, em nossa opinião, devia ter dois porque o passé composé corresponde melhor à ideia de situação que sempre se procurou dar ao aluno durante o ano lectivo: no momento em que o aluno estava a fazer a prova escrita, a* toilette *já tinha passado. A pergunta da alínea b) pede o futuro por causa da palavra* demain. *Isto leva-nos a supor que o examinador quis situar o aluno no tempo.*

Segundo as técnicas audiovisuais, os desenhos não devem ter fundo ou motivos de distracção para a atenção do aluno. Os desenhos de apresentação de Alice, Nicole e Minou têm fundo confuso. Só o desenho da mãe de Alice está correcto.

Nos desenhos da história, o n.º 2 e o n.º 3 — mas especialmente o n.º 2 — têm fundo excessivamente pormenorizado. O gato devia ser preto para melhor realce junto ao tapume (desenho n.º 2) e ao colo de Alice (desenho n.º 3). Estes são reparos que não invalidam a qualidade do ponto, mas, já que tanto se fala e recomenda o ensino audiovisual, faça-se como nele se contém... *Uma pergunta: as provas orais serão feitas com flanelógrafo? Tê-lo-ão todas as escolas?*

Publicaremos amanhã o enunciado e as soluções dos pontos do 3.º ciclo liceal e do Ciclo Preparatório, hoje efectuados.

• Ler outros pontos nas págs. 22 e 23

O caso da herança Sommer

(Continuação da pág. central)

no de Sousa: Diga-me, quais são os vencimentos nessa sociedade?

O sr. Henrique Champalimaud:

«Nunca cheguei a saber com exactidão, mas afirmo com reserva, que o presidente de administração tem o vencimento mensal de 100 contos e os administradores, de 50.

O presidente disse para a acta a resposta a uma instancia que fez ao declarante: *«Que este seu cálculo aproximado deriva de ter havido um avultado pagamento de 14 000 contos ao administrador-delegado que era o meu irmão António, por doze anos de exercício, durante os quais não havia auferido qualquer vencimento.»*

O julgamento continua amanhã. Prestará declarações a sr.ª D. Maria Ana, irmã dos srs. António, Carlos e Henrique Champalimaud.

MANUEL JOSÉ DE ANDRADE

Missa do 7.º Dia

Sua família participa que amanhã, pelas 11 horas, na Igreja de S. João de Deus, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

No próximo dia 25, os empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor mandam rezar missa na capela de Nossa Senhora da Oliveirinha (Rua de S. Julião), pelas 12.15 horas, por alma dos Administradores e demais membros dos Corpos Gerentes, Directores e colegas já falecidos.

Dr.ª Irene Borges de Macedo Neves Tavares

PARTICIPAÇÃO DE FALECIMENTO

Carlos das Neves Tavares, Maria da Conceição Borges Macedo, Mário Borges de Macedo, Victor Hugo Borges de Macedo e filhos, Jorge Borges de Macedo mulher e filhos, Fernando Borges de Macedo, mulher e filhos (ausente), Marcelino Borges de Macedo, mulher e filhos, Heloísa Alice da Silveira Neves Tavares, António Neves Tavares, mulher e filha, Gustavo Neves Cardoso Tavares e mulher, Maria Inácia das Neves Tavares Dias de Brito, marido e filhos, Joaquim Neves Cardoso Tavares, mulher e filhos e Maria da Graça Neves Tavares Quintão, participam o falecimento de sua muito querida mulher, filha, irmã, nora, cunhada, tia e parente, no passado dia 21 de Junho corrente.

Liceu—Institutos

CICLO PREPARATÓRIO

ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 805804

EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL:
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 820221

EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (fte. á Igreja de Benfica) — Tel. 706974

Julho, Agosto e Setembro

CURSOS DE FÉRIAS

EXTERNATO DE ALVALADE

PRIMÁRIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO

Telef. 771965 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 —— Campo Pequeno

Sá de Miranda

PRIMÁRIO — PREPARATÓRIO E LICEAL

Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

CURSOS DE FÉRIAS

EXTERNATO NUN'ÁLVARES

PRIMÁRIO - C. PREPARATÓRIO - 1.º, 2.º e 3.º CICLOS
DIURNO e NOCTURNO—por discip. e secções
Semi-internato — transporte
Praça João do Rio, 2 (ao Areeiro) Tel. 722461 - Lisboa

A ESTRUTURA DA ANTIGA SOCIEDADE PORTUGUESA

(Continuação da 3.ª página)

dalgo, quando é preso, é-o no castelo, sob menagem, ao passo que o comum vai para a cadeia da cidade — tronco (por ex., T. T., São Lourenço, III, 7, Cochim, 1547). Por outro lado, o peão caracteriza-se por poder ser açoutado. Assim, quando alguém arrenega de Deus, ou da Fé, ou de Nossa Senhora, ou profere blasfémeas contra os santos, se é fidalgo, cavaleiro ou escudeiro paga pena pecuniária (dobrada no caso de primeiro) e é degredado um ano para África (três, em caso de reincidência); sendo peão, além da pena pecuniária (metade da que paga o cavaleiro ou escudeiro), recebe 30 açoutes ao pé do pelourinho, com baraço e pregão, e se reincidir é degredado para as galés (Reformação da Justiça, 1582, em *Leys de D. Sebastião*, p. XXIII). Portanto, quando se sobe na hierarquia, o valor da pena pecuniária aumenta (duplicando de categoria para categoria).

A variação da natureza da pena ou a sua proporcionalidade consoante a qualidade estado e condição do criminoso, do autor do delito ou infractor mantém-se para todos os crimes, deltos e infracções. Ao açoute tratando-se de peão, corresponde o degredo em pessoa de mor qualidade. Por exemplo, o ocioso e vadio, será preso e açoutado publicamente, ou, se for pessoa em que não caibam açoutes, degredado para os Lugares de Além por um ano (alvará de 1570, em *Leys* de *D. Sebastião*, p. 112; *Ordenações*, liv. V, tit. 68); quem tiver tabernas e vendagem fora dos lugares autorizados, se for peão, será açoutado públicamente, pagará 2000 reis e perderá o que tem para vender, mas sendo de mor qualidade além de pagar o dobro, e da perda das mercadorias, sofre degredo de um ano para os coutos do Reino (idem, pp. 116-7). Quando cabe pena de degredo qualquer que seja a qualidade da pessoa, no caso da de mor qualidade é para África, no caso do peão apenas para fora de Lisboa e termo — assim a quem aluga casas a mulheres solteiras fora dos bairros autorizados (idem p. 120). Cabendo açoutes ao peão, o degredo é igual para as duas categorias: a mulher que ensinar moças sem licença da Câmara é açoutada pùblicamente e degredada para fora de Lisboa e termo por um ano, sendo da categoria inferior, e em vez dos açoutes paga 20 cruzados se for da superior (em caso de reincidência, quer de uma quer de outra o degredo é para São Tomé ou Príncipe) (idem pp. 115-6) O homem que dormir com uma mulher virgem ou viuva honesta (neste caso, menor de 25 anos), e não casar com ela por vontade de qualquer das partes, desde que ela seja convinhável e de condição para casar, é condenado a pagar-lhe «casamento» (que no primeiro caso inclui a satisfação da virgindade) segundo sua qualidade, fazenda e condição de seu pai; não possuindo bens para isso, se for pessoa em que cabem açoutes, é açoutado com baraço e pregão pela vila e degredado para África até mercê del-rei; se for fidalgo ou pessoa de qualidade que não possa ser açoutado, a pena reduz-se ao degredo. (*Ordenações*, livro V., tit. XXIII). O adultério é punido (a menos de perão do marido) com execução capital dos dois culpados; mas se o adúltero for de mór condição que o marido, por exemplo, aquele fidalgo e este cavaleiro ou escudeiro, ou aquele cavaleiro ou escudeiro e este peão, a sentença não será executada esm confirmação régia, (idem, tit. XXV); ao marido que encontrar a mulher em adultério é lícito matar o adúltero, mas não se este for fidalgo, cavaleiro ou de semelhante qualidade. Estas medidas revelam bem o sentido hierárquico da sociedade e quanto o poder está ao serviço da preservação dessa hierarquia.

Escala de valores e mentalidade colectiva

Essa escala de valores da sociedade estruturada em ordens está a tal ponto assimilada pela mentalidade colectiva que conduz a atitudes aparentemente paradoxais

Não admira, decerto, que um Alvaro de Brito, poeta do *Cancioneiro Geral* (1516), se aflija com a confusão entre os três estados devida aos «trajos demasiados / em que todos sam iguais»; pertence ao círculo dominante; por isso afirma: «Nom devemos ser comuns / senam pera Deos amarmos / e servirmos,/ nam sejamos todos uns / em ricamente calçarmos / e vestirmos» (t. I, pp. 232-3). Também não admira que outro poeta da mesma época, João Barbato, aconselhe a quem quer servir amores: «esta dama que servires / nam valha menos que ti / por linhagem»; é preferível ser menos amado, mas por dama de alto estado, a gozar a liberdade de outra de menos conta (t. II, p. 112). O que nos deixa perplexos ao primeiro embate, e depois nos leva a afirmar a assimilação de tal escala pela mentalidade colectiva, é ver que nas Côrtes de 1472 e 1481-1482, por exemplo, são os procuradores das cidades e vilas — logo, do Terceiro Estado — que se queixam contra o alastrar do luxo, contagiando a «gente meã e meúda», que verberam a gente baixa por vestir panos de seda e fina lã, e acusam o luxo de dissipar as fortunas e deitar o reino a perder (os fidalgos mudam trajes amiúde, vestem brocados, panos de seda e de lã de altos preços, abusam das guarnições douradas e prateadas nas armas); e são esses mesmos procuradores a pedir a fixação do vestuário e calçado segundo as categorias — os estados qualidades e condições —, numa hierarquia minuciosa e rígida; o rei é que acha impraticável, limitando-se a proibir o ouro e panos de ouro aos não-cavaleiros. Nas Côrtes de 1697-1698 um dos capítulos apresentados pela Câmara do Porto pede uma pragmática rigorosa que só aos nobres reconhecidamente tais autorize o uso da seda. Quer dizer que não só os mercadores e industriais se apegam à hierarquia tradicional e condenam a «confusão dos estados» pelo que hoje designaríamos «elevação do nível de vida», como ainda não vêem o interese económico da transformação em negócio de massa de um negócio até aí de luxo.

Vale a pena aduzir outros exemplos para nos apercebermos do que representa na estruturação da sociedade de antigo regime e consideração, o prestígio. Quando do século XVII se pretendeu fomentar a produção de pão no Reino, visto as importações se terem tornado extremamente gravosas para a economia nacional e para o erário régio, Severim de Faria propõe, entre outras medidas, que seja concedida a categoria de fidalgo a todo o lavrador que lavrar três moios de pão — atribuia-lhe grande eficácia. Portanto o simples facto de isentar de certas penas infamantes e de dar direito a certas formas de tratamento e a certos tipos de vestuário constituía, como agora dizemos, uma motivação económica extremamente incentivante. No reinado de D. João II agravavam-se os povos de que os oficios de correctores e fretadores de Lisboa andavam em «pessoas baixas e não pertencentes para eles»; de modo que uma carta régia de 1492 exclui desses cargos os oficiais dos oficios mecânicos, reservando-os a «cidadãos da cidade de Lisboa» e a «pessoas honradas» — os mesteirais não são «honrados», trabalhar com as mãos (exercer oficio mecânico) é «vil». A atitude, neste caso, do grupo mercador perante o mesteiral. Noutro caso, atitude de nobreza perante esses mesmos oficiais mecânicos: o Regimento e estatutos das Ordens militares, de 1572, exclui do hábito os filhos ou netos de oficial mecânico; e no seminário instituido em Africa para sustentar e criar no exercício da guerra os de nobre geração mas pobres, só se receberão fidalgos de nobre sangue e geracão por pai e por mãe

VITORINO MAGALHAES GODINHO

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng.º Virgílio Preto

Eng.º Virgílio Preto

Faleceu, no passado dia 17, o eng.º Virgílio Preto, figura de grande prestígio nos meios ligados á construção civil no nosso País. Por sua expressa vontade não foi feita participação da sua morte.

Natural de Sesimbra, onde nasceu em 15 de Janeiro de 1892, o eng.º Virgílio Preto formou-se em Engenharia na Escola Politécnica de Lausanne (Suíça), tendo-se especializado em betão armado. Logo após a formatura, foi nomeado director da filial de uma empresa suíça em Paris. Regressou a Portugal em 1920 e lançou-se na construção de obras de cimento armado, processo de trabalho em que pode considerar-se como um dos pioneiros em Portugal.

O nome do eng.º Virgílio Preto ficou ligado a várias obras de construção civil, pontes e barragens, entre as quais o Sanatório da Covilhã, parte da aerogare e plataforma do aeroporto da Portela, barragem da Idanha, etc.

A par da sua vida profissional, o eng.º Virgílio Preto desenvolveu ainda uma intensa actividade pública e associativa. Com efeito, o eng.º Virgílio Preto exerceu as funções de presidente do Município de Sesimbra, foi um dos fundadores do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, de cuja comissão directiva foi presidente de 1950 a 1958. Entretanto, acompanhou sempre a vida do Grémio, sendo actualmente presidente da direcção. O eng.º Virgílio Preto foi ainda procurador à Câmara Corporativa e participou em várias reuniões internacionais.

Fundador da revista «Indústria de Construção», uma das suas últimas iniciativas foi o «Colóquio da Indústria de Construção», realizado em Maio e ao qual já não pôde assistir.

O eng.º Virgílio Preto era casado com a sr.ª D. Maria da Graça de Deus Craveiro Lopes Preto, e era pai do sr. eng.º Virgílio Craveiro Lopes Preto e da sr.ª eng.ª D. Fernanda Craveiro Lopes Preto Gomes Covas.

À família enlutada, especialmente ao eng.º Virgílio Craveiro Lopes Preto, apresentamos condolências.

FALECIMENTOS

Dr.ª D. Irene Borges de Macedo Neves Tavares

Faleceu a dr.ª D. Irene Borges de Macedo Neves Tavares, de 55 anos, casada com o prof. Carlos das Neves Tavares, da Faculdade de Ciências de Lisboa e director do Jardim Botânico, de quem foi também assídua colaboradora e dedicada companheira. Com ele participou em trabalhos científicos e em congressos internacionais.

Licenciada em Ciências Biológicas, a dr.ª D. Irene Borges de Macedo Neves Tavares era filha do dr. José Pinto de Macedo e de D. Maria da Conceição Borges de Macedo, irmã dos srs. prof. Jorge Borges de Macedo, da Faculdade de Letras, Mário Borges de Macedo, Fernando Borges de Macedo, dr. Marcelino Borges de Macedo, Vítor Hugo Borges de Macedo e da sr.ª D. Alice Alves de Macedo; cunhada do dr. José das Neves Tavares, já falecido, dos srs. comandante Joaquim Neves Cardoso Tavares, António das Neves Tavares, Gustavo Neves Cardoso Tavares e das sr.as D. Maria Inácia das Neves Tavares Dias de Brito e D. Maria da Graça Neves Tavares Quintão.

O funeral realizou-se ontem, ás 10 horas, para o cemitério dos Prazeres, não se tendo feito participação por vontade expressa da extinta.

Francisco José Joia

Com 66 anos, faleceu hoje o sr. Francisco José Joia, natural de Silves (Algarve) e que durante 44 anos foi ardina em Lisboa.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria Rosa Careta Joia e era pai do sr. José Fernando Joia e da sr.ª D. Ester Careta Joia Jerónimo.

Últimamente era chefe de venda da revista «Flama» e empregado na administração do jornal «A Voz».

O funeral efectua-se amanhã, ás 10 horas, da residência (Rua de S. José, 163, 4.º, D.) para o cemitério do Alto de São João.

Nota da Direcção-Geral de Segurança

Por intermédio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos a seguinte nota da Direcção-Geral de Segurança:

«A instrução do processo-crime por actividades contra a segurança do Estado, relativo ao «Grupo de Estudos, Intercambio de Documentos, Informações e Experiências», sem existência legal e conhecido por «GEDOC», revelou que nelas se encontram comprometidos o padre José da Felicidade Alves, o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, o antigo seminarista Manuel Maria Azevedo Mendes Mourão e o padre Abílio Tavares Cardoso, todos em liberdade sob caução.

O Grupo desenvolvia, ao menos desde Fevereiro de 1969, intensa e continuada acção de propaganda, preparando, editando e divulgando, através de uma rede de informação e distribuição composta por «membros» e «aderentes» do referido «Grupo», que não interessa, por ora, identificar, diversa documentação com circulação proibida e publicações de natureza subversiva e contrária aos interesses nacionais, por favorecerem os que, dentro e fora do País, actuam contra a integridade da Pátria.

Entre essa propaganda, regularmente difundida, contam-se os chamados «CADERNOS - G E D O C», «GEDEÃO», «HABACUC», «ISMAEL», os «CADERNOS NECESSÁRIOS», «CADERNOS SOCIALISTAS» e «ÁFRICA LIVRE», que a Direcção-Geral de Segurança sucessivamente apreendeu e cuja distribuição se fazia clandestinamente.

Para a sua elaboração, utilizava, o «Grupo», informações fornecidas pelos nossos inimigos e elementos extraídos de publicações estrangeiras que servem interesses alheios e nos atacam injustamente.

Dentro desta orientação os seus escritos insurgem-se contra a defesa do Ultramar, tentam desprestigiar as Forças Armadas, excitam a opinião pública, defendendo as pretensões dos que procuram por todos os meios separar da Mãe-Pátria as Províncias Ultramarinas, e fazem, sob a mais variada argumentação, a sinistra experiência da cobertura moral do terrorismo.

Logo que esteja terminada a instrução, o processo será remetido ao Tribunal competente, ao qual ficarão afectos os arguidos.»

Diário do Porto

A CIDADE VIBRA DE ENTUSIASMO COM OS EMPOLGANTES E INCONFUNDÍVEIS FESTEJOS DO SÃO JOÃO

A festa do São João no Porto, tipicamente popular, de cunho e cor locais, torna-se inconfundível, tem larga projecção e é única em Portugal.

É um espectáculo magnífico, cheio de luz, de cor e de movimento, esfuziante de alegria, comunicativa, envolvente, que enche a cidade de lés-a-lés e culmina nas ruidosas manifestações, de características inigualáveis, com toda a vibração da alma popular, nas Fontaínhas, onde se junta a multidão — pràticamente toda a cidade — na festiva e cintilante celebração. Aliás, a mesma vibração caracteriza os festejos de São João nas terras minhotas, principalmente em Braga.

A população, o povo da grande e laboriosa urbe tem, assim, hoje a sua grande noite — difícil de igualar em qualquer parte.

À noite, multidões, em araldeante alegria, vêm para as artérias citadinas com o alho-porro, os cravos e a cidreira, os balões e os manjericos, cantando e bailando, saltando fogueiras, num espectáculo empolgante.

Hoje ninguém se importará com os cinemas, cujas fachadas iluminadas apenas servirão para dar mais um pormenor de citilante colorido ao festivo conjunto.

Não há espectáculos, mas os «cafés», restaurante típicos ou simples casas de parto conservar-se-ão abertos e proporcionarão ao portuense ou ao forasteiro belos petiscos, que vão desde a torrada fumegante, barrada com manteiga, ao cabrito assado no forno. E todos procurarão divertir-se em meio do contagiante e entusiástica alegria!

Casa destruída

Esta manhã, pelas 7 e 30, no lugar do Areínho, Oliveira do Douro, (Gaia), o fogo destruiu uma casa térrea, construída em Madeira, que era habitada pelo sr. Alcino dos Santos Silva.

Espectáculos para hoje

Hoje, véspera de São João, não há espectáculos de teatro ou de cinema na cidade.

Amanhã à tarde

CARLOS ALBERTO — Às 15: «A pequena paródia» e «Trinta Winchesters» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (5.º turno)

AMEAL, R. do Ameal, 1227 (Tel 43560) ✻ BIRRA, P. da Liberdade, 25 (Telef. 20463) ✻ COSTA LIMA, Av. do Boavista, 885 (Telef 60606) ✻ FALCÃO, R. de Santo Ildefonso, 61 (Telef. 21566) INVICTA, R. do Bonfim, 330 (Telef 51212); LAPA, R. Antero de Quental, 211 (Telef. 40697) ✻ MARTINHO SUCR., P. Marquês de Pombal, 122 (Telef. 40747) ✻ ORDEM DA TRINDADE, R. da Trindade, 9 (Telef 27420) ✻ RAMOS P. Exército Libert, 91 (Telef 64935) ✻ SANTA TERESA, P. G. Gomes Fernandes, 70 (Telef. 357 31) ✻ TERREIRO, R. da Rebolaria, 4 (Telef 23576) ✻ VAZ TEIXEIRA SUC., R. do Heroísmo, 56 (Telef 52851) ✻ VILARINHA, R. do Vilarinho, 61 (Telef. 682014) ✻ NACIONAL, R. Senhora da Luz, 156 — Fox (Telef. 680833).

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Oferta	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	506$
Consolidado 3%	—	—	516$
Consolidado 3 1/2%	612$	612$	—
Centenários 4%	—	—	1.480$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	630$	710$
Externo 1.ª Série c.	730$	725$	735$
Externo 3.ª Série	—	750$	800$
Externo 3.ª Série c.	—	800$	835$
Cautelas 3.ª Série	—	—	190$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	475$	—
A P T 5% 56	—	—	900$
A P T 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	925$
C P 5 1/2% 67	—	—	1.000$
C U F 6%	—	—	945$
C U F 6% 68	—	955$	—
Gás Elect 4% 48	820$	800$	820$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	870$	—
Gás Elect 5% 52	—	850$	—
Gás Elect 5% 58	—	840$	850$
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	940$	900$	945$
Gás Elect 5% 63	940$	900$	994$
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	970$	950$	—
H E A Alentejo 5%	800$	750$	800$
H E Cávado 5%	—	820$	—
H E Cávado 6%	1.000$	995$	1.003$
H E Douro 5%	790$	780$	790$
H E Douro 6%	975$	—	980$
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	—	1.008$	—
H E Zêzere 5% 55	—	810$	—
H. E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	980$	—	990$
Metropolitano 4%	—	—	840$
Metropolitano 5 3/4%	960$	960$	965$
Moçambique 5%	—	800$	—
Nac Elect 5%	—	770$	780$
Nitratos 5%	—	—	800$
Nitratos 5% 60	—	—	800$
Petroquímica 5%	—	880$	—
Port Celu. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	930$
Sacor 5% 60	—	—	900$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	815$
Siderurgia 5% 3.ª	810$	800$	810$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	800$
Sonefe 5%	—	810$	850$
T A P 4%	—	—	950$
Termoelect Port 5%	800$	795$	810$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 1/2%	—	89$	—
U E P 5%	—	80$	—
U E P 5% 60	—	—	810$
U E P 5% 63	—	840$	—

Ultramarinos	Oferta	Compra	Venda
Buzi	88$	87$5	88$
Cabinda	—	225$	228$
Diamantes Angola	2.960$	2.950$	2.980$
H E Revué	—	730$	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	203$	203$	204$
Sonefe n.	—	455$	—
Sonefe p	470$	470$	472$
Zambézia	82$5	82$5	83$
Diversas			
Cidla	6.900$	6.850$	6.900$
Cim Leiria	—	—	6.000$
Cim Tejo	—	7.100$	7.200$
Col Navegação	—	—	1.630$
C U F	—	1.600$	—
Ind Aliança	—	800$	850$
Nac Navegação	4.500$	4.450$	4.600$
Petroquímica	1.900$	1.880$	1.950$
Port e Colónias	—	1.480$	1.500$
Port Celulose	4.350$	4.350$	4.400$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	—	—	—
Sacor	4.700$	4.700$	4.800$
Siderurgia Nac	2.220$	2.220$	2.230$
Socel	3.330$	3.320$	3.350$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	7.000$	7.100$
U F Azoto	830$	832$	840$
Agua. Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	390$	—
Águas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.220$	1.220$	1.222$
C P Electricidade, nom	1.200$	1.190$	1.200$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	1.735$	1.730$	1.740$
Gás Electr	429$	429$5	430$
H E Alto Alentejo	198$	197$5	198$
H E Norte Portugal	—	290$	300$
H E S Estrela	—	—	—
U E P	193$	192$5	193$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	210$	216$8
F I D E S	—	128$5	132$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
LUTALAU DAS ACÇÕES

	15/6/70	19/6/70	22/6/70
GERAL	158,3	158,3	158,6
METROPOL.	148,5	147,6	148,1
ULTRAM.	230,5	236,7	235,9

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-56 — Lisboa — Tel 666066/7
Teleg ALMEIRO — Telex 471 ALBAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.395$	2.390$	2.400$
Alentejo	1.135$	1.133$	1.140$
Angola	3.700$	3.700$	3.730$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	—	—
E. Santo	21.800$	21.700$	22.000$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
Fomento	—	2.440$	2.480$
L. & Açores p.	7.100$	7.070$	7.150$
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	5.890$	5.890$	5.900$
Portugal n	—	3.060$	3.080$
Portugal p	3.980$	3.950$	4.000$
Totta Aliança	6.350$	6.300$	6.400$
Ultramarino n.	3.680$	3.680$	3.700$
Ultramarino p.	4.050$	4.040$	4.060$
Seguros			
Alentejo	—	132$	138$
Douro	—	1.100$	—
Mundial	880$	880$	885$
Sagres	—	1.500$	2.500$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarino	—	25 000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	800$	795$	810$
Ag Casseque	680$	680$	690$
Ag Incomat	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	275$	270$	290$
Boror	—	195$	200$

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	36$00	38$00
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$10	28$60
— Dólares de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dolares	26$80	27$40
Alemanha — Marco	7$70	8$00
Argentina — Peso	$06	$09
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro	4$80	6$80
Espanha — Peseta	$40,5	$42,0
Holanda — Florim	7$75	8$05
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$90	5$30
Suíça — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirhan	4$80	5$40
Dinamarca — Coroa	3$65	3$95
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabe	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$00	37$00

J. BURNAY L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito Tel. 321273

ACOUSTICAL QUAD
O melhor amplificador do mundo — altifalantes electrostáticos sintonizadores AM e FM Multiplex.
Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S A R L
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA
No norte: VADECA — R. de S.to António, 219 — PORTO

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1366
Lisboa — Portugal

«FÉRIAS NO MUNDO»: VIAGENS, AUTOMÓVEIS E OUTROS PRÉMIOS PARA OS LEITORES

Os principais prémios deste concurso, a que todos podem concorrer, são viagens aéreas a nada menos de 13 itinerários, com partida de Lisboa. Para Joanesburgo, Dusseldorf-Francfort, Buenos Aires, Bruxelas, Recife-Rio de Janeiro-São Paulo, Copenhaga, Madrid-Las Palmas, Nova York-Boston, Paris, Amesterdão, Londres, Salisburia e Genebra-Zurique.

Cada um dos concorrentes premiados, terá de fazer-se acompanhar de uma pessoa de sua família e terá paga uma estadia de oito dias, em cada itinerário visitado. E sem problemas...

Com efeito, não queremos «obrigar» os leitores premiados a viajarem: eles poderão planear, calmamente, as suas «férias no mundo», já que concedemos, o prazo de um ano para as poderem utilizar.

VIAJAR DE AUTOMÓVEL

Evidentemente, que não poderá haver viagens para todos. Mas... há ainda muitos prémios!

Por exemplo, com os três magníficos automóveis que oferecemos, também, se pode viajar. E quem não os desejará possuir? Nada menos que um «Austin 1300 MK II» (2 portas) e dos «Austin 1000 Special Luxe»!

Como se sabe, trata-se de modelos muito recentes da gama «Austin», sendo os «1000» do modelo tão publicitado, ùltimamente, pela nova configuração das suas janelas — agora, de correr.

UM «MONTE» DE ELECTRODOMÉSTICOS

Mas ainda não acaba aqui a nossa lista de contemplações para os que concorrerem: temos também numerosos aparelhos electrodomésticos para oferecer aos que não forem bafejados pela sorte, com as magníficas viagens e os estupendos automóveis.

A máquina de lavar e o frigorífico — ambos «Kelvinator» — são as vedetas desse grande conjunto de aparelhos que irão receber os leitores premiados nesta nossa iniciativa de Verão.

O QUE HÁ A FAZER

De momento, aguardar mais notícias do nosso concurso «Férias no Mundo».

Amanhã, daremos a conhecer mais um lote de prémios.

E nos dias seguintes revelaremos as linhas gerais e o Regulamento do Concurso, para que todos tenham possibilidades de concorrer e ganhar umas inesquecíveis férias, ou umas férias muito melhores.

De vez em quando

O jantar de homenagem ao «nosso Rogério Perez» foi magnífica jornada de convívio tauromáquico. Uma duzia de oradores — nada menos — enalteceu as qualidades profissionais e pessoais de quem se tem encarregado de as firmar diáriamente ao longo de 60 anos de profícua actividade. Muitos deles, gente do meio, afloraram o problema da «corrida á portuguesa» e da «corrida á espanhola», mas fizeram-no em termos mansos (como os toiros que frequentemente se lidam nas nossas praças). Nenhum teve a coragem de se «adornar» com um pedido directo ao director-geral dos Espectáculos, que estava presente, sugerindo-lhe que ponha o seu espirito jovem e esclarecido ao serviço do próximo restabelecimento da corrida completa no nosso País. Os verdadeiros aficionados não admitem a mutilação do ultimo tércio, escamoteando-se o «momento da verdade». Quanto a nós, também achamos que é preciso restabelecer, em Portugal, o hábito salutar de encarar de frente os «momentos da verdade».

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado nas regiões do interior e, em geral, muito nublado nas do litoral; o vento era fraco ou moderado do quadrante norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 28°,5; mínima: Penhas da Soude, 7°. TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, Coimbra, Portalegre e Faro, 19°; Penhas Douradas, 14°; Lisboa, 20°; Faro, 22°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado, podendo apresentar períodos de muito nublado nas regiões do litoral Oeste a norte do rio Tejo; vento fraco a moderado de Norte; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro nas terras baixas do interior.

Amanhã
Nascer ás 6 e 13
Ocaso ás 21 e 06

Dia 26 Dia 3 Dia 11 Dia 18

MARÉS:
PREIA-MAR: **hoje** — 7 e 07 (3,7 m); 19 e 20 (4,0 m). **Dia 24** — 7 e 56 (3,6 m); 20 e 16 (3,9 m). **Dia 25** — 8 e 53 (3,5 m); 21 e 12 (3,7 m). BAIXA-MAR: **hoje** — 0 e 27 (0,9 m); 12 e 36 (1,3 m). **Dia 24** — 1 e 17 (1,0 m); 13 e 28 (1,3 m). **Dia 25** — 2 e 12 (1,2 m); 14 e 28 (1,4 m).

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422 Rua da Prata, 156, s/l (unico no género)

VIAGENS À
INGLATERRA E ESCÓCIA
E
INGLATERRA E IRLANDA
— 8 ITINERÁRIOS DIFERENTES —
RESERVE O SEU LUGAR NA ACREDITADA
Europeia
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

CAMPO PEQUENO M/6 anos
Quinta-feira, 25 de Junho, às 22 horas
LATINA

O DESCONCERTANTE
PLATANITO
E
MANUEL VALENTE
O TOUREIRO REVELADO PELO ZIP-ZIP
FERNANDO A. SALGUEIRO
SOMMER DE ANDRADE
FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE chefiados por ANTÓNIO LUÍS PENETRA
8 TOIROS DE JOÃO GREGÓRIO
TELEFS: 766161 / 312712 / 30769

Balança comercial metropolitana: o saldo negativo (em 1969) foi de 11 734 milhares de contos

(Continuação da 1.ª página)

tura Económica e Financeira - 1969», recentemente editada pelo Banco de Fomento Nacional, a acompanhar o seu relatório referente ao exercício daquele ano. Este «deficit» foi ligeiramente inferior ao verificado em 1968 que totalizou 11 941 milhares de contos. Recorde-se, no entanto, que este foi o mais elevado de sempre.

Como se acentua no mesmo estudo do B. F. N., «uma análise retrospectiva dos saldos apresentados pela balança comercial na ultima década permite verificar que, embora com algumas oscilações, o seu agravamento tem sido progressivo, e de tal forma que o «deficit» em 1968, atingiu um valor quase duplo do verificado em 1960». Acrescenta que, «em boa parte, este fenómeno resulta de não haver sido possível melhorar substancialmente o coeficiente de cobertura das importações pelas exportações (59,9% em 1960 e 66,8% em 1969)».

Continuando a sua análise do comércio externo (feita com base em valores a preços correntes), o Banco de Fomento acrescenta que, para a ligeira redução operada no «deficit» em 1969 contribuiu o aumento de 1 732 milhares de contos nas exportações (7,9%), a que se associou um acréscimo relativamente inferior do total importado (1 525 milhares de contos, isto é, mais 4,5%).

Deve salientar-se, por outro lado, que o movimento ascendente do valor das importações (que não atingiu o ritmo verificado em 1968) ficou a dever-se exclusivamente ao aumento das aquisições ao estrangeiro (6,5%), uma vez que as compras ao Ultramar acusaram uma redução de 5,2%, motivada pela deterioração do valor médio dos bens adquiridos.

Em resumo, e de acordo com a mesma análise do B. F. N., constata-se que no ano de 1969 se atenuou um pouco em relação ao ano anterior, a expansão do comércio externo (somatório das importações e exportações), cuja taxa desceu de 10,2 para 5,8%. Deve ainda assinalar-se que, enquanto o comércio com o estrangeiro cresceu á taxa de 6,7% a taxa referente ao intercâmbio com o Ultramar foi apenas de 2,2%.

Por outro acentua o estudo do B. F. N. que «*o elevado «deficit» mais uma vez atingido pelo saldo da balança comercial começa a tornar-se preocupante, sobretudo se o mesmo foi interpretado em termos da sua contribuição para o saldo da balança de pagamentos*». Acrescenta: «*Uma vez mais se verificou que o ritmo de expansão das exportações não atingiu nível satisfatório, sucedendo até, pelo contrário, que a sua taxa foi a mais baixa dos ultimos anos. E se bastou para cobrir o aumento das importações, foi tão-só porque estas cresceram também, como se viu, a um ritmo lento, bastante inferior ao previsto pelo III Plano de Fomento (8,7%)*.

Com efeito, a evolução do comércio externo do continente em 1969 não acompanhou o crescimento do produto nacional. Em consequência, sofreu uma ligeira redução o grau de dependência do País relativamente ás trocas com o exterior. Na verdade, são indicados os valores de 22,2% para a relação entre as importações e o P. N. B. (22,9% em 1968) e de 14,7% para a relação entre as exportações e o mesmo produto (14,8% em 1968).

O estudo do B. F. N. assinala, a concluir: «*Impõe-se reconhecer que os valores mencionados são muito baixos, sobretudo quando se comparam com os respeitantes a países evoluidos do mundo ocidente de dimensão semelhante á nossa*».

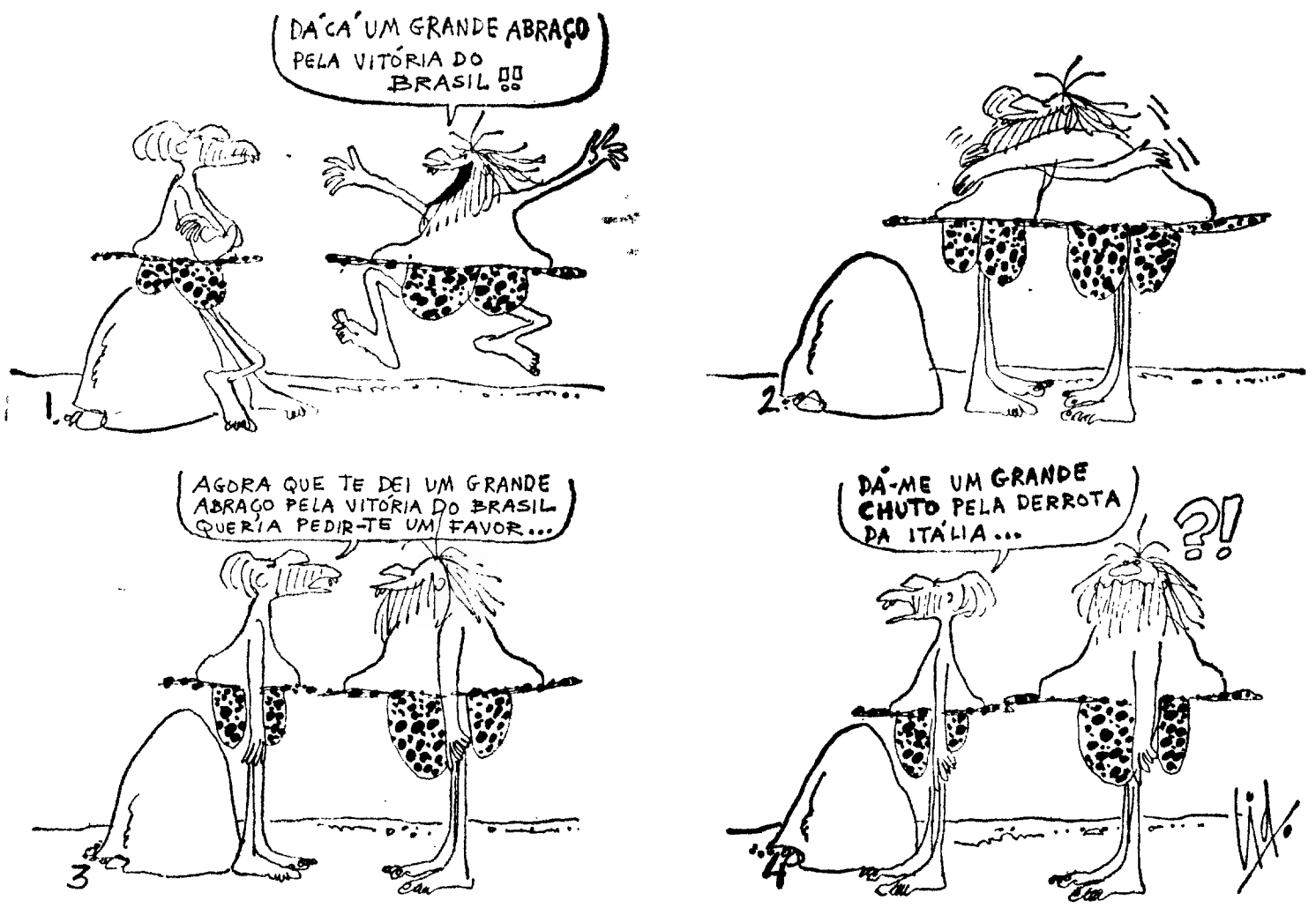
CRIADA EM MOÇAMBIQUE A DIOCESE DE JOÃO BELO

CIDADE DO VATICANO, 23 — Separada da arquidiocese de Lourenço Marques e correspondendo ao território do distrito de Gaza, foi criada a nova diocese moçambicana de João Belo.

A igreja paroquial de João Belo fica assim elevada á categoria de Sé episcopal.

A nova diocese tem uma população de cerca de 650 000 habitantes, dos quais são cristãos, católicos ou catecumenos, 170 000. — (E.)

koko



ora diga-nos...

— Já tomou parte nalguma assembleia?

É indubitável que se vai falando mais de assembleias. E também se vai falando mais nas assembleias. Olhe, o senhor, sim o senhor, é mesmo consigo... Já tomou parte nalguma assembleia?

● *A primeira resposta vem de uma senhora, D. Maria Fernanda Oliveira Cruz, modista de profissão.*

— Nunca tomei parte nisso.

— *Mas sabe o que é?*

— Calculo o que seja, mais ou menos, mas não estou a par. É raro sair de casa...

● *Joaquim Soares Dias, vendedor, declara:*

— Já tomei parte em assembleias diversas vezes. Desempenhei até cargos directivos nalguns clubes recreativos do Norte. Até cheguei a presidir a algumas reuniões. Há muito tempo. Também tomei parte em assembleias sindicais, noutros tempos. Depois as coisas mudaram um bocado... Para mim, parece-me que as assembleias não são uteis: são indispensáveis, para comparar pontos de vista, para que todos possam expor os seus problemas. Mesmo quando o nosso ponto de vista não sai vitorioso, sabe bem vê-lo confrontado com outros...

● *Ultimo entrevistado, o sr. José Marques Ascensão, cortador:*

— Nunca tomei parte nisso.

— *Quantos anos tem?*

— 28.

— *Mas sabe o que são assembleias...*

— Sei... Mas nunca tomei parte.

— *Não pertence a nenhum clube?*

— Sim... Ao grupo lá da Charneca. Mas nunca tomei parte...

— *Nem nunca elegeu directores...*

— Nem directores nem nada... Nunca tomei parte.

O MATADOURO DE VILA FRANCA FUNCIONA HÁ LONGOS ANOS SEM REGULAMENTO

VILA FRANCA DE XIRA, 23 — «*Há mais de uma dúzia de anos que o matadouro municipal do concelho se encontra a funcionar sem que um regulamento esteja aprovado para coordenar a sua actividade*» — lia-se recentemente no semanário «Vida Ribatejana», desta vila. «*Esta anomalia*», acrescentava o jornal, «*tem criado sérios e importantes transtornos aos comerciantes, que se sentem prejudicados pelas interpretações individuais que cada um que ali trabalha ou que o utiliza pretende dar aos seus direitos ou deveres*».

«Vida Ribatejana» relatava nomeadamente o caso de comerciantes que chegam cinco minutos atrasados ao matadouro e já não podem entrar com o gado para abate. Outra anomalia: a longa espera pela inspecção a certos dias, o que faz com que a distribuição de carne no concelho se processe tardiamente. Segundo o jornal, o Município vila-franquense afirma ter o regulamento do matadouro praticamente concluído, aguardando-se pequenas alterações para que seja finalmente aprovado.

HIGIENE MENTAL NA ESCOLA

O Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa vai promover, sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, um colóquio para médicos escolares sobre Higiene Mental na Escola, que se realizará de 10 a 12 de Julho. Serão conferencistas os drs. André Berge, director do Centro Psicopedagógico da Academia de Paris, e João dos Santos, director do Centro de Saúde Mental Infantil. O prazo para inscrições (limitadas) termina em 30 do corrente. Informações na Secretaria do Centro, telef. 680264.

2.º caderno

Alvoroço em Monção por causa de marcas de vinho

MONÇÃO, 23. — Realizou-se no gabinete do governador civil uma reunião de individualidades ligadas á produção de vinho «Alvarinho», na região de Monção.

Assistiram a esta reunião os presidentes da Câmara de Monção, eng.º Gaspar Malheiro Reimão, da Estação Agrária do Minho, dr. António Felgueiras, antigo deputado e membro da A. N. P., presidente do Grémio da Lavoura, um produtor do referido vinho, um representante da Adega Cooperativa e outros interessados.

O eng.º João Magalhães Mexia, que representava a Comissão de Viticultura da Região do Vinho Verde, expôs ao chefe do distrito os motivos que levaram a comissão a procurá-lo.

Um importante proprietário de Alenquer, tendo realizado uma larga plantação de videiras de Alvarinho, oriundas segundo se presume, da região monçanense, pretende lançar no mercado um tipo de vinho com a denominação de «Alvarinho Vale Benfeito». Ora os produtores do autêntico «Alvarinho» Monção vêem nisto uma alienação ilegal dos seus direitos e lavraram o seu descontentamento junto do governador civil do distrito.

O sr. dr. Araújo Novo que, na quinta-feira passada, estando em Lisboa se ocupou do melindroso problema, promete voltar a envidar esforços no sentido de os departamentos governamentais com interferência no caso obstarem á pretensão do viticultor de Alenquer.

CARLENE TECIDOS DE MALHA

Carpélio TAPETES-CARPETES

FORPEL PELES ARTIFICIAIS

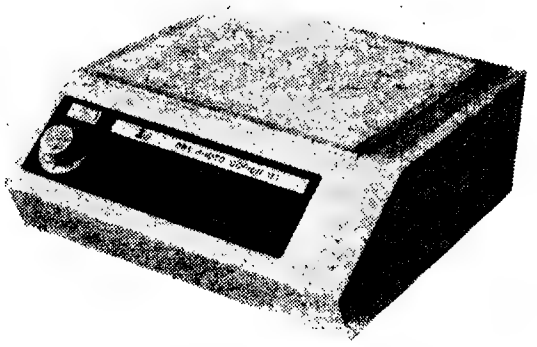
VEJA NOS STANDS 102 E 103 (PAVILHÃO A) DA FIL (FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA), ATÉ 23 DO CORRENTE, AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES DAS FABRICAS:

CARPÉLIO Malhas, s.a.r.l. - TROFA

NA GAMA DAS MÁQUINAS 3M

... A FOTOCOPIADORA A SECO 151

Dentro do seu tipo a máquina de escritório de mais baixo preço no mercado... e com a qualidade fotográfica «3M»



CONDIÇÕES ESPECIAIS NA F. I. L., PAVILHÃO A, STAND 548, SECTOR 6

Visite-nos e peça uma demonstração gratuita

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAIS

3M COMPANY | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.

Av. Infante Santo, 40-C — LISBOA 3

Telefones 677410 - 677441

um mundo que muda Fiat 128*

Tracção à frente

1. projecto n.º 128
Para um carro de tracção à frente, com motor transversal de 1116 cm³ Capacidade: 5 passageiros com as respectivas bagagens. Comprimento inferior a 3,90 metros.

2. habitabilidade
80% do volume do veículo para passageiros e bagagens; a parte mecânica ocupa os restantes 20%. A cabina e o porta bagagens possuem pavimentos planos. Roda alojada no compartimento do motor. Suspensões ocupando espaço reduzido.

3. motor
Super quadrado: 80x55,5 mm Cambota com 5 apoios. Árvore de cames à cabeça, comandada por correia dentada. Ventilador eléctrico com termostato.

4. transmissão
Lubrificação da caixa de velocidades e do diferencial independente da do motor. 4 velocidades sincronizadas.

5. "performances"
Binário máximo a baixa velocidade (7,9 kgm para 3.000 t/m). Motor: grande segurança, mesmo a altas velocidades – 45 km/h em primeira, 75 em segunda, 115 em terceira e mais de 135 em quarta.

6. comportamento na estrada
Suspensão independente às 4 rodas. Pneus radiais. Direcção de cremalheira suave e precisa.

7. concepção
2 ou 4 portas. Linha de cabina descida, visibilidade circular. Insonorização perfeita a qualquer velocidade.

8. climatização
2 circuitos independentes para o ar quente e para o ar frio. Possibilidade de aquecer a parte inferior da cabina, mantendo ar fresco na superior. Ventilador silencioso, de 2 velocidades, exterior ao habitáculo.

9. segurança
Travões de disco às rodas da frente e de tambor às traseiras. Comando de circuito duplo equipado com corrector de travagem sobre as rodas traseiras. Cabina compacta e rígida. Caixa de direcção colocada atrás do motor. Coluna de direcção de três secções.

FIAT 128

*** 7 prémios "carro do ano"**

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NA FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L.
LISBOA - Av. Eng. Duarte Pacheco, 15 • PORTO - Av. dos Aliados, 173 E EM TODOS OS AGENTES FIAT DO PAÍS

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O «MUNDIAL» DISSE

Por COSTA PEREIRA

A realização dos campeonatos mundiais de futebol dá-nos, por vezes, novidades quanto ao desenvolvimento e produção de esquemas da melhor qualidade futebolística.

Lembramos, por exemplo, o «Mundial» de 50, onde o Brasil apresentou a sua célebre «diagonal», assente no sistema 4-2-4. Depois, tivemos a «Copa» de 54, disputada na Suiça, onde a força física dos alemães levou de vencida, numa final extraordinária, a equipa «magiar», dirigida pelo famoso Puskas. E foi tudo. Nos restantes campeonatos mundiais, todos os países passaram a adoptar o célebre 4-2-4, ou o «ferrolho» de Rapan, ou o «catenácio» italiano, este ainda enraizado no futebol transalpino.

Este ano, o «Mundial» do México não nos trouxe qualquer novidade de apresentação em tácticas diferentes, tendo predominado, isso sim, o potencial técnico sob o aspecto quantitativo.

De todas as equipas apresentadas no país azteca, o Brasil, a Inglaterra e a Alemanha foram aquelas que melhor futebol apresentaram, mas perfeitamente dentro de sistemas já conhecidos. Ainda assim, porém, o maior potencial técnico individual pertenceu ao Brasil, muito superior em relação ás restantes equipas. Esta superioridade, aliada a uma imaginação colectiva invulgar e a uma versatibilidade de jogo verdadeiramente extraordinária, ditou a lei do melhor.

Desta maneira, o «Mundial» de 70, se não nos trouxe novidades, deu-nos, contudo, uma certeza: a execução técnica individual, em quantidade, numa equipa de futebol, é factor decisivo para garantir a qualidade e a feição espectacular dum jogo, que, com o decorrer dos anos, vai ganhando mais popularidade em todas as latitudes.

Boxe

«URTAIN» QUASE VENCIDO

BARCELONA (Espanha), 23 — (A. N. I.) — «Urtain» conservou o título, mas perdeu a fama, no combate de ontem á noite, com o alemão Jurgen Blin.

José Manuel Ibar, que pesou 89,8 quilos, contra 87,5 de Blin, esteve frequentemente em dificuldades e chegou a ser derrubado — o que nunca lhe acontecera — no décimo assalto; reagiu e derrubou Blin, no mesmo assalto.

No fim da luta, era o campeão quem em pior estado se encontrava, pois o alemão é técnicamente superior e atingiu-o com frequência.

Embora o público começasse por apoiar com todo o entusiasmo o campeão espanhol, durante o combate chegou a vaiá-lo e a assobiá-lo.

E quando o combate terminou soluçava, com as lágrimas a correrem pela cara — comportamento pouco vulgar num vencedor.

Ao ser anunciada a sua vitória, o público protestou.

A contagem dos jornalistas dava a «Urtain» vantagem em quatro assaltos, a Blin em sete e empate em quatro.

Como é seu costume, o campeão abriu o combate ao ataque, desfechando poderosos socos, em combinações uni-dos, que abalavam Blin.

Ao quarto assalto, porém, já conhecedor do sistema do adversário, o alemão reagiu e, no quinto assalto, «Urtain» abrandara e era superado por Blin, que também dominou o sexto e o sétimo.

Nesse altura o campeão, por várias vezes, procurou proteger-se, abraçando-se ao adversário.

No oitavo assalto «Urtain» recuperou forças e voltou ao ataque, levando Blin ás cordas.

Foi confuso e lento o nono assalto. No décimo, porém, deu-se a surpresa da noite: o campeão não resistiu a uma série de direitas-esquerdas e foi derrubado. O árbitro obrigou-o a aguardar até contar os oito segundos. No fim, «Urtain» pôs-se em pé de um salto, e carregou sobre Blin, até o derrubar também.

O esforço, no entanto, foca demasiado e, até ao fim do combate, foi obrigado a defender-se, frequentemente socado por Blin, ao qual só faltou poder de soco para encerrar o combate com o KO.

NOTÍCIAS DE BASQUETEBOL

- **A equipa do Benfica estará amanhã em Queluz, onde participará num torneio, conjuntamente com o Algés, dentro do programa comemorativo do aniversário do clube local.**

- **Uma semana está passada e a F.P.B. continua sem marcar a data e o local para a tão complicada final da «Taça», entre o Benfica e o B.P.M. Ou nos enganamos ou esta será a época mais comprida dos últimos anos...**

- **No Sporting parece que tudo continuará como dantes, porquanto sòmente Monteiro se mostra renitente em assinar novo compromisso. Entretanto, entre Hermínio Barreto e o clube «leonino» tudo se harmoniza, para que o conceituado técnico continue no comando da equipa.**

- **O Ateneu procura novo treinador, pelo que não é difícil deduzir que Armando Garranha, o actual técnico, deixa em breve o grupo «acelista».**

«MUNDIAL»-74

VINTE E QUATRO EM VEZ DE DEZASSEIS EQUIPAS?

MÉXICO, 23 — (F. P.) — Será dentro de seis meses, no caso da hipótese mais breve, que será tomada uma decisão quanto a uma eventual modificação da fórmula actual do Campeonato do Mundo de Futebol.

Há uma forte tendência para elevar de dezasseis para vinte e quatro o número de participantes no torneio final.

Serão estabelecidos projectos relativos á fase final, e também a respeito da definição dos novos critérios de qualificação. Esses projectos serão enviados a cada federação nacional, que, seguidamente, deverá pronunciar-se.

Rosa Fonseca, do Atlético de Luanda, chegou, viu e venceu. Foi figura saliente da competição, igualando o «record» nacional, em comprimento

OS CAMPEÕES FOGEM DOS FURIOSOS

CIDADE DO MÉXICO, 23 — (R.) — Os tri-campeões mundiais de futebol tiveram ontem de fugir de 12 000 «furiosos da bola», que os impediram de entrar na basílica da Virgem da Guadalupe, a santa padroeira do México.

Os jogadores da selecção brasileira iam assistir a uma missa especial de acção de graças por terem ganho o campeonato mundial e acabaram por regressar, a toda a velocidade, aos seus alojamentos sem o terem conseguido.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato de Lisboa

O SPORTING VENCEU O CASCAIS POR 5-1

Prosseguiu, ontem, o Campeonato de Lisboa de Hóquei em Patins — segunda jornada — que englobou apenas três encontros, uma vez que as partidas Oeiras-F. Benfica, Campo de Ourique-Estremoz e Paço de Arcos-Salesianos, foram adiadas, pois algumas destas equipas têm jogadores integrados na selecção nacional de juniores.

O Sporting recebeu o Cascais e venceu por 5-1, com 1-1 ao intervalo.

As equipas alinharam:

SPORTING — Guerra, Reis, Paulo (1), Puskas (2), Tozé, Geraldo (2), M. Ponte e Mata.

CASCAIS — Quim; Duarte, José Carlos (1), Magos, Cunha, Luís Costa e Peyroteo.

Em reservas, o Cascais venceu por 7-3.

NA LUZ

No rinque do Estádio da Luz, o Benfica bateu o Parede, por 12-1, com 3-0 ao intervalo. As turmas alinharam:

BENFICA — Ramalhete; Casimiro (1), Carrancho (1), J. Vicente (4), Rodrigues (5), Marques (1) e Gama.

PAREDE — Vítor Branco; Amílcar, Leitão, Alexandre, Joaquim Santos (1), Luís Coelho e António Branco.

Em reservas, o Benfica bateu o adversário pela marca de 11-2.

O SINTRA BATIDO PELA C. U. F.

Em Sintra, o clube local perdeu com a C. U. F., por 4-9, com 0-5 ao intervalo.

As equipas alinharam:

SINTRA — Matias; Parracho, Rui (1), Vítor (2), Baptista (1), Garcia e Cardoso.

C. U. F. — Vítor Domingos; José Nunes (1), Mário Ferreira (1), J. António (2), Leonel (4), Venâncio (1) e Rodrigues.

Em reservas, o Sintra venceu pela margem de 3-0.

Cena feia no hóquei em campo

Enquanto, no México, durante o «Mundial» de futebol, não houve qualquer expulsão, aqui em Lisboa, numa partida de hóquei em campo disputada entre equipas amadoras, ocorreram cenas deploráveis. Não foram os incitamentos do público — extremamente escasso — que levaram os jogadores do Benfica e do Futebol Benfica a utilizarem indevidamente os apetrechos próprios da modalidade, mas sim deficiente interpretação do papel que cabe a um desportista. Enfim, no pior pano cai a nódoa...

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS
R. DA ESCOLA POLITÉCNICA, 259
Lambretta
VENDAS - SERVIÇO - PEÇAS

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

No Rio de Janeiro tudo a postos para receber em apoteose a selecção que ganhou o «Mundial»

BRASÍLIA, 23 — Em todo o Brasil a vitória do escrete canarinho é tema de todas as conversas. Hoje, no Rio de Janeiro, foram interrompidas todas as actividades da cidade para maior brilho da recepção que vai ser prestada ás 20 e 30, aos campeões, no Aeroporto Internacional do Galeão.

Entretanto, as manifestações de regozijo pela vitória continuam. Esta manhã, ainda grupos de jovens percorriam as ruas da cidade cantando e agitando bandeiras nacionais.

O CARNAVAL CONTINUA NO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 23 — O governador Negrão de Lima ordenou que dure uma semana o carnaval especial motivado pela vitória do Brasil no Campeonato Mundial de Futebol.

Na Guanabara, principiaram os sete dias de euforia, com ruas, praças, favelas e arranha-céus decorados com bandeiras do Brasil e faixas verde e amarelo, assinalando a terceira vitória do país num mundial de futebol.

Avolumam-se os presentes destinados aos jogadores da equipa de futebol do Brasil.

Vários Estados e municípios do Brasil decidiram oferecer importantes somas em dinheiro a cada jogador e o presidente da Camara Municipal de S. Paulo anunciou que a cidade dará um automóvel a cada membro da selecção.

Por seu lado, o Governo Federal concederá a cada um a licença de exploração de uma agência de venda de bilhetes para a lotaria desportiva, recentemente criada. — (E.)

GRANDE PRÉMIO «PHILIPS»:

DEPOIS DE AMANHÃ A CAMINHO DE LISBOA

De quinta-feira até ao próximo domingo, entre Vila Real e Lisboa, vai disputar-se o terceiro «Grande Prémio Philips», competição ciclista que nas suas edições anteriores foi ganha por dois portistas (Gabriel Azevedo e José Luis Pacheco) com divisão do triunfo por equipas entre o Sporting e o Futebol Clube do Porto.

Este ano, a prova desenrola-se em cinco etapas que, no seu total, atingem 558,982km. Assim, na noite do dia 25, efectua-se o «Circuito de Vila Real» (6925 metros), seguindo-se quatro tiradas em estrada: Vila Real-Porto (166 quilómetros) na sexta-feira; Vila Nova de Gaia-Figueira da Foz (137 km) e Figueira da Foz-Leiria (57 km) ambas no sábado e, finalmente, no domingo, a ligação Leiria-Lisboa (192 km) que fará concluir a corrida.

O terceiro «Grande Prémio Philips» é reservado a ciclistas profissionais e amadores-seniores, sendo as equipas constituídas por um máximo de 10 elementos. Joaquim Rodrigues Faísca (director principal), Eduardo Moutinho (director principal-adjunto), António Silva (presidente do juri), Jorge Lara (director da corrida), Amandio Cardoso (juiz de chegada) e António Moura (cronometrista) são as principais figuras da lista de entidades que desempenham cargos oficiais nesta prova que precede o campeonato nacional de ciclismo e pode representar, ao mesmo tempo, confirmação do valor de estradistas já populares a par da revelação de novos (e prometedores) elementos para a modalidade.

A partir do Porto, a traça do percurso encaminha a corrida para zonas turísticas populosas: Costa Verde (destaque para os arredores de Espinho), Ria de Aveiro (Entre Ovar e Ilhavo), a Barrinha de Mira, Figueira da Foz, Monte Real, Nazaré, S. Martinho do Porto, Obidos, Mafra e Sintra. Motivo que, «a priori», faz prever grandes massas de publico ao longo das estradas no aplauso aos ciclistas.

Em todas as etapas «em linha» são atribuídas bonificações aos três primeiros classificados: três, dois e um segundo, respectivamente. Por seu lado, o prémio «Philishave» (classificação pontual) será atribuído em função da soma dos pontos conseguidos pelos corredores, quer nas metas volantes assinaladas no detalhe das etapas, quer nas metas finais. Deste modo: 10 pontos ao 1.º classificado, 7 ao 2.º, 5 ao 3.º, 3 ao 4.º e 1 ao quinto classificado. No final, prémios entre 3000 e 500 escudos para os cinco ciclistas mais pontuados.

A classificação geral individual tem prémios aliciantes. Por exemplo: 10 contos ao 1.º, 6500 escudos ao 2.º e 4 contos ao 3.º, numa escala descendente que pára no 12.º ciclista (posição retribuida com 500 escudos).

O portador da camisola amarela receberá 500 escudos diários, enquanto os cinco primeiros de cada etapa auferem prémios oscilantes entre 1000 e 200 escudos. As três primeiras equipas da classificação geral ganham, respectivamente, 5, 3 e 2 contos, reservando-se 1000 escudos diários para a turma que comandar a tabela colectiva.

Curiosidade: haverá diversos artigos da produção «Philips» que serão oferecidos como prémio aos treinadores das formações vitoriosas.

AGORA!

NOVA BARRA INSECTICIDA

®MAFU STRIP

- MAIS CÓMODA
- MAIS LIMPA
- MAIS HIGIÉNICA
- MAIS DURADOIRA
- MAIS PRÁTICA
- MAIS BARRA

porque MAFU Strip **não é mais uma barra.** MAFU Strip **apresenta-se** com características originais que resolvem os problemas postos, até agora, à utilização dos insecticidas em barra:

MAFU Strip é mais cómodo — as barras vêm prontas a serem usadas, sem necessidade de montar primeiro a armação protectora para introduzir depois a barra dentro dela.

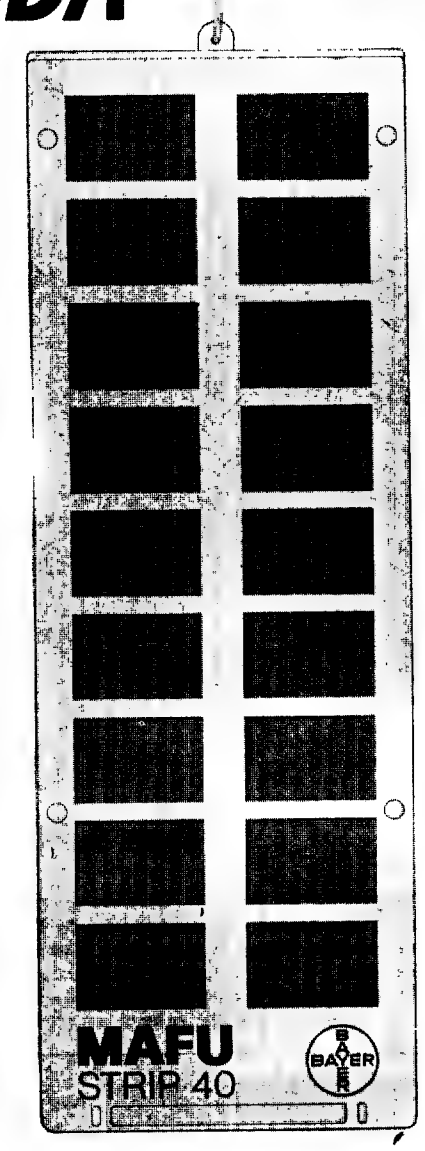
MAFU Strip é mais limpo — pois, dada a sua armação de segurança, não é preciso mexer com os dedos directamente na barra.

MAFU Strip é mais higiénico — a armação de segurança contém na base uma pequena esponja para absorver as gotas que eventualmente se formem.

MAFU Strip é mais duradoiro — cada barra mantém o seu alto poder insecticida durante um período de quatro meses.

MAFU Strip é mais prático — além de se pendurar fàcilmente, a barra pode ser instalada de pé sobre a parte superior de um móvel ou em qualquer prateleira, para o que basta retirar as duas peças acopladas na parte superior da armação de segurança e colocá-las transversalmente na parte inferior da mesma.

MAFU Strip, barra insecticida de uso doméstico, à base de DDVP BAYER tem uma apresentação atraente e elegante — MAFU Strip **é mais barra.**



BAYER PORTUGAL s.a.r.l.

AUTO EXPRESSO

LISBOA - PARIS

De 31 de Maio a 26 de Setembro

SERVIÇO DE PROMOÇÃO DO TRÁFEGO - Publicidade

LISBOA DIA E NOITE

MILHARES DE LEITORES PARTICIPAM NA INICIATIVA

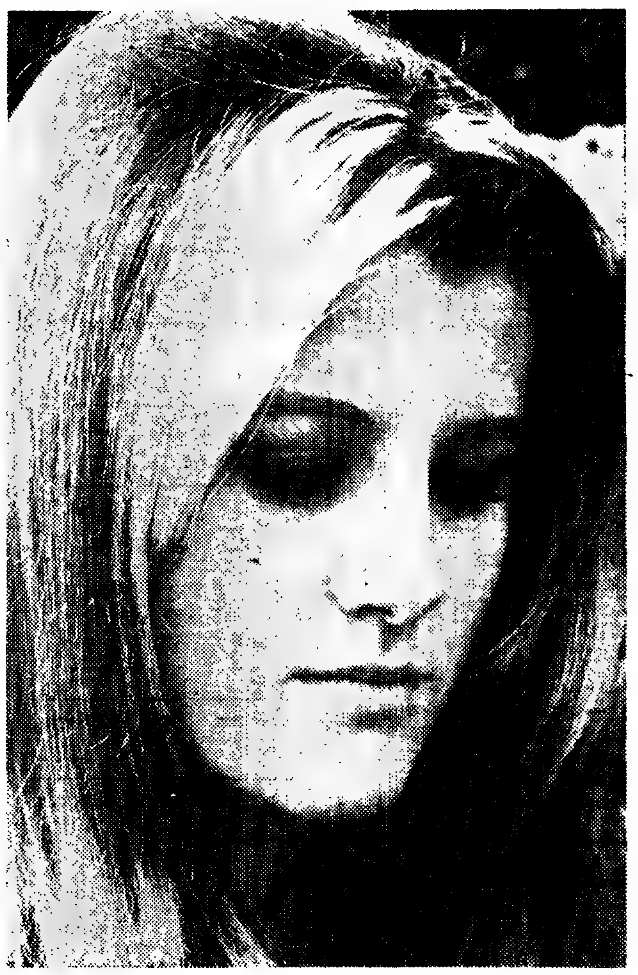
✻ aceite o nosso CONVITE ✻

CENTENAS FORAM JÁ CONTEMPLADOS

Milhares de concorrentes de todos os pontos do país participam na iniciativa que estamos a promover com a colaboração dos melhares restaurantes típicos e »boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol. Centenas de leitores foram já contemplados no nosso concurso. Outras tantas oportunidades vão abrir-se a quantos queiram tomar parte nesta realização do «Diário de Lisboa» que proporcionará algumas horas agradáveis, jantando, ouvindo o fado ou dançando num destes estabelecimentos: Adaggio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiuca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopotamo, Kavera, Lar Português, Lorde, Márcia Condessa, Maxime, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho e Sanzala.

Acompanhe a publicação dos cupões da sexta colecção, que ontem se iniciou. Recorte os cupões, junte-os aos boletins de identificação (que publicamos no sábado), preencha-os com *letra bem legível*, e remeta-os para os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º — CONCURSO LISBOA, DIA E NOITE.

Participe também na nossa iniciativa. Divirta-se, sem gastar dinheiro.



MARIA DA NAZARÉ

FADOS PARA VOZ JOVEM

Com o estilo que a impôs como uma das figuras mais salientes da nova geração fadista, Maria da Nazaré gravou discos para a etiqueta «Decca». Voz jovem, expressiva intérprete do fado que presentemente actua com êxito no Brasil (atracção do restaurante típico português «Lisboa á Noite», em Copacabana), Maria da Nazaré incluiu no seu novo «E. P.» os seguintes fados: «Saudades, tenho-as aos montes», «Fado Pão-de-Ló», «Saudades de Júlia Mendes» e «Idolatria». Foi acompanhada pelo conjunto de guitarras de António Luís Gomes.

Maria Ostiz (25 anos) nasceu em Pamplona, onde estudou Canto, Música Clássica e Arte Dramática. Em Málaga, recentemente, dirigiu a encenação de «Que hay de estos hijos», mas a sua principal actividade continua a ser a canção, onde conta êxitos como «Los juglares», «No sabes como sufri», «No me digas nada», «La Primavera», «Pronto volveré», «Romance anónimo», «Cada lugar», «Camino del mar», «Por tu libertad», «La pastora» e «Corre el camino». Maria Ostiz (de seu verdadeiro nome Maria Dolores) vem actuar, este Verão, em casinos portugueses

GILBERT BÉCAUD

NOVAS CANÇÕES

Becaud é ainda um dos maiores compositores e intérpretes do panorama internacional da musica ligeira internacional. Depois de mais uma temporada na Alemanha, onde realizou uma série de programas para a televisão, Becaud revela em disco mais uma das suas canções: «L'homme et la musique», a propósito da qual escreveu um critico francês: «Existe entre Becaud e a musica uma união indissoluvel — para regalo de quem o escuta». Neste novo «single», em breve á venda no nosso País, inclui-se uma outra canção de Becaud: «Je t'appartiens».

MARA ABRANTES

CANTA FADO

No decorrer de um ano, Mara Abrantes esteve presente em quatro certames artísticos internacionais: os festivais de Andorra e de Tenerife e as duas primeiras edições do festival de Barcelona, tendo sido duas vezes proposta para o prémio da interpretação logrando alcançar o 6.º lugar entre os representantes de 26 paises.

A popular cançonetista brasileira já actuou em Espanha, França, Alemanha, Dinamarca, Bélgica, Finlândia, Suécia e Rússia. Quando esteve recentemente no seu país, recebeu a «Rosa de Ouro» pelo entusiasmo que tem dedicado á divulgação da música brasileira no estrangeiro.

Mas agora Mara Abrantes pensa dar novo rumo á sua carreira, disposta a estar presente em menos mas em melhores espectáculos, aproveitando as oportunidades «apenas em coisas que valham mesmo a pena». Para a «Marfer» Mara Abrantes gravou fado (e recorde-se, a propósito, o êxito alcançado há anos pela sua interpretação da «Rua dos meus ciúmes», de Frederico Valério e Nelson de Barros). No novo «45» que em breve será posto á venda, incluiu melodias escritas propositadamente: «Fecho a janela», de Ferrer Trindade e António José, e «Mas é fado», de Mariana Filomena e Frederico de Brito. Revive, também, dois velhos êxitos: «Hás de voltar» e «Fado da carta», melodias de João Nobre, a última com versos de Amadeu do Vale.

O FADO EM LISBOA

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Tina Ferreira, João Quelhós, José Vilelo e o «Trio Melodia». Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Proença e Américo Silva * Cons. mín. 60$00 * Rua do Norte, 91 * Telfs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Celeste Maria, José Teixeira e Júlio Vieitas. Tocam: José Luís Nobre e Costa e Amadeu Ralli * Cons. mín. 40$00 * Rua do Adiça, 19 * Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vicência Lima, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Beatriz da Conceição, Filipe Duarte, Tina Santos e Zélia Lopes. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho * Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Cecília de Jesus, Armando Miranda, Selma Fernandes. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Cons. mín. 50$00 * Rua da Barroca, 133 * Telfs. 369760 e 30532 * Encerra ás Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lurdes e Laurindo Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. mín. 30$00 * Rua dos Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.

MIL E UM

cantam. Moisés Campelos, Manuel Dias, Adriano Franco, Rosa de Jesus, José Barros, Nazaré Maria, Maria de Fátima e Henrique Manuel. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40$ * Travessa da Espera, 8 * Telef. 35464 * Encerra ás 5 da madrugada.

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benvindo Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes * Cons. mín. 61$50 (taxas incl.). * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefs. 676655-67341.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses * Rua do Vigário, 60 * Telef. 866811.

VIELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreira, Alfredo Duarte Junior. * Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale * Cons. mín. 50$00 * Rua das Taipas, 14 * Telef. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

cantam: Teresa Silva Carvalho, Ana Rosmaninho, Vicente da Câmara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal * Cons. mín. 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef 860816

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos * Cons. mín. 40$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef 868209.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Alice Maya, Carlos Zel, e Emílio dos Santos. Tocam: António Parreira e José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50$00.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Telef. 367093 * Encerra á segunda-feira.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Mariano Silva, Maria José Ramos, Fernanda Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín. 50$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552.

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernanda Ribeiro, José Maria Nóbrega e «Os 3 de Portugal». Corpo de baile dirigido por António Gonçalves * Cons. mín. 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telefs. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

LUSO

cantam: Augusta Ermida, Fernando Pinto, Tristão da Silva, Plínio Sérgio, Glória Maria e Vítor Duarte. Tocam: Pedro Teixeira Cabral e Fernando Alvim. Conjunto folclórico dirigido por António Cunha * Travessa da Queimada, 10 * Tels. 328503-322889.

FLOR DE LIZ

Bar. Fado «vadio» ás sextas-feiras, depois das 22 h * Cons. mín. 20$00 * Rua da Atalaia 18 (Bairro Alto) * Tel. 367136.

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Candida Ramos, Maria Amarim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * Cons. mín. 50$00 * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra á quinta-feira.

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS ENCERRAM AS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

«BOITES» E «DANCINGS»

ADAGGIO

Carlos Portugal no seu novo repertório e Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis, 51-A * Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telefs.: 260729-260730-260731-263221-262365

FORTE VELHO

Paço * S. João do Estoril * Telef. 261337

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 3-A Telef 48384 — Mário Simões e o seu conjunto Encerrado aos domingos

POP-FADO

R. Ferreira Lapa. 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto o * Reacção e Maximiliano * «Snow» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria 58 * Telef 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos * [illegible] ipe de Vilhena,

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

BONAPART CLUBE

Música de discos * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761. 6-D * Telef. 49960

TÁGIDE

Conjuntos José Pedro e «Os Duques» * Variedades, com José Manuel, Maria José Valério, Alice Maya e conjunto de folclore «Belezas de Potrugal» * Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

TAMILA

Mourão e s/ Conjunto Avenida Duque de Loulé, 69 — Telef. 534117 * Matinnées todos os dias * Encerra aos domingos.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790177 * Encerra ás 3,30.

ENCERRAM AS 5 HORAS DA MADRUGADA

RESTAURANTES — BARES

BAIÚCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A * Telef * 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef 981661.

Encerra á meia-noite.

ENCERRAM AS 2 HORAS DA MADRUGADA

os exames do ensino liceal

Prova escrita de inglês
3.º ciclo
SOLUÇÃO

1 — *a)* The preceding period had been one of economie and religious unrest, while now there was a general atmosphere of prosperity which allowed the English to enjoy life.

b) There were peace and prosperity, and this encouraged the spiritual faculties of man to express themselves in wit, music and song.

c) This religious unrest was the immediate consequence of the Reformation, in Henry VIII's reign.

d) There were harsh religious persecutions, which caused the death of such personalities as Sir Thomas More. After Elizabeth's time, Puritanism began asserting itself as a national force. This, together with the fact that the Stuart Kings were Catholics made life so difficult in England that many people decided to try their chances in the new continent, America, the Puritan party grew so strong that it killed the king and established the only Republican government in English history.

e) They had more power and freedom to «create» because they made things independently without the submission to standard patterns brought by the machines and factories.

f) This war with the Spain was the period when Philip II of Spain tried to crush England, which was the leading Protestant power in Europe. He also wanted to avenge the death of Mary Stuart, a Catholic queen, and to punish the English for the support given to the hetherlands against Spain.

This war didn't greatly restrict the happiness of the people because it was fought and won ta sea, against the Invincible Armada.

2 — The poet thinks that youth and the present time should be profited by, so he wants his love to stop and listen to him. She should take the best advantage of the occasion to love and be loved, because the future is uncertain and youth will pass away.

3 — Temam os tiranos; eu procedi sempre de tal maneira que, perante Deus, coloquei a minha principal força e salvaguarda nos corações leais e na boa vontade dos meus súbditos, e portanto venho junto de vós, como vódes, nesta altura, não para meu divertimento mas resolvida no meio e no calor da batalha a viver e morrer entre vós todos. Sei que tenho apenas o corpo de uma fraca e frágil mulher; mas tenho o coração e estômago de um rei, e de um rei de Inglaterra também; e acho completamente desprezível que a Espanha se atreva a invadir as fronteiras do meu reino; perante o que, de preferência a que haja qualquer desonra por meu intermédio, eu própria pegarei em armas, eu própria serei o vosso general, juiz e recompensador de cada uma das vossas virtudes no campo (de batalha).

4 — I had never attendend on interpretation of Shakespeare by English artists. I had that pleasure only when I was in London for the second time and already in the last days before my return to Lisbon... Tragedies, being, for their action and for the strong drawing of characters, deeply human works, are however, in their verbal expression, essentially declamatory poems. While the Italians and above all the French act them emphatically, as if they were interpreting characters of the Greek tragedy, the English actors, on the contrary, try to humanize the characters more and more; with no harm to the greatness of some characters, they try to reach the maximum of human truth.

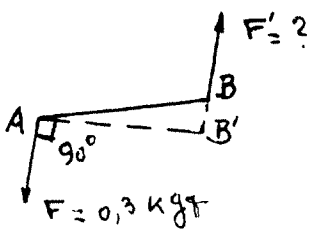
3.º ciclo — 1.ª chamada

Prova escrita de Ciências Físico-Químicas
SOLUÇÃO

I

FÍSICA

1 — *a)* $\overline{AB'}$ = braço = b.



b) Direcção: perpendicular ao plano do binário isto é, ao plano definido pelas forças

$$\rightarrow \quad \rightarrow \quad \rightarrow$$
$$F \text{ e } F' = -F.$$

Sentido: do papel para o leitor.

Intensidade:

$$L = b \cdot F$$
$$= 0{,}20 \text{ m} \cdot 0{,}3 \text{ kgf}$$
$$= 0{,}06 \text{ m} \cdot \text{kgf}$$
$$= 0{,}1 \text{ m} \cdot \text{kgf}$$

(1 a'g. significativo, de acordo com o dado 0,3 kgf).

2 — *a)* $l = \frac{1}{4}$ g

$$T = 2\pi\sqrt{\frac{\frac{1}{4}g}{g}}$$

$$T = 2\pi\sqrt{\frac{1}{4}}$$

$$T = \frac{2\pi}{2}$$

$$T = \pi \text{ segundos}$$

20 osc. simples $\Longleftrightarrow$ 10 osc. completas

Logo:

$$\Delta t = 10 \cdot T$$
$$= 10\ \pi\ s$$
$$= 31{,}4\ s.$$

b) Na variação do valor da aceleração local da gravidade com a densidade dos materiais que aí se encontram.

II

1 — *Calor de fusão* = grandeza definida pela quantidade de calor que é necessário fornecer, por unidade de massa da substância, para que esta funda, mantendo-se invariável a temperatura. Exprime-se usualmente em cal/g.

2 — *a)* Fusão com *diminuição de volume*. Não houve variação de temperatura porque, durante a fusão, há variação de volume, mas a temperatura mantém-se constante.

b) O *ferro*, p. ex., porque é uma substância que, ao fundir, diminui de volume, ao contrário do que sucede com a maioria das outras substâncias.

III

$$P = 10 \text{ dioptrias} \rightarrow f = \frac{1}{10}\text{ m} = 10 \text{ cm}$$

a) $p' = ?$
$p = \infty$

À distância de 10 cm, porque, pela equação dos *focos* (ou *pontos*) *conjugados*, temos:

$$\frac{1}{p} + \frac{1}{p'} = \frac{1}{f}$$

$$\frac{1}{\infty} + \frac{1}{p'} = \frac{1}{10 \text{ cm}}$$

$$0 + \frac{1}{p'} = \frac{1}{10 \text{ cm}}$$

$$\therefore \quad p' = 10 \text{ cm}$$

b) $\begin{cases} p = 410 \text{ cm} \\ f = 10 \text{ cm} \end{cases}$

porque:

$$\frac{1}{410 \text{ cm}} + \frac{1}{p'} = \frac{1}{10 \text{ cm}}$$

$$\frac{1}{p'} = \frac{1}{10 \text{ cm}} - \frac{1}{410 \text{ cm}}$$

$$\frac{1}{p'} = \frac{41 - 1}{410 \text{ cm}}$$

$$p' = \frac{410}{40} \text{ cm}$$

$$= 10{,}25 \text{ cm}$$

$$p' \rightarrow 10{,}3 \text{ cm}$$

a objectiva deve afastar-se da película fotográfica

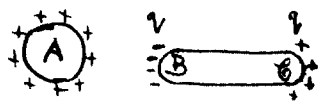
$$10{,}3 \text{ cm} - 10 \text{ cm} - 0{,}3 \text{ cm} = 3 \text{ mm}$$

IV

1 — *Aumenta*, porque:

A — carregado e isolado

$$C_A = \frac{Q_A}{V_A}$$



Aproxima-se o condutor *BC* no estado neutro: nas extremidades *B* e *C*, temos as cargas induzidas $-q$ e $+q$.

A capacidade do condutor *A* será nestas condições:

$$\mathcal{C}'_A = \frac{Q_A}{V_A - V_B + V_{\mathcal{C}}}$$

$$= \frac{Q_A}{V_A - \frac{q}{\varepsilon d} + \frac{q}{\varepsilon d'}}$$

Mas:

$d' > d \Rightarrow$

$(\mathcal{C})\ (B)$

$$V_A - V_B + V_{\mathcal{C}} < V_A$$

$$\therefore \mathcal{C}'_A > \mathcal{C}_A$$

2 — *a)* A corrente de *self* de *ruptura* deu origem a uma f. e. m. induzida superior a 30 V e igual, pelo menos, a 110 V — suficiente para acender a lâmpada.

A elevada f. e. m. justifica-se por ser muito curto o intervalo de tempo Δt da variação de fluxo e ser:

$$e: \quad -\frac{\Delta \varnothing}{\Delta t}$$

b) 1.º — Quando num circuito há uma variação de fluxo magnético, desenvolve-se neste uma f. e. m. induzida.

2.º — A f. e. m. só se manifesta *durante* a variação de fluxo (neste caso durante a interrupção).

QUÍMICA

I

1 — *Peso atómico de um elemento* — é a relação entre o *peso MÉDIO do átomo* desse elemento e $\frac{1}{12}$ do peso

(Continua na página seguinte)

SOLUÇÃO DO PONTO DE GREGO

I

1) a) nominativo do plural neutro do adjectivo ψευδής, ψεῦδος, ψευδές, a desempenhar a função de nome predicativo do sujeito,

b) infinitivo do aoristo activo do verbo λέγω, λέξω - ἔλεξα, ἔλεξα - εἶπον, εἴρηκα, a servir de predicado de oração subordinada integrante substantiva infinitiva dependente de φασίν,

c) dativo do singular do substantivo κύων, κυνός, com a função de complemento indirecto.

2) τῷ περίοντι

3) a) Zoologia
b) Taumaturgia,
c) cínico

II

Dizem que, quando os animais falavam, a ovelha disse para o dono: "Bocados espantosamente, porque, por um lado, a nós que te fornecemos não só lã mas também queijo nada dás, mas ao cão que nada disto te oferece, dás uma parte precisamente do alimento que tu próprio tomas

III

Ὁ κύων ἐπιμελεῖται νίκης αἱ οἷς ἂν τῶν λύκων μὴ ἡττῶνται.

FORÇA AÉREA

Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1

ANÚNCIO

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO AO CURSO DE OFICIAIS MILICIANOS A SEGUIR INDICADOS:

— **Pilotos Aviadores**
— **Serviço Geral**
— **Técnicos**

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 60/70 de 30 de Maio de 1970, está aberto concurso para admissão de mancebos voluntários com destino ao Curso de Oficiais Milicianos Pilotos Aviadores, Serviço Geral e Técnicos.

— São condições de admissão

a) — Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto do alistamento;
b) — Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
c) — Ter a altura mínima de 1,62 m e possuir a aptidão física necessária, verificada pela Junta de Admissão da Aeronáutica;
d) — Ter como mínimo de habilitações literárias o 3.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
e) — Ser solteiro ou viúvo, sem encargos de família;
f) — Ter bom comportamento moral e civil e estar em pleno uso dos direitos constitucionais.
Têm preferência na admissão, os mancebos que se comprometerem servir a Força Aérea por um período de 6 anos.

Os mancebos interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimento, ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 — Rua Newton n.º 6 r/c — LISBOA.

Lisboa, 5 de Junho de 1970.

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major

os exames do ensino liceal

(Continuação da pág. anterior)

do átomo de carbono $12\left\{\begin{matrix}12\\C\\6\end{matrix}\right\}$, ou seja o peso médio do átomo do elemento expresso em unidades atómicas de peso.

2 — *a*) O *cobre*, porque, em virtude da lei de Dulong e Petit (do *calor atómico*)

$A \cdot C = 6{,}4$

$\therefore C = \frac{6{,}4}{A}$

terá maior calor específico o elemento que tiver menor átomo-grama.

b) Para elementos no estado sólido e a temperaturas não muito afastadas do ponto de fusão, o calor atómico é aproximadamente igual para todos:

$$\frac{6{,}4 \text{ cal/}^{\circ}\text{C}}{11}$$

1 — *a*) Deposita-se *cobre* e dissolve-se o *zinco*:

$$Zn + \left\{\begin{matrix}2+ & 2-\\Cu & +SO_4\end{matrix}\right\} \rightarrow$$

$$\rightarrow Su + \left\{\begin{matrix}2+ & 2-\\Zn & +SO_4\end{matrix}\right\},$$

porque o zinco é mais electropositivo que o cobre.

b) Pode. O zinco, que perdeu electrões, *foi oxidado*. O cobre, que ganhou electrões, *foi reduzido*.

2 — *a*) *Isótopos*.

O núcleo do primeiro tem 2 protões e 2 neutrões, ao passo que o núcleo do segundo tem 2 protões e um neutrão.

b) A *difusão* sucessiva através de uma série de septos porosos: a concentração no nuclídeo mais leve vai aumentando.

— Também se pode utilizar o processo da *ultracentrifugação*, igualmente baseado na diferença de densidades.

III

$\begin{cases} V_a = 10\,cm^3 \\ V_b = 7\,cm^3 \end{cases}$ $\begin{cases} f_a = 2 \\ f_b = 1{,}6\,g/l \end{cases}$

a)

$CH_3COOH + NaOH \rightarrow CH_3COONa + H_2O$

b)

$f_a V_a = f_b V_b$

$f_a \cdot 10\,cm^3 = 1{,}6\,g/l \cdot 7\,cm^3$

$f_a = 0{,}7\,g/l$

$CH_3COOH = 60$

$Eq = \frac{60\,g}{1} = 60\,g$

$\therefore c = 0{,}7 \cdot 60\,g/l$

$c = 42\,g/l$

IV

1.

$C_2H_2 + H_2O \rightarrow$

$\rightarrow CH_3CHO$

$CH_3CHO + O \rightarrow$

$\rightarrow CH_3COOH$

$CH_3COOH + CH_3CH \rightarrow$

$\rightarrow CH_3COOCH_3 + H_2O$

A = Etanal (aldeído acético)
B = Etanóico (ácido acético)
C = Acetato de metilo

2.

Fórmulas racionais:
$C_2H_5OCH_3$ Metoxi-etano
$CH_3CH_2CH_2OH$ Propanol—1
$CH_3CHOHCH_3$ Propanol—2

Fórmulas de estrutura:

COMENTÁRIO

— *O ponto está bem estruturado e foca assuntos de interesse geral e fundamental.*

— *Alguns lapsos, que escaparam:*

a) *Na fig 1, está F = 0,3 Kg.*

1.º — K é minúsculo e não maiúsculo.

2.º — kg não tem ponto final, porque não é abreviatura, mas um símbolo.

3.º — O símbolo de quilograma-força é kgf.

b) *Na figura 2, o ramo CD não pode dizer respeito à água, que é a substância mais conhecida pelos estudantes, como sofrendo diminuição de volume ao fundir.*

Manhã na praça

NO MERCADO DE ALVALADE

Visitámos, esta semana, o Mercado de Alvalade e, mais uma vez, nos chocou a grande quantidade de bancas vazias. Bancas vazias não significam necessàriamente bancas desocupadas, mas parece que no Mercado de Alvalade estamos mesmo em face de bancas abandonadas.

Há longo tempo que as vendedeiras se vêm a queixar: «Isto aqui não dá nada, não vem cá ninguém, as donas de casa compram na rua, este mercado não tem talhos, etc., etc.». Segundo as vendedeiras, a diminuta frequência deve-se principalmente á falta de talhos no mercado e á presença próxima de vendedeiras ambulantes, que vendem mais barato porque não têm as contribuições que pesam sobre elas.

Não sabemos quais são verdadeiramente os motivos que afastam as vendedeiras do Mercado de Alvalade. Talvez a falta de peixe determinasse, hoje, o número excepcional de bancas vazias no respectivo sector. Ou ainda o princípio das férias. Não interessa estar a alvitrar suposições. Limitámo-nos a assinalar factos: há muitas bancas vazias no Mercado de Alvalade; regista-se pouca afluência de donas de casa; as vendedeiras estão descontentes suspiram pelo velho mercado.

PREÇO DOS PRODUTOS

O quilo do pepino estava a 7$00 e 8$00; das cebolas, a 3$00; do tomate, a 6$00 e 7$00; da cenoura, a 4$00, 4$50 e 5$00; do feijão verde, a 9$00 e 10$00; dos pimentos, a 15$00 e 20$00; da ervilha de grão, a 7$00; da batata, a 1$70 e 1$80; das azeitonas, a 8$00, 10$00 e 12$00; dos alhos, a 19$50; e do tremoço, a 3$50.

A marciana vendia-se de 2$50 a 6$00; a couve-flor, a 6$00 e 8$00; a alface, a 1$50; o nabo, a $50 e 1$00; o alho francês, a 1$00, 2$00 e 2$50; a couve portuguesa, a 3$ e 5$00; o molho dos grelos, a 10$00; das nabiças, a 16$00; da beterraba, a 7$00; dos espinafres, a 10$00; e dos agriões, a 2$00.

PEIXE

Como dissemos atrás, havia pouco peixe, tanto em quantidade como variedade. Vimos o quilo dos chocos a 22$90; da sardinha, a 20$00; da pescada, a 26$00, 27$90, 31$60 e 35$00; do peixe espada, a 13$90 e 14$90; do carapau, a 16$00 e 18$00; do pargo, a 12$20 e 14$30; do cachucho, a 12$00; do linguado, a 45$00 e 48$00; da marmota negra, a 14$40; da pescada congelada, a 16$80; dos rabos de pargo, a 12$90; dos robalinhos, a 38$00; dos joaquinzinhos, a 14$00 e 15$00; da tainha, a 7$90; da lula, a 40$00; do polvo, a 15$90; da conquilha, a 16$00; da ameijoa, a 40$00; das gambas, a 80$00; das línguas, a 21$00; do camarão, a 60$00; da garoupa, a 24$60 e 30$00; das palmas, a 8$00.

FRUTA

O quilo das bananas vendia-se a 9$00, 10$00 e 11$50; dos pêssegos, a 15$00; do ananás, a 30$; dos limões, a 9$00; das laranjas, a 7$50, 8$00, 10$ e 13$00; das ameixas, a 7$80, 10$40, 11$70 e 14$; do pêro «Golden», a 16$; das cerejas, a 9$00 e 15$60; das pêras, a 10$40 e 12$00; dos abrunhos, a 7$50 e 9$00; dos figos, a 11$70; dos alperces, a 13$00; e dos morangos, a 19$00.

CRIAÇÃO E OVOS

Os ovos estavam tabelados a 9$20, 10$40, 10$50, 11$00, 12$00, 12$20 e 12$70. O quilo do frango limpo estava a 24$00; da galinha limpa também a 24$00.

DONA DE CASA

Foncar

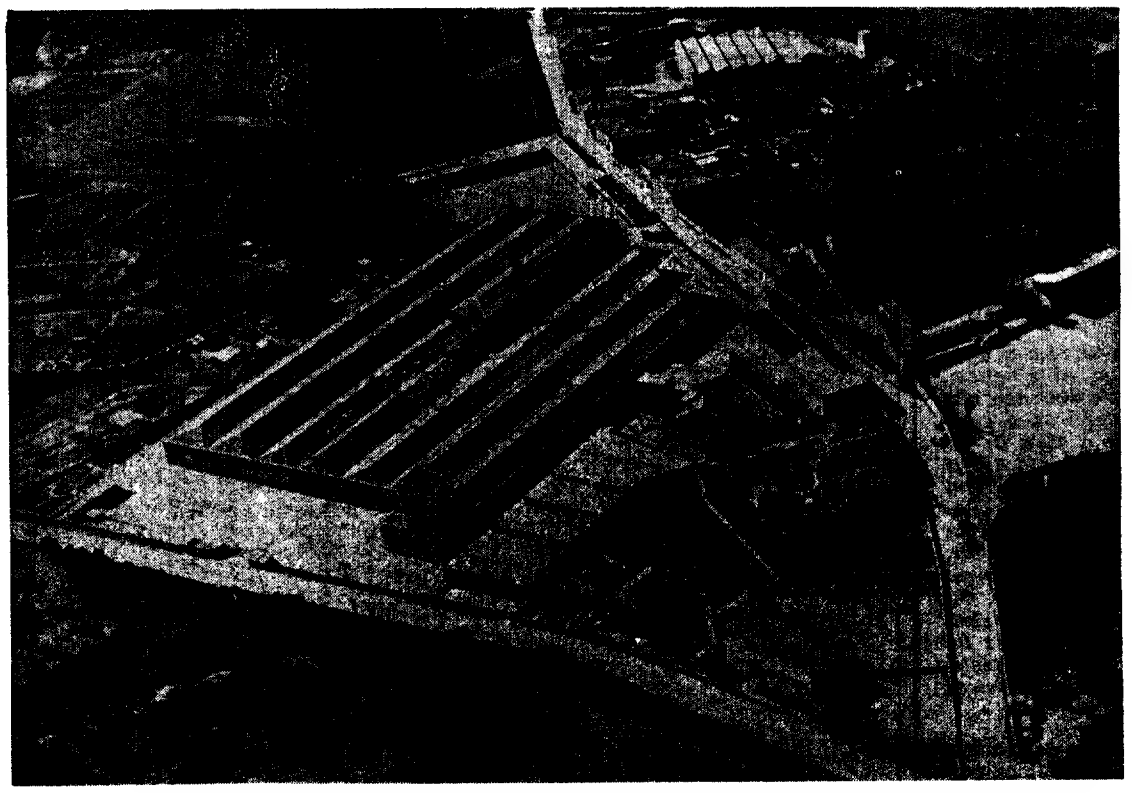
ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL TÊXTIL

JOÃO DA FONSECA CARVALHO, S. A. R. L.

AREOSA — PORTUGAL

75 ANOS

AO SERVIÇO DA ECONOMIA DE PORTUGAL



TECIDOS PARA DECORAÇÃO EM TODAS AS FIBRAS (NATURAIS, SINTÉTICAS E ARTIFICIAIS) • **PLASTIFICADOS** (ENCERADOS PARA CAMIONS, NAVIOS, CONTRUÇÃO CIVIL, CAMINHOS-DE-FERRO, ETC.; TELAS PARA PAREDES, PAVIMENTOS, PASSADEIRAS, TOALHAS, TELAS PARA A INDÚSTRIA DE CALÇADO E AUTOMÓVEIS, ETC.) • **FILTROS INDUSTRIAIS**

Foncar

Ao comemorar as suas Bodas de Diamante Organização Industrial e Comercial Têxtil João da Fonseca Carvalho, S. A. R. L., sauda todos os seus Amigos, Clientes e Agentes espalhados pelo Mundo Português.

1895-1970

NO PASSADO PRESTIGIOSO
A CERTEZA DE UM FUTURO
ENTREGUE À VALORIZAÇÃO DO PAÍS

«O BOM GIGANTE»

A série juvenil «O Bom Gigante» baseada na amizade de um rapazinho e de um urso, obteve tal êxito nos países de língua inglesa, que os seus produtores tiveram necessidade de a transplantar para a grande pantalha e, ainda, há pouco tempo, um dos cinemas da capital exibiu um filme de longa-metragem com todos os personagens e actores desta série. Hoje, pelas 19 e 45, estará presente mais um episódio das serenas aventuras de Gentle Ben, o urso, com os actores Dennis Weaver e Clint Howard.

Clint Howard é o jovem companheiro do Urso Ben

ESTÚDIO C

CARMEN SEVILLA

Longos anos decorreram após as «Violetas Imperiais», mas Carmen Sevilla nãop arou no tempo, nem o recorda. Acompanha a sua época, adapta o seu reportório para continuar no primeiro plano do «music-hall» do seu país. Ao seu lado, um grande compositor, Augusto Algueiró. Recentemente estiveram em Lisboa e gravaram o Estúdio C que a RTP transmite hoje, pelas 21 horas.

Realização de Luís Andrade.

AMANHÃ Á HORA DO ALMOÇO

«Ele e ela» e «Um dia com...»

Paula Preniss, Richard Benjamim e o largo sorriso dentífrico de Jack Cassidy estarão, de novo, junto dos telespectadores que habitualmente, á «Hora do Almoço», acompanham os episódios da série «Ele e Ela». Pelas 13 e 15 é exibido mais um, intitulado «Perdeu-se um Bombeiro». «Harry, o bombeiro vizinho dos «Hollister's», é demitido da corporação. Mas, devido á sua coragem, é readmitido e condecorado.»

«Um dia com...» traz imagens da vida dos pára-quedistas. Filmado em Tancos, no Regimento de Pára-quedistas, «Um dia com...» é transmitido cerca das 14 horas.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «O Bom Gigante»; 20 e 15: Sangue na Estrada; 20 e 30: Tempo Internacional; 21: Estudio C, com Carmen Sevilha; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Noite de cinema — «O Segredo do Estado»; 23 e 55: Marcha do mundo; 24: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: «Dick Powell Show»; 22 e 45: Carta de Espanha; 23: Convergência; 23 e 25: Fecho.

ESTORIL

SIEMENS ESTORIL

AMANHÃ — I Programa — Às 12 e 45: «As Aventuras de Tin-Tin»; 13: Feminino Singular; 18 e 15: «Ele e Ela»; 13 e 45: Telejornal; 14: Um dia com...; 14 e 10: Logo á noite; 14 e 15: Convite para jantar; 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Infantil — Vasco da Gama; 20: Conheça o Portugal desconhecido; 20 e 15: Em Foco — Cunia a 16 milímetros e Calhambeque; 20 e 55: «Olho Vivo»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Noite de Teatro — «A Inimiga»; 0 e 12: Marcha do Mundo; 0 e 25: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 30: «O Maioral»; 23 e 35: Fecho.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA

«O SEGREDO DE ESTADO»

Cerca das 22 horas, na rubrica «Noite de Cinema» exibe-se o filme de longa metragem «O Segredo de Estado», realizado pelo italiano Marco Zampi e interpretado por Oscar Homolka, Nadia Gray, George Cole, Eleanor Summerfield e Michael Medwin, nos principais papéis.

«Vamos ver nesta película um certo tipo de farsa, apoiada em efeitos fáceis e grotescos, de verve imediata e popular, que foi sempre característica do espectáculo inglês. O cinema nunca deixou de adoptar — vejam-se os filmes da série «Carry On», vejam-se certos numeros de «Os bons velhos tempos» e só as finíssimas comédias de Ealing conseguiram introduzir no cinema inglês uma nova forma de humor.

«Segredo de Estado» («Top Secret»), realizado por Marlo Zampi, é um bom exemplo desse tipo de farsa. Nele se aproveita o clima de «guerra-fria» para ironizar certos aspectos da política russa. A ideia de partida é excelente e quase nos lembramos de certas sátiras de Lubitsch ou Wilder. Um engenheiro sanitário inglês é confundido, pelos russos, com um sábio atómico, vivendo assim as mais desconcertantes peripécias fáceis certo riso imediato, certa desenvoltura de linguagem, desfeiteada a sátira política por falta de sensibilidade.

Oskar Homocika (Zekoff) e Nadia Gray (Tania), emprestam talento e graça á narrativa que, ironizando as fitas de espionagem, acaba por cumprir a sua função de divertimento.

II PROGRAMA

«Dick Powell Show», «Carta de Espanha» e «Convergência»

A emissão do II Programa inicia-se com a exibição de um episódio filmado da série «Dick Powell Show» com Geraldine Brooks, Robert A. Brown, Frank Overton e Joan Staley.

Pelas 22 e 45, «Carta de Espanha» mostra algumas das regiões mais turísticas do país visinho. Seguidamente, e a termniar, repete-se o programa literário «Convergência».

Rádio

PRROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas estrangeiras; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; 18 e 05: Orquestras Ligeiras; 18 e 25: Cristo é a Resposta, pelo padre Jose Teodoro Marques da Silva; 18 e 40: Conjuntos Rural — Musica só Musica; 20: Instrumentais; 19 e 45: Rádio Diário Sonoro; 20 e 20: Um Solista... Uma Orquestra; 20 e 40: 14.º episódio do folhetim «José Bálsamo»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Cinema, por Amandio Videira Santos; 21 e 25: Canconetas; 22: Tempo de «Jazz», por Raul Calado; 22 e 30: Fados, por Ada de Castro; 22 e 50: Musica, só Musica; 23 e 05: Programa da Noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 01: Musica Sinfónica; 17: Discos Raros — Árias de Operas pelo barítono Lawrence Tibett; 17 e 30: Perspectivas da Musica do Canadá; 18 e 20: Fantasia para Orgão (Racquet), pelo organista Pierre Cochereau; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Tempo Literário; 19 e 29: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 45: Musica de Camara — Concerto (Wilhelm Friedemann Bach), pelos oravistas Rafael Puyana e Genoveva Gálvez; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de Arco; 20 e 30: Opera Comentada, «Dafné», de Strauss, por Maria Helena de Freitas; 22 e 48: Divertimento n.º 10 em fá maior K. 247 (Mozart). Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigido por Herbert von Karajan; 22 e 58: Fecho.

PROGRAMA MF 2 —94,3 mc/s — Às 23: Musica portuguesa — Obras de António Frogoso; 0: Canções hungaras (Bela Bartok), pelo Barítono, Imre Pallo, acompanhado ao piano por Stefan Haydu; 0 e 15: A sonata de Beethoven — Sonata em fá maior op. 17, para trompa e piano, por Denns Brain e Dennis Matthews; 0 e 30: Musica de bailado; 1: Fecho.

Rádio Universidade—457 m—665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: A Universidade no Mundo; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m—1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma orquestra; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura noticiário; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde; 21 e 32: Vector; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 0 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Leitura; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Momentos de melodia; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA —233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos famosos; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano, 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela mexicana, 21 e 15: A orquestra de Nelson Riddle, 21 e 30: Canções portuguesas; 21 e 45: Conjuntos vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** —Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 2 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 10 ás 14 e 30 ás 17. **Rádio Graça**— Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

LUÍS FILIPE COSTA E «O CASO DA SEMANA»

Ao princípio era a notícia. Cheia, repleta de palavras. Depois surgiu Luís Filipe Costa, a notícia em poucas palavras mas completa de sentido. A síntese em noticiário. O ouvinte, desprevenido, mas agradado, aderiu em pleno ao novo princípio da notícia. A inteligência de um jovem enamorado da sua profissão: chefe do Serviço de Noticiário do Rádio Clube Português. Encontrar notícia dar a volta ao mundo.

— Você que é um homem de «notícias», como recebeu esta «notícia» de colaborar na Televisão?

— Com surpresa, primeiro, e satisfação, depois... Satisfação tanto maior quanto me foi dada a possibilidade de me «experimentar» numa rubrica que, profissional como pessoalmente, me agrada bastante.

— De facto, «O caso da se-

(Continua na página seguinte)

Luís Filipe Costa... a notícia em síntese

Luís Filipe Costa e retardá-lo no afã diário é um problema muito sério, que o seu espírito de cooperação resolveu. Mas não mais que cinco minutos. O tempo de uma

canal da crítica

PELA BOCA MORRE O PEIXE —E O «CURTO-CIRCUITO»...

SANCHO PANÇA — Estou todo derreado, tenho os ossos todos partidos...

D. QUIXOTE — Suponho que foi das pauladas que te deram ..

SANCHO PANÇA — Boas novidades me dá, meu amo!

Derreado também eu estou. Não das pauladas, mas das palavras que me deram. Montes. Cataduipas. Niagaras de palavras. Palavras sem espectáculo. Palavras uteis, palavras com boas intenções, palavras inuteis, palavras insalubres, palavras despalavras. De tudo houve um pouco. E a gravidade aumenta com o facto de os breves intervalos das palavras não possuirem miolo musical digno de registo. Não que o Roger Something não seja um rapaz simples, com certo valor no seu ramo e na nobre missão de dar a conhecer ás plateias diversas maneiras diferentes de ser moderno em musica ligeira. Ficámos sem saber qual o verdadeiro Roger no meio de tanta diversidade. Tarefa que talvez fique para mais tarde. Se é que vale a pena...

O conjunto dos «chinchilas» navega igualmente em águas incertas. Apesar da sua relativa experiência, ainda não sabemos o que é aquilo. Houve modificações mas parece não ter havido uma opção.

Pois quanto ás palavras...

II

Palavras cheias de boas intenções, incluidas numa reportagem ambiciosa, foram as de Rui Mário Gonçalves relativas aos quadros de

(Continua na página seguinte)

FILIPE COSTA E «O CASO DA SEMANA»

(Continuação da pág. anterior)

mana» coaduna-se com o seu trabalho radiofónico...

— ... Creio mesmo que o completa. O capítulo «informação» é aquele que mais me interessa e «O caso da semana» insere-se nele.

Falando com indivíduos das mais diversas formações e interesses, sobre os mais diferentes assuntos, faço como que o ponto da montanha de informações que, diàriamente, desaba sobre nós.

— Que se pretende com este programa?

— Procuramos que colectivamente (os que o fazem e os que o vêem), pensem numa notícia aparecida durante a semana.

— Mas não a mais importante. Porquê?

— Não necessàriamente a mais importante, pois que essa será naturalmente tratada em programas especializados.

— Qual então o critério escolhido?

— Escolhemos acontecimentos que, à primeira vista não pareçam de importancia capital, mas que, esmiuçados, se revelem pedras basilares da Construção do Futuro.

Aspecto a salientar: o trabalho em equipa

— A sua actuação restringe-se ao «Caso da semana»?

— Bem... eu considero-me numa fase de aprendizagem da linguagem e técnica particulares da TV. É preciso andar devagar, cautelosamente. Ainda assim já me entregaram outras entrevistas para a rubrica «Feminino-Singular».

— Quer salientar algum aspecto particular do programa da «Hora de almoço»?

— Gostaria de destacar o estar-se a trabalhar com espírito de equipa. O facto de nenhum de nós (refiro-me aos apresentadores, claro) ter grande experiência de televisão, fez com que nos aproximássemos, procurássemos trocar impressões, nos ajudássemos uns aos outros. Neste aspecto, é também uma das mais curiosas experiências da minha vida profissional.

— A propósito, como repórter, qual o trabalho que mais o interessou, na rádio?

— A reportagem que realizei em S. Jorge, quando há uns anos, aquela ilha açoriana foi assolada por uma vaga de tremores de terra. Fui testemunha e procurei dar um fiel retrato do drama de um povo abandonado pelos homens e pela natureza.

— Finalmente, sabemos que vai haver uma interrupção na sua actividade...

— ... É verdade. Um compromisso anterior leva-me a Berlim, para a reportagem radiofónica do Festival de Cinema. Espero regressar ao «Caso da semana» no sábado 18 de Julho.

ANDARES
E APARTAMENTOS MOBILADOS

50 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES À VENDA PARA ESCRITURAS IMEDIATAS

NÃO COMPRE SEM CONSULTAR
J. PIMENTA, S. A. R. L.
A MAIOR EMPRESA DE CONSTRUÇÃO E VENDA DE PROPRIEDADES DO PAÍS

250 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

PREÇOS DESDE 130 CONTOS EM APARTAMENTOS MOBILADOS, ANDARES, ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E ARMAZÉNS NA REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS, CASCAIS (PAMPILHEIRA)

INFORMAÇÕES NOS LOCAIS DE CONSTRUÇÃO E NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:
LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

Vieira da Silva. Mas vieram, ah, vieram depois de longa e inútil conversa traduzida em francês... Os que resistiram, aproveitaram ainda alguma coisa com a visita guiada á Exposição, pois Rui Mário Gonçalves conseguiu, a propósito de algumas pinturas interessar os telespectadores atraindo-os com o pretexto de anedota superficial.

A pintura, já se sabe, não é televisiva. Pintura e televisão estão de relações cortadas. Muito mais quando a arte assentar na paciência oficinal de uma Vieira da Silva. No entanto, a camara fez um milagre de aproximação, foi tão longe quanto se poderia ir com os meios ao seu alcance. Nem sempre, deve dizer-se, Rui Mário Gonçalves a acompanhou nessa tentativa de esclarecimento e de sugestão na presença de milhões de pessoas cuja atenção, em assuntos de arte está presa por uma linha de algodão. Por vezes, dava a impressão de que falava a profissionais ou a estudiosos batidos no calão do ofício. Isso ali, na televisão, é um vestuário ridículo. Que pensará o telespectador cotadinho da *«multiplicidade dos pontos de fuga da perspectiva»* e do palavreado chinoca que, a certa altura, chegou a tornar-se insuportável?

A culpa, deve reconhecer-se, não lhe pertence totalmente O que sucede é que os homens do ofício são preteridos, na Televisão, por amadores aventureiros, sem nenhuma espécie de qualidade. Ficam, assim, impossibilitados de aproveitar, em benefício dos seus compatriotas, a experiência que resulta da continuidade. Quando são chamados diante das câmaras surgem-nos viciados pela actividade dos livros e das revistas e das páginas diárias da especialidade. Nestas últimas, a ausência de esforço para uma simplificação ainda pode ser (poderia ser...) contrabalançada por um esforço maior do leitor, esforço maior e mais demorado. Na televisão, isso não é possível. Na televisão terá de ser *em família*. Os exitos conseguidos por algumas personalidades, em todo o mundo, devem-se ao facto de terem compreendido isso em toda a sua extensão. Personalidades e programas. «Zip-Zip» entendeu-o. Só ele.

III

Util, embora demasiado extensa, foi a entrevista com o sr. Isaías Longarito, instrutor de automóveis, com as suas críticas pertinentes á orgânica dos exames, campanha pela qual há muito combate Filipe Nogueira. Que as provas durem apenas 30 minutos; que doze examinadores façam 80 provas por dia, em Lisboa; que os exames se processem hoje exactamente como há 18 anos, etc., etc. são questões a repensar.

Claro, novamente, a tecla do civismo. Que não há civismo, não há nada. Mas alguém já terá pensado o que seria, no domínio dos desastres, se não fosse o alto grau de civismo dos nossos condutores? Já se pensou o que seria andar sem civismo por estradas como as nossas e com uma sinalização caótica ou deficiente e com uma ordenação de trânsito de tal modo deficitária? O civismo tem as costas largas em caminhos tão estreitos..

IV

Resta-nos dedicar duas palavras do sr. Carlos Carmona, presidente do sindicato português dos aviadores.

No sentido da ordem prática, o monólogo do sr. Carlos Carmona teve um rasgo extraordinário: convidou todos os portugueses a solidarizarem-se na luta contra os piratas do ar.

Apoiado, sr Carlos Carmona. O «Curto-Circuito», ao pôr camaras e tempo á sua disposição, quis decerto associar-se á campanha.

MÁRIO CASTRIM

UMA CEIA À VARA LARGA

Integrada nas comemorações do 28.º aniversário da fundação da Casa do Ribatejo e no intuito de divulgar aspectos da culinária da região que representa em Lisboa, decorre naquela casa regional, no próximo dia 30, às 20 horas, uma ceia tìpicamente ribatejana, em cuja ementa figuram elevado número de aperitivos, tais como: amêndoas à Fritel, pinhões, queijo, morcelas, azeitonas, tremoços, avelãs e ainda migas de bacalhau e carne à moda da Chamusca, arroz-doce e café, tudo isto regado com vinho e bagaço oferecido por lavradores da região.

As inscrições, ao preço de 40$00, estão abertas na Secretaria, Rua do Salitre, 136, 1.º, ou pelo telefone 68 13 84.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

†

ENG.º VIRGÍLIO PRETO

Participação e missa do 7.º dia

Maria da Graça de Deus Craveiro Lopes Preto, Virgílio Craveiro Lopes Preto, mulher e filhos, Maria Fernanda Craveiro Lopes Preto Gomes Covas, marido e filho, José António Preto, mulher e filhos, João Batista Pereira Preto e mulher, Alice Pereira Preto Paulo, marido e filhos, António José Pereira Preto, mulher e filhos, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente e que amanhã dia 24, às 12.30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todos os que se dignem assistir a este piedoso acto.

†

ENG.º VIRGÍLIO PRETO

Participação e missa do 7.º dia

SOCIEDADE TÉCNICA DE CONSTRUÇÕES VIRGÍLIO PRETO, LDA., participam o falecimento do seu sócio-gerente e que amanhã dia 24, às 12.30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todos os que se dignem assistir a este piedoso acto.

†

ENG.º VIRGÍLIO PRETO

Presidente da Direcção do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul

FALECEU

Os membros dos Corpos Gerentes do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, cumprem o doloroso dever de participar que faleceu no passado dia 17 do corrente o seu Presidente da Direcção, Colega e Amigo, Senhor Eng.º Virgílio Preto, e que amanhã pelas 12 horas e meia, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, será celebrada missa pelo seu eterno descanso. Agradece-se a todas as pessoas que possam assistir a este piedoso acto.

†

ENG.º VIRGÍLIO PRETO

Participação e missa do 7.º dia

O pessoal da SOCIEDADE TÉCNICA DE CONSTRUÇÕES VIRGÍLIO PRETO, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Chefe e que amanhã dia 24, às 12,30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na igreja de S. Sebastião da Pedreira, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Jacqueline Bisset, Jean-François Maurin e Giselle Pascal
em
MUNDO SECRETO
em Eastmancolor

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
5.ª SEMANA
WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS)
com **Natalie Wood, Richard Beymer, Rita Moreno e George Chakiris**
70 mm — Technicolor

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Ele joga a vida e a carreira
DETECTIVE EM ACÇÃO
com **James Garner e Gaye Hunnicutt**

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538745
Às 18.30 e 21.45
Suzanne Pleshette, Ian McShane e Senta Bergner
no filme mais «fresco» do ano!
EM 2.ª SEMANA de gargalhada!
ESTES TURISTAS AMERICANOS...
Uma sensacional comédia em Technicolor
AR CONDICIONADO

No programa o filme colorido de Francisco de Castro
«ALMADA NEGREIROS»
1.º prémio do Festival de Valladolid
Realização de António de Macedo

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779098
Às 15.30, 18.30 e 21.45
EM 9. SEMANA
BAMSE
PAIXÃO IMPOSSÍVEL
com **Grynet Molvig**
EASTMANCOLOR

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Acção sempre arrebatadora
CORRE, HOMEM, CORRE
com **Tomas Mihan, Linda Veras, Chelo Alonso e John Ireland**
UMA CORRIDA DE VIDA OU DE MORTE
Cromoscope Eastmancolor

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
ÉPICO — SUPERIOR ESPECTACULAR
ALFREDO O GRANDE
com **David Hemmings, Michael York e Prunella Ransone**
Às 18.30 — (Adultos)
O OBCECADO
com **William Wyler**

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 55134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD
com **Jean Louis Trintignant**

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5 homens — 5 feras!
Um vendaval de acção...
OS 5 BANDOLEIROS
com **Peter Graves** (intérprete na TV de «Missão Impossível»)

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
4.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
Um filme de **Elia Kazan**
com **Kirk Douglas** e **Faye Dunaway**
O COMPROMISSO

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795290
Às 21 horas
O HOMEM DE OKLAHOMA

ROYAL
(Adultos) Tel. 365937
Às 21.30
UM CORAÇÃO SOLITÁRIO
OS PROFISSIONAIS DO CRIME

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 9 da noite
(VII CICLO DA CASA DA IMPRENSA)
O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO NO CINEMA
CHARLY
O GATO MIOU TRÊS VEZES

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
Às 9 da noite
O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO NO CINEMA
(VII CICLO DA CASA DA IMPRENSA)
O GATO MIOU TRÊS VEZES
CHARLY

VOX
(Adultos) Tel. 720302
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ÊXITO
do filme do momento com **Brigitte Bardot** e **Laurent Tertieff**
DUAS SEMANAS EM SETEMBRO
alta comédia
de Mestre **Serge Bourguignon**
Scope colorido
AR CONDICIONADO

No programa: o filme colorido de Francisco de Castro
«ALMADA NEGREIROS»
1.º prémio do Festival de Valladolid
Realização de António de Macedo

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54151
Hoje, às 15.15, 18.15 e 21.45
Os mais famosos «astros» da hilariedade no ciclo «**Humor em 2 Tons**»
COM JEITO VAI... CAMPISTA!
com **Sidney James**

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
CUSTER, O HERÓI DO OESTE

CONDES
PARA TODOS Tel. 322523
Às 14.15, 16.30 e 18.45
O HOMEM MAIS ENGRAÇADO DO MUNDO
com **CHARLOT**
Às 21.45
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
com **Lee Marvin** e **Charles Bronson**

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
HÉRCULES E A RAINHA
c/ **Steve Reeves, Sylvia Koscina e Giana Maria Canale**
Eastmancolor — Dyaliscope

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
O ANORMAL
OS COMANDOS ATACAM AO AMANHECER

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326281
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
5.º MÊS DE SENSAÇÃO
19.ª SEMANA
COM O FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro** e **Anabela**

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A SOMBRA DE UM HOMEM
O LENÇO FATAL

LIDO
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um filme emocional de violência e crime!
JEFF
Surpreendente interpretação de **Alain Delon**

RESTELO
Às 21.30 h.
Um filme notável em que a sensibilidade e o talento se juntam
A ÚLTIMA CARTADA
com **Maurice Ronet**

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 12 anos)
GRAU DE DESTRUIÇÃO
com **Oskar Werner**

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Prato do dia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Vitor ou as crianças no poder» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 45: «Tchau» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 14 e ás 19: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos).
PARIS — Às 15 e ás 21: «Com a corda na garganta» (17 anos)
JARDIM — Às 15 e ás 21: «Pêndulo» (17 anos).
IDEAL — Às 15 e 15 e ás 21: «Homens marcados» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 15 e ás 21: «A dança dos diamantes» (17 anos)
PROMOTORA — Às 21: «A vingança de Spartacus» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Os sobrinhos do Zorro» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Como matei Rasputine» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «Maciste» (12 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Caso de Lady Chaplin» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 ás 21 e 30: «Grau de Destruição» 12 anos). CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Jogo Sujo» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O Inspector Clouseau» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 15: «Missão de Vingança» (12 anos)
QUELUZ — QUELUZ CINE — Às 21 e 15: «Os Caminhos da Violência» e «O Diabo» (17 anos).

● Outra Banda

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Baile de Aniversário» (15 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — **Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (776905) ✲ **Aeroporto** Avenida Gago Coutinho, 01-D (á Av. D. Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ **Rio de Janeiro**, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) — (721409)
ALMIRANTE REIS — **Castro**, Av. Almirante Reis, 76-A (44373)
ALTO PINA — **Ibéria**, Rua Barão de Sabroso 285-A (á Alameda) (728277)
ALCÂNTARA — **Vieira Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (660187)
AVENIDAS NOVAS — **Campo Pequeno**, Av. da Republica, 58-D-E (771661) ✲ **Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ **Cruz Nunes**, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) ✲ **Novais**, Av. Luís Bivar, 1-1B (44324)
ARCO DO CEGO — **São Jorge**, Av. Rovisco Pais, 52-A-B (534027).
AREEIRO — **Algarve**, Av. de Roma, 7-B (777478)
ARROIOS — **Bastos**, Rua Morais Soares, 91-E (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — **Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 126 (326575)
BELÉM — **Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (61454)
BENFICA — **Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) ✲ **Vitex**, Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ **J. Ribeiro**, Estrada da Luz, 199-A (780969).
CAMÕES — **Sanitas**, Pr. Luís de Camões, 24 (322798)
CAMPO DE OURIQUE — **Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 81-133 (686640) ✲ **Elma**, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) ✲ **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838)
CAMPO DE SANTANA — **Silmar**, Rua de S. Lázaro, 108 (42829)
ENTRECAMPOS — **São Miguel**, Pr. Francisco de Morais, 1 (77469)
ESTRELA E LAPA — **Tagus**, Praceta da R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) ✲ **Mota Capitão**, Rua de São Félix, 45-A (660720)
CAMPO GRANDE — **Cabrita**, C. Grande, 220-222 (772397) ✲ **Curie**, Av. Madame Curie 115-A (778439).
CHARNECA — **São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, — Galinheiras (790969).
CAMPOLIDE — **Farmácia Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — **Silva**, Calçada de St.º André, 16 (862074) ✲ **Branquinho**, Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFÂNIA — **Pancada**, R. Rebelo da Silva, 9 (43340)
JANELAS VERDES — **Reis Garrido**, R. das Jan. Verdes, 90 (662327)
LUMIAR — **Central do Lumiar**, R. do Lumiar, 17 (790480).
MARQUÊS DE POMBAL — **Liberal**, Av. da Liberdade, 219 (43641)
OLIVAIS — **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barriaro Ruas, 1-C, Olivais-Norte (315539) ✲ **Astunes Rosas**, R. C. I para a Praça Cidade de Lusa, Olivais-Sul (31360).
PICHELEIRA — **Luzmar**, R. João do Nascimento Costa 6-A (728395-720709).
RATO — **Vicente de Jesus**, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — **Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 60-162 (761085).
RESTELO — **Belém**, R. Tristão Vaz, 0-A (á Encosta do Restelo) (612248)
SANTO AMARO — **Gomes, Suca.**, R. do Junqueiro, 326 (638193). ✲ **Costa**, R. dos Lusíadas, 32 (636704) ✲ **Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Conceição, Calç. D. Gastão**, 30-32 (381279).
S. BENTO — **Fénix**, Rua do Cruz dos Poiais 52 (678531)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Combatentes**, Av. Comb. G. Guerra, 166 (213953).
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839).
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Aven. Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — **Central**, Rua João Texeira Simões, 18 (2430058)
PAREDE — **Aizir** — Av. Gago Coutinho — (Bairro dos Caixas de Previdência (Tel. 24709148).
ESTORIL — **S. João** — Estrada Nacional 18 (Tel. 261186)
ESTORIL — **Ostende** — R. de Espinho, 1 (T. 260391) ✲ **S. João**, Est. Nacional, 18 (Tel. 261186)
CASCAIS — **Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (280141) ✲ **Cascais**, R. Conde de Monte Real — Bairro Caxias (2824078).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Cavaca** — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) ✲ **Flama** — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932455) ✲ **Confiança** — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 939149).
DAMAIA — **Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970528)
QUELUZ — **Zeller** — R. da Republica, 83 (Telef. 950045); **Correia** — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905).
CACÉM — **Central** — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940094)
MEM MARTINS — **Química** — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100?2)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456).
SINTRA — **Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832).
VENDA NOVA — **Nova** — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 939920).
COLARES — **Colares** — Abreiu (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (234137).
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).
ALMADA — **Central** — R. de Olivença, 11-B (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Est. Nacional, 221-B (Tel. 22414)
BARREIRO — **St.ª Marta** — R. de Lavradio, 77-C (Tel. 2272141).
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso**, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)
MOITA — **União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025).
MONTIJO — **Diogo**, R. Almirante Candido dos Reis, 42 (Telef. 230032)
SESIMBRA — **Leão** — Av. Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL — **Normal do Sul**, P. do Bocage (Tel. 22216)
SEIXAL — **Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

SERVIÇOS URGENTES

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Aguas, 36135** ✲ **Companhias Reunidas 53701** ✲ **Gazcidla 538821** ✲ **Gazcidla Idem e feriados. 882069.**
SAUDE — **Cruz Vermelha, 86534** ✲ **Enfermagem permanente 766161** ✲ **Enfermagem de urgência. 43738** ✲ **Hospital de Santa Maria 775171** ✲ **Hospital de S. José. 860131** ✲ **Sangue, oxigénio e soros, 77116 e 771169** ✲ **Transfusões, soro e oxigénio. 538524** ✲ **Centro de Intoxicações (informativo, 767777, 761176 e 763450.**
POLICIA e G. N. R. — **Serviço de emergência, 115** ✲ **Segurança Publica, 866141** ✲ **Judiciaria, 535380** ✲ **Marítima, 826456** ✲ **Internacional, 362721** ✲ **Viação e Trânsito, 42205** ✲ **G.N.R. (área rural). 36865**
TRANSPORTES — **Aeroporto, 72011** ✲ **Caminhos de ferro (C. P.) 869029** ✲ **Caminhos de ferro (Estoril). 861121** ✲ **Estação fluvial (T. Paço), 325345** ✲ **Estação Marítima de Alcântara, 663195** ✲ **Estação Marítima da Rocha, 672445** ✲ **Estação fluvial (Belém). 638511.**
BOMBEIROS — **Sapadores, 82222.**

BOM APETITE

RESTAURANTE
TATU
Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
QUINTA-FEIRA
PATO NO FORNO

RESTAURANTE
antónio
Rua Tomás Ribeiro, 45
AMANHÃ
ARROZ À VALENCIANA
QUINTA-FEIRA
CABRITO NO FORNO

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

NO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
Premiado pelo S. N. I.

Solar do Minho
Rua do Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
FADOS — FOLCLORE
Jantar COMPLETO
50$00 por pessoa
M/17 anos

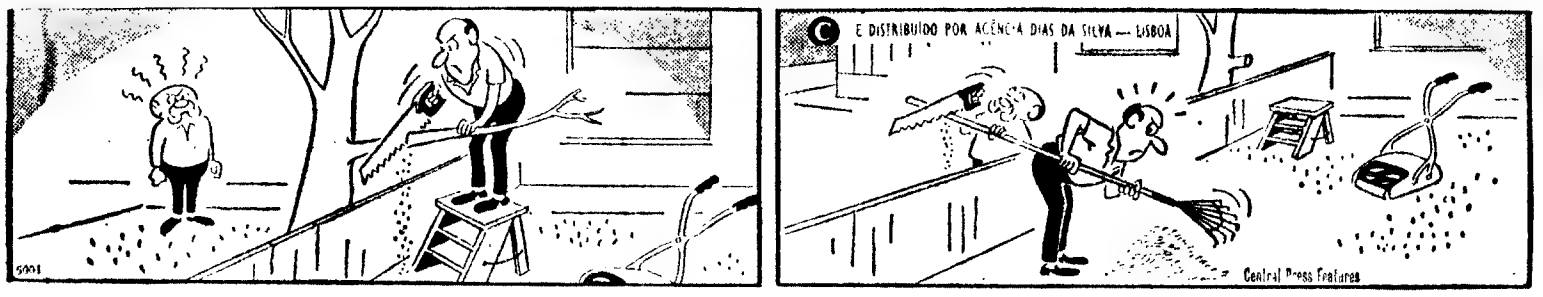
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de praça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Junho de 1940 publicava:

«ROMA, 23 — Vindos de Munich chegaram aqui, em três trimotores alemães, dezasseis plenipotenciários franceses enviados para negociar o armistício com a Itália. Vêm acompanhados por alguns oficiais alemães e foram recebidos por representantes dos Ministérios da Guerra e dos Negócios Estrangeiros.»

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA
Os melhores preços
Av João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 - 561394
LISBOA

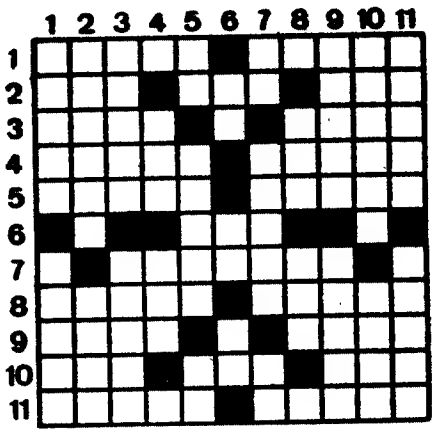
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5573

HORIZONTAIS: 1 — Fardo. Guardar segredo. 2 — Estime. Atmosfera. Ferro temperado. 3 — Cidade de Itália. Aquele que. 4 — Maldição. Raiva. 5 — Irmão de Moisés. Restabeleço. 6 — Nome de homem. 7 — Afiava. 8 — Harmonizas. Luxos (pop). 9 — Ligeiro. Apelido. 10 — Ovário dos peixes. Tempo do verbo ir. Raer. 11 — Mata inculta. Sorte.

VERTICAIS: 1 — Nome de peixe. Caules. 2 — Fruto silvestre. (pl). Aliviado. 3 — Mover os remos. Arbusto da Malásia. 4 — Nome de letra. Origem. 5 — Antes de Cristo. Gongolinhos tropicais. Futil. 6 — Preposição. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Gália. (s. q.). 7 — Cobre (s. q.). Arrefecidas. Seguia. 8 — Pronome relativo. Caminho para cá. 9 — Aquela que foi amada por Petrarca. Venera. 10 — Admite. Prendas. 11 — Nome de homem. Planta vivaz e medicinal.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5572

HORIZONTAIS: 1 — Subam. Prado. 2 — Atiraríamos. 3 — ócio. Asas. 4 — Mad. A. 5 — Im. Me. Ab. (Pl. 6 — Copa. Acua. 7 — Camarinha. 8 — GALINHA. 9 — Eu. Malão. Sr. 10 — Lãs. Tom. PÕE. 11 — Opero. Atrás.

VERTICAIS: 1 — Sa. Sic. PELO. 2 — Uto. Mac. Pau. 3 — BICO. Pag. Se. 4 — Ari. Mamam. 5 — Maomé. Álamo. 6 — Grito. 7 — Piada. Inata. 8 — Rãs. Banho. 9 — Amas. Chá. Pr. 10 — Dos. Pua. Soa. 11 — Os. Ala. Ares.

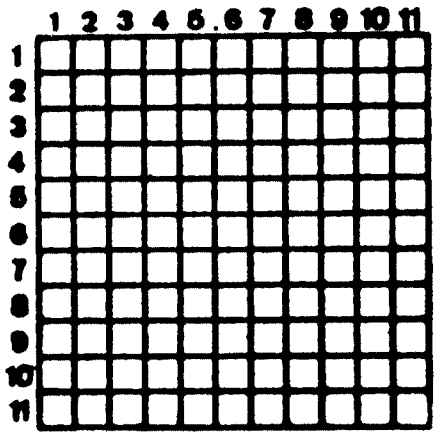
Provérbio: A GALINHA PÕE PELO BICO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9416

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Felgueiras. Mulher de raça negra. 2 — Asa de bruno ou arrecada (Açores). Armadilhas para pássaros. 3 — Mudança. Guarnecera de asas. 4 — Em parte iguais. Sufixo que designa estado. Item (obrev). Vivação. 5 — Grande. Medida de líquidos usada na Alemanha. 6 — Ecoa. Lista. 7 — Bendosa. O mesmo que oh! Oh! (interjeição da Ilha dos Fiones). Chefe etíope. 8 — Prefixo de privação. Que não é par. Letra árabe. 9 — Duração. Entontiecer. 10 — Engenho de tirar água dos poços. Prov. Cerume. 11 — Fio de latão. Irmã.

VERTICAIS: 1 — Roer. Dança. 2 — Rã (pop). Investigar (Fig). 3 — Ninho. Distrito da Índia Portuguesa. Prende. 4 — Ornamento. Também. 5 — Prenderia com elos. Alumen. 6 — Cidade de França. 7 — Margem. O mesmo que fon. 8 — Ficar. Belo. 9 — Pronome pessoal. Maior. Raer. 10 — Deferto (Fig). Irmão de Marta e de Maria, ressuscitado por Jesus. 11 — Planta vivaz e medicinal. Curar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9415

HORIZONTAIS: 1 — Puras. Pisca. 2 — Ária. Mars. 3 — Srs. Meã. Lãs. 4 — Sá. Perde. Ri. 5 — Aricar. Inam. 6 — Aló. Aro. 7 — Mina. Adur. 8 — Imã. Par. Ama. 9 — Op. Dir'a. El. 10 — Lapão. Mitra. 11 — Orão. Alar.

VERTICAIS: 1 — Passa. Miolo. 2 — Urnar. Impar. 3 — Ris. Cana. Pá. 4 — Aã. Pala. Dão. 5 — Mero. Pão. 6 — Ser. Bar. 7 — Aldia. Rim. 8 — Im. Barra. Ala. 9 — Iodo. Ti. 10 — Ciara. Umero. 11 — Assim. Rolar.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
«VERA CRUZ» a sair em 27 de Junho às 16 horas	**LINHA DE ÁFRICA** — Com escala por **LAS PALMAS**, para: **LUANDA** e **LOBITO**. Carrega de 23 a 25 de Junho.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 30 de Junho às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA**. Carrega de 25 a 28 de Junho.
«BAILUNDO» a sair em 6 de Julho	Com escala por **LEIXÕES** para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE** e **NACALA**. Carrega de 30 de Junho a 4 de Julho.
«LUGELA» a sair em 9 de Julho	Com escala por Leixões, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 2 a 6 de Julho.
«AMBOIM» a sair em 18 de Julho	Com escala por Leixões, para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 15 de Julho.
«IMPÉRIO» a sair em 29 de Julho às 16 horas	Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA**. Carrega de 18 a 21 de Julho.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 29 de Junho às 18 horas	Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL** para: **TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA** e **CURAÇAU**.
«SANTA MARIA» a sair em 3 de Agosto às 18 horas	Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL** para: **TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), CURAÇAU** e **LA GUAIRA**.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

A ESCOLA E A FAMÍLIA

Com a devida vénia, transcrevemos do jornal «Roda-Viva», órgão dos alunos da Escola Preparatória Francisco Arruda, o debate «A Escola e a Família», realizado naquela Escola e onde participaram os alunos: Carlos Branco, 11 anos; Rui Alberto, 10 anos; Vasco Rosa, 11 anos; Luís Roxo, 10 anos; António Coelho, 12 anos. Os encarregados de educação: sr. Rolando Galvão e sr. Fernando Videira; as assistentes sociais sr.as D. Maria Luísa Calvet e D. Maria José Coutinho e o coordenador.

COORDENADOR — Muitas vezes, a vida escolar e a vida familiar, são para o aluno aspectos completamente separados um do outro, o que é errado. Sendo a família e a escola duas vias complementares e ambas imprescindíveis na educação da juventude, é necessário que existam contactos frequentes entre a escola e a família de modo a que o jovem possa ser educado de uma forma harmoniosa equilibrada. Precisamente muitos dos malogros escolares tanto no aspecto de aproveitamento, como no de comportamento têm a sua origem quer em problemas de carácter familiar, quer na inadaptação do aluno a uma estrutura escolar defeituosa. É sobre este tema, relações entre a Escola e a Família que nós vamos conversar.

LUÍS ROXO — Na minha opinião devia dar-se ao aluno total responsabilidade, sem a interferência constante da família: «Vai estudar! Não brinques!... etc.»

ANTÓNIO COELHO — Não concordo, porque o aluno de 11 ou 12 anos não tem ainda total consciência dos seus actos, e comete erros que os pais devem vigiar.

CARLOS BRANCO — A origem dos malogros escolares reside muitas vezes na família. Não é o bater que corrige a criança. Esta pode habituar-se a levar uns açoites e já não se importa. Devem usar-se outros castigos, por exemplo impedi-la de ir ao cinema. O pai deve deixar a criança conviver com os outros, deve aconselhar e orientar deixando uma certa margem de liberdade.

VASCO ROSA — Uma coisa que não está certo é que, se um aluno por qualquer motivo castigado na escola chega a casa e o pai bate-lhe. Como a Escola diz não se deve acrescentar aos seus castigos outros.

ROLANDO GALVÃO — — encarregado de educação): Penso que está errado a repetição de um castigo para a mesma infracção. Porém, na prática as coisas não se passam bem assim. Em certos casos a reacção é um pouco irracional. Por outro lado o comportamento dos pais varia com a personalidade da criança.

Os pais agem de forma a proteger os filhos, o que não quer dizer que por vezes não haja actuações erradas. Os pais como educadores acabam por ser amadores. Há uma grande necessidade de ensinar os pais a educar os filhos.

ANTÓNIO COELHO — Os professores ás vezes também não procedem bem, gostam mais do aluno que tem «Bom» e não gostam do que tem «Mediocre» e este desinteressa-se.

CARLOS BRANCO — Acho que a criança deve ser castigada em casa e na escola. Mas esses castigos não devem consistir em bater, mas sim impedir a criança de fazer coisas que ela goste. A suspensão das aulas, também não dá resultado, alguns podem habituar-se a isso e não se ralarem; nós na escola temos muita liberdade devia sim limitar-se essa liberdade, como castigo. Além disso, os pais exercem por vezes uma acção má em relação aos alunos, porque não têm instrução para dar informações aos filhos. Portanto isto é também um problema de educação dos pais.

COORDENADOR — Já vimos alguns aspectos defeituosos quer da actuação da família quer da escola. Particularizando agora em relação á nossa escola, que pensam ácerca de possíveis meios de unir mais estreitamente a acção educativa da escola e da família?

LUÍS ROXO — O sr. Director convoca reuniões com os pais, eu acho que devia haver mais reuniões. Nessas reuniões deviam participar professores e alunos. Porque se nós alunos, não sabemos o que se diz nessas reuniões, ficamos intrigados.

N. R. — Os alunos reunem todos os sábados com o Director. Os pais têm reuniões semanais com os Directores de Turma. As reuniões de período são de interesses gerais.

ROLANDO GALVÃO — Concordo com o Rôxo. Dois tipos de reuniões, umas em que participem alunos, professores e pais, e outras em que se deve principalmente ensinar os pais a educar os filhos.

FERNANDO VIDEIRA — (encarregado de educação): Considero úteis, as reuniões mais limitadas entre pais e professores, porque aquelas a que tenho assistido, têm muita gente e não permitem um total esclarecimento dos problemas mesmo gerais. Tanto para os pais como para os professores, é muito importante saber como a criança se comporta quer em casa, quer na escola. Nesta escola exige-se muito menos no aspecto de trabalhos escolares em casa, o que considero certo. Outro aspecto positivo que quero assinalar: o meu filho sente-se extraordinàriamente feliz nesta escola.

N. R. — As reuniões de pais com professores são as de nível de turma e não as que o Director da Escola orienta.

COORDENADOR — Podiamos talvez, abordar agora um aspecto importante, que diz respeito às condições sócio-económicas das famílias, que influenciam directamente o comportamento e aproveitamento escolares dos alunos.

MARIA JOSÉ COUTINHO — É um facto, que os alunos provêm dos mais diversos meios sociais. A escola deve procurar obter o máximo de informações sobre a situação sócio-económica dos alunos, e neste aspecto será importante o papel dos directores de turma. Esta informação julgo-a indispensável para tentar individualizar ao máximo a relação com o aluno do ponto de vista disciplinar. A atitude de escola é uniforme em relação aos alunos, quando estes são todos diferentes.

MARIA LUÍSA CALVET — Esse tipo de informação reflectir-se-ia sobretudo no trato pessoal com os alunos e não principalmente no ensino que deve ser o mais possível uniforme.

ROLANDO GALVÃO — Bem, ao fim e ao cabo al-

(Continua na 4.ª página)

PRÉMIO DE ENSAIO — 2.ª SEMANA

ALGUMAS NOTAS PARA O NEO-REALISMO

Diario de Lisboa
Juvenil
N.º 678 DOS JOVENS PARA TODOS

I — A pergunta que se me depara ao abrir estas considerações pode ser reunida neste pequeno binómio — neo-realismo estética ou substância?

E parece-me que, aí, onde estes dois valores se conjugam, interligam e penetram nasce o romance, a novela, a peça teatral ou o poema neo-realista. «Cumpre distinguir no neo-realismo a parte que pertence à história das ideias da parte que pertence à história da literatura» — diz Mário Sacramento. Na percepção desta curta transcrição inferem-se analiticamente, duas plataformas de valores: o histórico-ideológico de algum modo abstraccionista e teorizante e aquele que nos advém da consideração da parcela literária a que prefiro chamar estética. Não entendo, diga-se já, aquela dicotomia — ideologia-teoria — como uma visão idealista do fenómeno do neo-realismo, antes, pelo contrário, será uma perspectivação prévia que não faz esquecer os circunstancialismos da praxis envolvente traduzíveis em termos socio-económicos e até políticos.

Eles são fundamentais na consideração da arte como pressupostos ultimos de uma produção estética.

Porém, a questão que muito bem assenta na apreciação de tais pressupostos é a de saber se são primordiais a uma actividade crítica, isto é, se sem eles não será possível uma apreensão objectiva do neo-realismo literário, como puro fenómeno literário. É sobre este ultimo aspecto que quero reflectir, e, com isto, não se pretende alienar uma consideração de totalidade, mas, apenas, delimitar uma plataforma de pensamento.

Cabe ainda referir o facto de que a apreensão de um momento literário só se completa com a inclusão dos seus antecedentes históricos, aparecendo-nos aquele, como um ponto do processo do devir. Lukács diz, em carta a Anna Seghers, isto: «em qualquer discussão, há-de haver sempre referência ao quadro geral, à evolução sistemática e histórica.» Todavia limita-se este autor, dentro de um plano metodológico hegeliano, a articular situações de reflexão com outras rigorosamente históricas. Reduz-se, no dizer de Fernando Guimarães, «ao campo dos géneros literários, tais como o romance, a épica ou a tragédia»; faz, diga-se, assim, em operações intelectuais, resultar, a estética, de situações antagónicas de real-irreal.

Ora, sem esquecer o historicismo necessário, como atrás referi, interessa-me, particularmente, incidir na realização estética-material, já que me parece que nem tudo resultará de termos dialécticos, tudo contràriamente, se resolverá em termos dialécticos. «Metamorfose» de Kafka coincide, não numa situação de real-irreal, mas, tão-sòmente, a transformação antibiológica do «caixeiro-viajante» é uma forma irreal de narrar uma situação real. Em outras palavras, o antagonismo da situação kafkiana é aceitável, sòmente, a posteriori, depois da leitura da obra.

Opto pela consideração despida de quaisquer valores conjuntos e faço recair este pequeno trabalho na destrinça do «realismo naturalista» e do «neo-realismo» a verificar, sòmente; quais, para este e para aquele, os processos de linguagem usados. Todavia, antes de me referir a estes aspectos quero fazer referência conjunta àqueles dois tipos literários.

Sobre eles vem lembrar Mário Sacramento que «não é o verismo naturalista o sentido que é intrinseco a uma estética neo-realista que sim o de uma revelação dinamizadora da subjectividade que apreende o real.»

Aqui nasce o segundo problema: a substância.

Na verdade, é essencial à elaboração de uma concepção de estética neo-realista a apreensão de uma realidade imediata feita em termos subjectivamente particulares e objectivamente generalizados. Assim, à localização precisa dos oitocentistas, substituiu-se, por exemplo, a «Fanga» de Alves Redol que deixa implícito ou através da rebeldia de «Manel Caixinha» o drama dos homens-de-praça de qualquer parte, não obstante a sua efectivação nos campos da Golegã.

É de facto importante ao

(Continua na 4.ª página)

PRÉMIO DE POESIA — 2.ª SEMANA

CANÇÃO PARA CATARINA

por José Agostinho Baptista

toca que toca
catarina quer-te ouvir

(os dedos descobrem o mundo:
um cigarro um livro um rosto)

toca senhor toca
em tarde de sol
em tarde de calma

(brusco irrompe o choro
breve
apenas o começo de um rio)

toca senhor toca
este realejo de infância
este maio a acabar

toca que toca
catarina é só espanto
e quatro estações a sorrir

(a boca é um silêncio
de palavras para um tempo
que há-de vir)

toca que toca
catarina quer-te ouvir

(e contudo o corpo agita-se
é seara campo flor
um fruto que amadurece)

toca senhor toca
catarina quer-te ouvir

PRÉMIO DE POESIA — 2.ª SEMANA

AINDA ME LEMBRO

por Mário Contumélias

Ela tinha lágrimas de vento, vento verde
vento-ventre, cor de sonho
Ela tinha verde-vento.
Tinha tempo todo o tempo, tinha vento
todo o ventre, ela tinha lábios sempre
sempre tinha lábios dentro, dentro tinha
vento verde, verde-ventre.

MAS ESTA NÃO É A HISTÓRIA DO QUE ELA TINHA

Tinha medo, medo sempre e o mar dentro
dentro-dente, ela tinha amor ausente
e perguntava então ao vento
vento verde, verde-ventre

MAS ESTA NÃO É A HISTÓRIA DO QUE PERGUNTAVA ELA AO VENTO.

Tempo tinha tinha tempo tempo exacto exacto
[tempo:
uma espera, um beijo, um aceno. Não trazia o
[vento
um ventre. (no ventre trazia ela: talvez futuro,
[mais
um aceno no cais, um beijo Mil laranjas duma
[cor de
inventar.

MAS ESTA NÃO É A HISTÓRIA DO QUE TRAZIA ELA NO VENTRE

Um filho vento verde, verde-ventre.
O vento: talvez um corpo pelas águas, um cais
Uma árvore, morto um corpo.
ESTA É APENAS A HISTÓRIA DE ELA ESPERAR

DO ESPANTO

por Tito Lívio

passamos
olheios
às súplicas
às mãos
aos rostos fechados.
calamos em nós
sentimentos
palavras
gestos
esmagados
ao longo dos passeios
caminhamos
um ar de espanto
um grito de ave ferida
e calados
uma manhã
morremos

PRÉMIOS DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

(3.ª SEMANA)

Poesia

ABEL JOSÉ DE SOUSA COSTA VIEIRA:

«POEMA»

Ensaio

LUÍS VASCO GOUCHA JORGE:

«DESPORTO: A IMPOSIÇÃO SOCIAL FAZ-SE; A NECESSIDADE PAGA-SE»

Conto

FERNANDO D'ASSUNÇÃO SOUSA:

«O ÚLTIMO DIA DE AGOSTO»

Fotografia e Desenho

Os Juris não reuniram

Que tens? Não dizes nada?

Por João Clemente

1.
olha como os espaços são donos das casas
e agora que faremos de nós
que longa espera teremos de forjar
e sinto nos dedos a água
quando abro a torneira
e é noite
é apenas noite
embora a luz esteja acesa
e o rádio fale dos astronautas
olha como ainda não me esqueço
das passadas águas
que transpirámos
passo a passo
nos dias tão cheios
de vozes mal dadas
agora só tenho esta casa
feita de longas paredes
apenas estes pobres objectos
que me restam

2.
tanto o tempo em que tudo isto aconteceu
olha que nos falamos sempre
tanto
e a coragem que nos abandonou
quando chorávamos uma dor diferente
mas tão igual
por melhores dias nós lutámos
no teu teatro
e na minha insuficiência
tanto o tempo em que tudo foi perdido
tanto
que nos abandonou a coragem
nesse tempo
agora partiu-se a clepsidra
contaremos o tempo pelas lágrimas

3.
mas olha mais uma vez
e que não seja a última
olha bem esta letra que é minha
nós sabemos já tudo
não mais precisaremos de nos dizer
as palavras que os outros dizem

PROFECIA

por Vasco Câmara Pestana

em cada dia prolongo os teus gestos
rios finíssimos
enormes trombas de água que sobem
até serem da nuvem o poema.

e sempre repito a construção do sonho.

no corpo já trago o lugar (natural) para a noite
quando se fechar a porta e a noite encerrar
a cidade e a multidão
quando se está sózinho a cidade alarga-se
as ruas têm o comprimento dos teus cabelos
as pessoas não sentem as ruas que mexem
no Princípio os homens sentiam a terra a rodar
hoje são crianças os homens embalados
trazem relógios. no lugar do coração trazem ci-
[dades

todos os dias nascem cidades vêm
nos braços das mães as cidades azuis
voam pousam à beira-mar
o mar vai ficando cercado
o mar existirá dentro dos olhos fechados
quando o poema for
um peixe colorido subterrâneo.

PRÉMIO DE CONTO — 2.ª SEMANA

O LAVAGANTE EM TRÊS PARTES

por Vasco Manuel Câmara Pestana

(1) O TÓRAX

O colchão precisava de ser cheio, fazia uma cova tangente ao chão a cabeça alta e depois um desnível e os pés na mesma linha dos olhos pregados no tecto inclinado manchado de amarelo a despregar-se em folhas encaracoladas, terminava na janela estancava no casario disforme contornado pelo rectângulo da janela, se esta se alargasse eu chegava ao mar, era como a linha de fronteira a demarcação fria de um país, lá dentro as casas ora altas ora baixas, brancas em baixo encarnadas em cima uma porta as janelas, os habitantes a entrarem a sairem, a roupa estendida — bandeiras onde predomina o branco. Já lá vai para cinco meses que moro aqui na água-furtada do número sete da rua da paz (nome dado por mim em homenagem é claro á roupa) aluguei-a em princípios de março á porteira uma velhota de sessenta anos — sim, sessenta menino, a trabalhar sem descanso todos os dias aqui ali comecei a servir na terra, mais tarde vim para cá a servir também, em boas casas, casas de gente fina fique sabendo — a casa é um cochicho este quarto, quatro passos por três de largura e uma casa de banho no andar de baixo, em frente da janela e pouco maior que esta há uma porta atada com cordas e perra como nunca vi outra, quase que não são precisas as cordas — aqui não vêm ladrões é tudo gente pobre, eles sabem mas às vezes a gente nunca sabe, eu mando cá o serralheiro. As paredes estão cobertas de fotografias de jornais revistas pinturas colagens prontas não prontas poemas assinaturas de amigos de muito talento (muito poucos os meus amigos) as pinturas no inverno desbotam a água infiltra-se e a tinta há-de escorrer até ao rodapé, em pingos grossos pesados espraia-se no chão desliza como um rio em tempo de inundação ao de cima vêm as formigas meio intoxicadas debatendo-se furiosamente no líquido, que desliza lentamente a ensopar os livros espalhados em montes dispersos misturados com meias sapatos beatas. Eu ficava a pensar no tecto que geomètricamente devia prolongar-se no espaço e não se limitar entre uma janela e uma porta, o tecto devia continuar o movimento iniciado só parar no chão, ou mesmo ir mais longe cortar em oblíquo o planeta aparecer na Nova Zelândia num glaciar e as telhas desbotando um fió de sangue a escorrer na neve como a tinta na parede. Já estou a imaginar a cara do Lopes a ver o telhado a crescer em direcção ao lavagante, o lavagante é uma cervejaria mesmo em frente do meu prédio, mais conhecida pela tasca do Lopes contra vontade do dono. A cervejaria tinha na montra um lavagante desenhado por um pintor de categoria meu futuro cunhado com todo o pormenor e as cores já viu são as naturais as letras tudo muito certinho, repare o rapaz é artista, mas o raio desta parvalheira de gente da coisa não caiu no goto e pronto que quer. O Lopes em frente da montra no seu posto a encarar de frente a lâmina ameaçadora que se aproximava aproximava cortava a montra, reduzia a tasca a uma água-furtada e no meio da confusão o lavagante a encher-se de ar, a dar ao corpo planificado uma forma em relevo e depois a escapar livre em direcção à praia sòmente com as pernas do Lopes a correm atrás, o telhado tinha-lhe feito um corte oblíquo no corpo passando pelo umbigo.

(2) O ABDÓMEN

Saio de casa desço as escadas a pique estreitas sem corrimão, não percebo porque ideia é que vim para aqui. Quatro cinco vezes ao dia subo e desço as escadas que me provocam vertigens — depois habitua-se não há nada com o tempo e como a força de vontade — sim deve ser isso as vertigens são uma consequência visível desta insegurança, pareço feito de muitos corpos que se sobrepõem por vezes deslocam-se divergem e eu divido-me tento apanhar cada um, reconstituir-me, como atrás do lavagante apenas corre o Lopes com as pernas, o lavagante é o símbolo do trabalho do Lopes é a representação palpável da sua luta por uma vida mais sólida, o Lopes divide-se entre uma contemplação, o símbolo, e uma vivência necessária, o bar os alicerces do símbolo. Ambas as partes se enroscam e são necessárias uma à outra como duas rodas dentadas que produzem um movimento sincronizado. Quando o símbolo é destituído de bases forma-se uma vertigem interior e logo depois exterior, então parece que as sucessivas partes sombras se desligam caem em desordem crescente, ou como se eu fosse um despertador de peças soltas que continua a fazer-se ouvir — O SÍMBOLOOOOO.

(3) A CABEÇA

No lavagante estava tudo com cara de enterro, o Lopes atrás do balcão reduzido àmetadedocorpoapartirdoumbigoparacima pelas mesas os tipos do costume hoje não falavam de futebol, apontavam comentavam a montra sem o lavagante, de fora podia-se ver até um terço do grande vidro os pastéis de bacalhau empilhados os camarões as letras da cor da pele do bicho rebelde, depois vim a saber que o seu autor também andava de corpo dividido em dois, era o seu melhor trabalho, coitado, um mês para fazer aquilo e toma era a paga, verdade verdadinha o tipo anda por aí doído com ametadedocorpoapartirdoumbigoparabaixo, e o Lopes de lá do fundo gritando — só agora é que vocês dão valor só agora. Descubro-te num canto timidamente encostada à parede, fazes um sorriso a toda a largura da face meneias a cabeça num gesto de censura, dizes que estavas farta de esperar que é sempre assim, parece que nem tenho relógio, oiço-te, talvez inconscientemente eu chegue sempre atrasado para te ouvir a tentares dar à voz um tom superiormente irritado e depois acabas a rir como sempre, eu peço uma imperial o pratinho dos tremoços, há-de dizer que faz pena o Lopes coitado tão dado tão orgulhoso do lavagante, eu respondo-te que acho natural habitual bem feito muito bem feito.

E desato-me a rir cada vez que reparo no que se passa à volta tudo tão transformado desequilibrado, formou-se uma vertigem dentro daquele cubozinho que é a tasca do Lopes magnífica maravilhosa sobrenatural a vertigem, a taberna é a minha barriga, o que nela sinto quando olho da janela do quarto quando desço as escadas e agora o Lopes na mesma situação. O planeta é que é a barriga e deus um homem altíssimo que a transporta e a população nós as cidades infernais as paisagens tudo a rodopiar a chocalhar lá dentro a dançar roda viva viva ora viva os planos inclinados por onde deslizam as paisagens os loucos e os quase loucos os mortos de loucura, a loucura é um sino toda a gente corre para a praça, vão-se suicidar — o suicídio é vertical é a queda dos próprios olhos é o desequilíbrio máximo vertigem ínfima — a morte. Explico-te isto tudo com gestos, com os gestos de toda a população da terra, saem-me do peito dos ombros dos olhos mil braços, a minha confusão é opaca é lisa é transparente é cheia de relevos é esférica é, até entornar a cerveja, o copo fica deitado na mesa cheia de espuma, o copo a rebolar a ir e a vir deslizando leve, o copo a dar à costa a ir e a vir no fim da tarde o fim da tempestade. Escrevo a noite, e a espuma da cerveja e a mesa é a praia. De noite o barulho das ondas, ficamos sentados a ouvir as rochas peixes cristalizados enormes com lábios cheios de cieiro e é da boca que vêm dois homens, trazem na mão o lavagante metido numa rede com as antenas de fora, apanharam o bicho, reparo no Lopes e no cunhadoartista com ametadedocorpoapartirdoumbigoparacima, ligada ametadedocorpoapartirdoumbigoparabaixo. Sorriem falam gesticulam, vêm felizes, orgulhosos apanharam o símbolo comum. Depois regressamos, no lavagante tudo é sossego, uma calma imensa e antiga volta a pousar na nossa rua, subimos as escadas a pique, estreitas, sem corrimão. Eu não tive vertigens.
Fazias-me lembrar um lavagante e disse-te.

A ESCOLA E A FAMÍLIA

(Continuação)

guns problemas, que se põem devido às diferentes condições sociais que afectam os alunos, são, problemas que transcendem a escola, põem-se à escala nacional — a escola não pode solucioná-los.

CARLOS BRANCO — Se os filhos de universitários, e os filhos de operários estão habituados a viver em meios diferentes, então, para conseguir a igualdade entre todos os alunos, estes deviam ser retirados à família e estudar em regime de internato. Assim viviam todos nas mesmas condições.

LUÍS RÓXO — Discordo em absoluto, porque os pais têm muita necessidade de estar em contacto com os filhos.

ANTÓNIO COELHO — Concordo com o Rôxo, porque a mãe por exemplo tem sempre saudades do filho.

MARIA LUÍSA CALVET — Mas porquê a mãe e não também o pai?

ANTÓNIO COELHO — Porque, por exemplo se morre uma pessoa que os meus pais conhecem, a minha mãe chora mais...

ROLANDO GALVÃO — Um dos aspectos que nesta conversa, os alunos focaram, e mais me impressionou, foi o aspecto das penalizações, que devem fazer-se de acordo entre a escola e a família. Porque duvido do carácter benéfico das penalizações que se usam habitualmente. A suspensão da frequência das aulas será um «castigo»?

REGULAMENTO DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

1. — FOSFORO FERRERO organiza, com o patrocínio do «Diário de Lisboa-Juvenil», um concurso denominado «Concurso de Letras e Artes» a iniciar em 15 de Maio e com encerramento a 1 de Julho do corrente ano.

2. — O concurso fica aberto a todos os jovens de ambos os sexos até ao limite de vinte e cinco anos de idade que não tenham qualquer livro publicado.

3. — São abrangidas as seguintes modalidades:

Reportagem ou ensaio.
Conto.
Poesia.
Fotografia.
Desenho, Pintura ou Escultura.

4. — As reportagens poderão fazer-se acompanhar de fotogafias, o que constituirá elemento valorativo.

5. — Os originais deverão ser inéditos, nunca publicados antes, total ou parcialmente.

6. — Não se impõem normas relativas à extensão dos originais, sendo certo, porém, que mais nos interessa a qualidade que a quantidade O sentido das realidades dos nossos concorrentes lhes aconselhará os limites a que devem atender tomando em linha de conta as possibilidades de espaço do nosso «Juvenil».

Apenas para a Reportagem ou Ensaio será permitida a continuação num «Juvenil» seguinte.

7. — As fotografias devem ser em papel brilhante, sem margens, formato 18×24.

8. — Os originais destinados ao concurso devem estar em nosso poder até sábado de cada semana.

9. — Não haverá devoluções.

10. — Os originais podem ser dactilografados. Considerando, porém, a dificuldade que a cópia à máquina suscita, aceitam-se os originais manuscritos.

Neste caso, só duas normas há a considerar:

1. — A letra deve ser bem legível;

2. — Os autores devem ficar com uma cópia em seu poder.

11. — A cada original premiado será atribuída a importância de quinhentos escudos. Isto significa que, durante as oito semanas do concurso, FÓSFORO FERRERO entregará em prémios a importância de vinte mil escudos.

12. — Os originais podem ser assinados com o nome do concorrente ou, se assim o preferirem, com um pseudónimo. Mas ainda neste caso a identificação é obrigatória.

13. — Da identifcação consta:

a) Nome completo.
b) Idade.
c) Profissão.
d) Morada.
e) Número de telefone, se o tiver.
f) Retrato tipo passe ou qualquer outro, para efeito de publicação, em caso de prémio.

14. — Os originais recebidos e que não tenham sido premiados ficarão em poder do «Juvenil», que poderá distingui-los com a publicação.

15. — Todos os originais deverão ser enviados a partir de hoje com o seguinte endereço:

«CONCURSO FÓSFORO FERRERO» — «Diário de Lisboa-Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa-2.

16. — Os casos omissos serão resolvidos pelo redactor-orientador do «Juvenil» tendo em atenção a valorização do concurso, o interesse do Suplemento e a Justiça devida aos concorrentes.

Cada concorrente pode enviar um número ilimitado de produções, numa ou várias modalidades. Mas cada qual em seu sobrescrito.

Os concorrentes só poderão ser premiados uma vez em cada modalidade.

Basta enviar uma vez os elementos de identificação. Os retratos devem trazer no verso o nome do concorrente para evitar extravio ou confusão.

ALGUMAS NOTAS PARA O NEO-REALISMO

(Continuação)

conceito de neo-realismo a localização espacial de substratos humanos, já que é neste aspecto, que não naquele, que os valores estéticos se individualizam. Assim, em «Gaibéus», daquele mesmo autor, esquecem-se os valores subjectivos da acção e essa situação de «pathos», que se apreende, é um fenómeno conjunto (experimentado pelos homens que vêm ceifar à borda d'água) e que nos é dado em termos dialécticos, antagónicos, psicológicos.

«O ceifeiro rebelde pende mais a cabeça para a seara, como se as torturas e as esperanças lhe pesassem.

As camisas e as blusas estão empapadas em suor. Os homens trabalham com as camisas abertas e mostram a cabelugem crespa dos peitos afogueados. As mulheres gostariam agora, mais do que nunca, de serem homens também.

A espaços metem as mãos nas golas das blusas e sacodem-nas para que o ar mesmo quente, lhes refresque os seios.

—Eh, lá!... Essas mãos!...

— Eh, Gente!...

Os pássaros não voam. Mas os ceifeiros trabalham.

A ceifa não pára — a ceifa não pára nunca.

O Agostinho Serra tem os seus encargos, fala deles a toda a hora, e se começa a chover apanha um boléu dos grandes. A senhora companhia não perdoa a renda da terra haja o que houver.

O processo é o de uma problemática de contradição: de um lado os gaibéus ceifeiros do outro o «Agostinho Serra» e a «Senhora companhia».

É a localização socio-espacial elemento substancial para que a estética neo-realista, um fenómeno que, em Portugal, e aqui entram os valores extrínsecos, foi (conforme Alves Redol no prefácio à 7.ª edição de «Gaibéus» «um sadio combate de juventude» que acalentava um «aparente desprezo por tudo o que não representasse literatura sem raizes sociais bem vincadas.»

II — Quando falo em circunstancialismo entendo-o na acepção de Alain. «A situação cósmica que nós não motivámos, nem quisemos, nem previmos e nos possui» (1). Porém, parece que esta situação carece de uma apreciação complementar, que consiste numa actividade dinamizadora, que a transforma numa outra situação que absorvemos e digerimos.

Daqui seria fácil a distinção entre a estética neo-realista e o verismo de situação. A forma como uns e outros captam estes valores diferenciaria os estilos, determinaria os processos.

Todavia, está-se na presença de uma renovação de conteudo que não logrou libertar, totalmente, o romance português das formas tradicionais em que «continuava enfeudado (...) sob a égide — gloriosa mas paralisante — de Eça de Queirós», afirma Luís Francisco Rebello (prefácio á 2.ª edição de «Bastardos do Sol» — Urbano Tavares Rodrigues).

Há que fazer algumas ressalvas a esta afirmação. Na ultima publicação de «Os Maias», de Eça de Queirós, lê-se, á página 316: «Carlos cumprimentou as duas irmãs do Taveira, magrinhas, loirinhas, ambas correctamente vestidas de xadrezinho: depois a viscondessa de Alvim, nédia e branca, com o corpete negro reluzente de vidrilhos, tendo ao seu lado a sua terna inseparável, a Joaninha Vilar, cada vez mais cheia, com um quebranto cada vez mais doce nos olhos pestanudos».

Eça recorre a uma superabundancia de adjectivos que lhe permitem, não já determinar ou qualificar, mas antes descrever e retratar. É esta adjectivação óptica, descritiva, que nos aparece transbordante de valor denotativo. Estamos em face de uma apreensão pura da realidade, isto é, o escritor estiliza com a palavra, que é o seu pincel com que pinta e retoca.

Ao contrário o epiteto neo-realista é mais estéril, naquele objectivo, é verdade, mas de maior força caracterizadora, embora esteja subalternizado pelo substantivo. Considere-se esta passagem de «O Hóspede de Job», de Cardoso Pires: «bem entendido, nada disto pode interessar a um taberneiro no seu negócio. Para ele cumprir o tempo, assistir á freguesia a horas tão enfadonhas como esta, já é muito. O homem aqui presente, trajando de negro, fita de luto no boné, cigarro apagado na boca, está, portanto, para além da curiosidade, para além dos soldados e da tenda. Consulta o relógio, puxa-o pela fita de nastro (também negra), mas verá sequer as horas? Não é de crer. O cigarro pendurado, seco, o cabo Três-Dezasseis ainda se justifica diante do copo de vinho, os recrutas tremem. É tudo».

Aqui, entendo que o que mais interessa não é que o homem esteja de «negro» ou que tenha um «cigarro apagado na boca». O importante é que os «recrutas tremem» e que o «cabo Três-Dezasseis ainda se justifica diante do copo de vinho» e que isto «é tudo». Trata-se não já de um adjectivo-descritivo, mas, antes, de um adjectivo-integrativo, carregado de força, de pujança e de vigor.

Nota-se, também, nas obras destes autores neo-realistas um período curto e preciso, a esbater relações complexas de uma subordinação circunstancial, mesmo quando o tom é poético, belo, humano: «Nos seus sonhos aquele sonha de poeta. O mar azul, sereno. Um castelo. Castelos de beijos. Um castelo vermelho porque os beijos são vermelhos. As ameias são uma espécie de beijos aos saltos» (transcrito de Marés).

A virtualidade neo-realista de se vincular á integração de elementos sociais na acção da obra literária, faz esquecer, por vezes, o conceito (aristotélico) da arte-beleza, para se interessar por uma arte que se refere ao homem-social, aos seus problemas e superação dos mesmos. Não quero dizer que se tenha abandonado a estilização correcta tradicional, completamente, pois que os processos em termos gerais são os mesmos. Mas há que apontar restrições e, além das referidas atrás, note-se que esta acção dinamizadora que afastou alguns autores do movimento presencista para o neo-realismo, obrigou a fixar valores que antes não foram necessários. E, por isso, enquanto em Carlos Oliveira, Cardoso Pires ou Redol se podem encontrar palavras como — sovar, embezerrado, gana, féria, quartel, amorrinhado, fanga, abegão, charola, boléu; encontram-se com mais facilidade em Camilo ou Eça estoutras — respeitabilidade, chique, luzidias, fulgores, nédia, pelucia, jasmim, biombo.

Para terminar, não quete, Luís Francisco Rebello, afirmar que o «romance permanecia fiel ao padrão naturalista desde meados do século anterior» mas, sóséculo anterior» mas, sómente, referir que entre os processos oitocentistas e os dos homens de 40 há uma pequena divergência de estilo que resulta, em relação de causa-efeito, de uma primeira ramificação — a «do sadio combate de juventude» pela literatura que não tivesse «raizes sociais bem vincadas».

NUNO J. S. SEBASTIÃO

---

(1) — transcrito — «A poesia da Presença e o aparecimento do neo-realismo», edição 1.ª, Porto, Fernando Guimarães — pág. 19.

FIM